O ANTIGO TESTAMENTO INTERPRETADO

VERSÍCULO POR VERSÍCULO

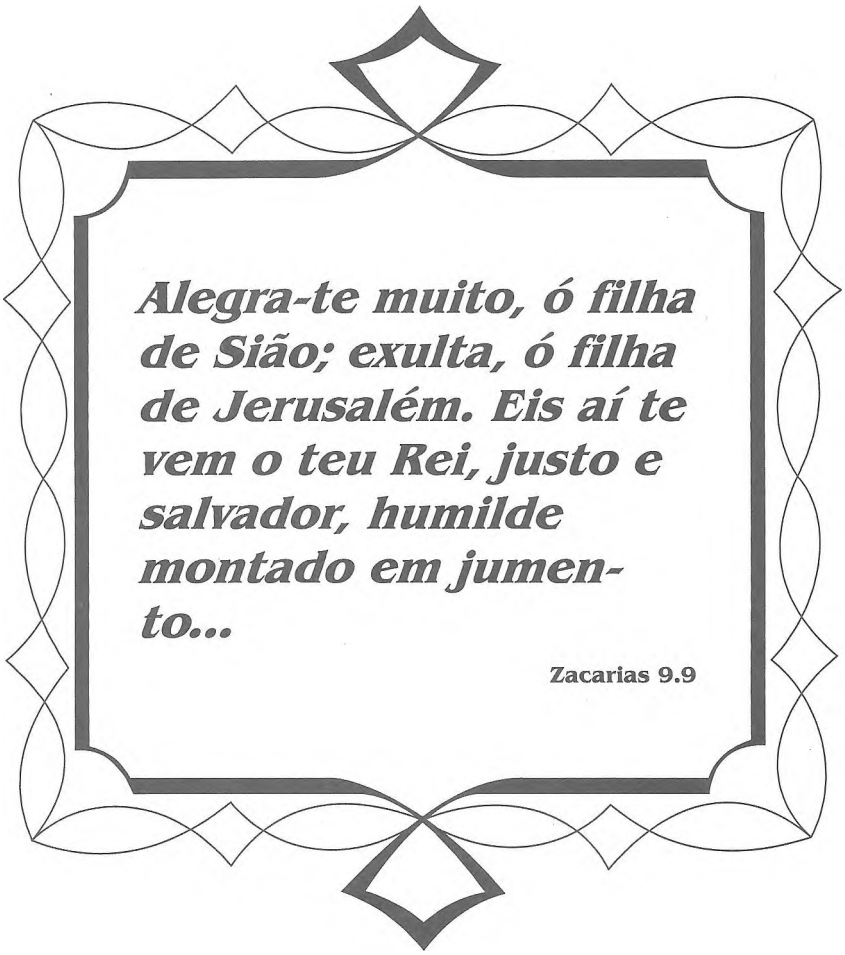
Autor
R. N. Champlin, Ph. D.

ZACARIAS

HAGNOS

ZACARIAS

O Livro mais Apocalíptico, Messiânico e Escatológico do Antigo Testamento


Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém. Eis aí te vem o teu Rei, justo e salvador, humilde montado em jumento...
Zacarias 9.9

Zacarias

14 Capítulos
211 Versículos

INTRODUÇÃO

I. Caracterização Geral
II. Autor e Unidade
III. Data; Origem; Destino
IV. Propósito
V. Conteúdo

I. Caracterização Geral

Zacarias era um contemporâneo mais jovem de Ageu e os dois trabalharam na mesma época e no mesmo local (Jerusalém, por volta de 520 A. C.). Assim, é correto chamar as profecias dos dois de "livros companheiros", já que eles se uniram nos esforços de corrigir os mesmos problemas espirituais dos exilados que retornaram a Jerusalém após o *cativeiro babilônico* (ver o artigo *no Dicionário*).

O livro (profecia) de *Zacarias* é uma composição de duas seções, formato comum em livros antigos. Quando se seguia esse plano, às vezes ambas as seções eram escritas pelo mesmo autor, às vezes não. Tais livros eram construídos de forma que a parte I podia circular separadamente da parte II. Zacarias é dividido em duas partes: Parte I, caps. 1-8 e Parte II, caps. 9-14. Liberais acreditam que a Parte II é um tipo de compilação de artigos (a maioria deles escatológica) por um ou mais autores ou editores, enquanto a Parte I é aceita por quase todos os estudiosos como produção genuína de Zacarias, o profeta, escrita na época que ela reflete, não por um autor posterior que tinha algum conhecimento da história e a escreveu como se fosse profecia. Sob a seção II, Autor e Unidade, entro mais a fundo nos problemas de relacionamento entre as duas partes e de autoria.

Os dois profetas entregaram seus oráculos na mesma época, mas parece que Ageu morreu ou se mudou de Jerusalém. Assim, de certa forma, Zacarias deu continuidade aos trabalhos de Ageu, que os dois haviam compartilhado enquanto este ainda estava em Jerusalém. Zacarias era um entusiasta que antecipou a revolução mundial na qual a nação hebraica viria à liderança e se tornaria Líder das Nações. Naquela época, presumivelmente, todas as nações abraçariam a fé hebraica e judaica, isto é, o yahwismo do Antigo Testamento. Zacarias foi um sacerdote-profeta que via o mundo através desses dois olhos e combinava a ênfase ética dos profetas anteriores ao exílio com a visão maior de futuro comum aos profetas posteriores.

Zacarias foi um dos chamados *Profetas Menores*, sendo o 11° dessa fraternidade. Os outros foram Amós, Oséias, Miquéias, Sofonias, Naum, Habacuque, Ageu, Obadias, Malaquias, Joel e Jonas, totalizando então 12 pessoas. Os *Profetas Maiores* foram Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel. Eles eram considerados *maiores* porque escreveram mais (suas profecias eram mais volumosas). Os profetas *menores* escreveram volumes menores. Não há nesses títulos nada de valor de comparação ou importância. Volume literário é a única referência dos dois termos.

Zacarias foi o mais messiânico e escatológico dos profetas menores e é rival até mesmo de Isaías, entre os grandes profetas. Há profecias mais messiânicas neste livro do que em todos os outros profetas menores combinados. Nos caps. 1.7 - 6.8, oito visões noturnas fazem uma descrição marcante sobre o futuro Messias. A segunda parte trata principalmente de questões escatológicas. Ver o esboço do conteúdo na seção V, que demonstra isso. Essa segunda parte também está recheada de referências messiânicas.

Teísmo. As visões e os oráculos garantem às pessoas que o Criador não as abandonou; que ele está presente para recompensar ou punir, conforme os homens tratam Sua palavra e instruções. Contraste isso com o *deísmo*, que assume que a Força Criativa (pessoal e impessoal) abandonou a criação ao governo da lei natural. Ver esses dois termos no *Dicionário*.

Dentro de, ao redor de e sob os oráculos e profecias há advertências drásticas aos espiritualmente preguiçosos e indiferentes que negligenciaram seu trabalho na reconstrução do templo e de Jerusalém. Ageu contribuiu com esses trabalhos e inspirou o povo a colocar as fundações do Segundo Templo. O trabalho então relaxou e foi propósito especial de Zacarias fazer com que ele andasse novamente, e então até sua conclusão. Zacarias viu mais do plano divino de "longo prazo" na teocracia dos judeus que Ageu, mas eles eram membros da mesma equipe.

II. Autor e Unidade

Zacarias é a palavra hebraica para "Yahweh lembra", ou, como dizem alguns, "Yahweh é famoso". Este é o nome mais popular no Antigo Testamento, designando 30 pessoas. Zacarias, o profeta, era o neto de Ido, líder de uma família de sacerdotes, e filho de Berequias (Zac. 1.1) Assim, era tanto sacerdote como profeta e via o mundo através desses dois olhos. Ele retornou a Jerusalém (provavelmente como criança ou jovem adulto) com os exilados do cativeiro babilônico e foi instrumental em fazer com que os exilados preguiçosos e relapsos renovassem o trabalho da construção do Segundo Templo, concluindo-o finalmente. Seu companheiro de tarefa foi Ageu, contemporâneo mais velho que essencialmente estava engajado no mesmo trabalho espiritual. Zacarias também foi contemporâneo de Zorobabel, governador da Jerusalém renovada, e de Josué, sumo sacerdote (Esd. 5.1, 2; Zac. 3.1; 4.6; 6.11). Zacarias nasceu na Babilônia, pertencia à tribo de Levi (que se tornou uma casta de sacerdote) e assim cumpriu os ofícios de sacerdote e profeta (Nee. 12.1, 4, 7, 10, 12, 16). Esdras o chama de "filho de Ido", mas ele era, mais estritamente, seu neto.

O livro foi composto ou compilado em duas partes. A Parte I (caps. 1-8) é universalmente reconhecida como trabalho genuíno de Zacarias, uma pessoa real que viveu por volta de 520 A. C. e entregou as profecias e instruções que são atribuídas a ele na Parte I. Alguns estudiosos chamam as profecias dessa seção de "datadas", pois sabemos a época aproximada em que foram escritas e entregues. O restante do livro, a Parte II (caps. 9-14), fica "sem data", pois não há evidência convincente de que foram escritas por Zacarias. Assim, temos um problema de *Unidade*. Zacarias, ou por profetas posteriores ou autores/editores. Se havia um autor envolvido, então é impossível determinar quem foi, e quando exatamente ele escreveu. O mesmo é válido se existiram mais autores. Muitas tentativas produziram "conclusões" tão diferentes que devemos questionar sua validade. Talvez sejam meramente *exposições* de temas proféticos anteriores, e não profecias novas.

Como a Parte II difere da Parte I, sugerindo diferentes autores:

1. Embora o propósito específico para a redação do livro tenha sido encorajar os exilados retornados a terminar o Segundo Templo, a segunda parte do livro sequer menciona essa tarefa. Isso indica, possivelmente, que, quando foram escritos os capítulos 9-14, a tarefa já havia sido terminada e não era mais necessário pedir.
2. Zac. 9.13 menciona *Yawan* (isto é, *Iônia*), que as traduções corretamente fornecem como *Grécia*, e isto mostra que o Poder Persa havia passado e o Poder Grego (Império Grego) estava no controle quando foi escrita a segunda parte. Dificilmente poderíamos esperar que Zacarias tivesse vivido tanto.
3. As visões e os ensinamentos éticos da Primeira Parte estão essencialmente ausentes, enquanto muitas profecias escatológicas, ou comentários sobre profecias anteriores, assumiram seus lugares. Isto sugere que o livro tenha sido concluído por outro autor ou editores/autores, usando materiais de fontes diferentes.
4. A Parte I está em prosa, enquanto a Parte II aparece em forma poética.

Como a Parte II se assemelha à Parte I:

1. Expressões semelhantes são encontradas, como "assim diz Yahweh" e "de passar através e retornar", a primeira sendo comum aos profetas, mas a segunda um tanto rara. Para a segunda, cf. Zac. 7.14 e cf. 9.8. Em português, é "... para que ninguém passe, nem volte".

2. Senhor dos Exércitos, como um dos nomes divinos, encontra-se em ambas as partes. Por outro lado, esse é um nome divino comum em todo o Antigo Testamento.
3. A Parte II é definitivamente posterior, mas talvez Zacarias pudesse tê-la escrito, sendo que uma das principais preocupações da Parte I não mais existia. Mas ele podia ter vivido no período grego (Zac. 9.13)?
4. Sião é central, e Israel virá a dominar o cenário mundial. Este é um momento para preparar a salvação de Deus. Há um universalismo marcante: todas as nações participarão das bênçãos e da renovação da época final. Há uma necessidade de liderança decisiva. Essas épocas são encontradas em ambas as partes, mas também são comuns aos escritos proféticos posteriores do Antigo Testamento no geral.

Unidade. Se as Partes I e II tivessem sido escritas pelo mesmo autor, mesmo que demonstrassem uma progressão de tempo, então diríamos que o livro é uma unidade, não duas unidades agregadas como se devessem formar uma unidade, mas escritas por autores diferentes de épocas diferentes. A evidência parece dar apoio à idéia de que o livro consiste em duas unidades distintas, relacionadas, mas não do mesmo autor nem da mesma data. Se esse for o caso, não temos como identificar o(s) autor(es) posterior(es).

III. Data; Origem; Destino

Data. Com base na discussão da seção II, podemos concluir que a Parte I, genuinamente escrita por Zacarias, data de 520 A. C. e dos poucos anos posteriores. A data da segunda parte é posterior, pelo menos no período de dominância grega, após 350 A. C. Pelo menos parte do livro foi escrita tão tarde quanto isso, como determinado pela presença da referência à Grécia em Zac. 9.13.

Origem. O livro foi escrito em Jerusalém, onde Ageu e Zacarias atuavam como profetas entre os exilados que retornaram do cativeiro babilônico. Pelo menos a Parte I foi escrita ali, enquanto a Parte II pode ter sido escrita em algum outro lugar, o que é impossível de determinar.

Destino. O livro foi escrito como uma exortação ao remanescente que retornou do cativeiro babilônico e deveria terminar a tarefa de construção do templo. Essas exortações obviamente se aplicavam a todo Judá, não apenas àqueles que haviam voltado a Jerusalém.

IV. Propósito

Os exilados voltaram a Jerusalém com entusiasmo, mas logo isso acabou. Trabalho duro os havia deixado cansados e eles estavam dispostos a permitir que o templo permanecesse parcialmente terminado. Além disso, eles haviam perdido zelo pela renovação do yahwismo na Nova Jerusalém. O livro foi escrito para agitar o povo apático; para refutá-los por sua grande variedade de pecados e para mobilizá-los a acabar o Segundo Templo e estabelecer seu culto como a religião nacional. Uma atitude relaxada precisou ser substituída por fortes prioridades espirituais. O povo precisou voltar a manter um relacionamento viável de pacto com Yahweh, renovando os antigos *Pactos* (ver a respeito). Uma teocracia devia ser restabelecida, e o povo tinha de ter fé na restauração de todas as coisas e nações sob a liderança de Israel. O povo precisava ser entusiástico sobre a Esperança Messiânica.

V. Conteúdo

Generalização. Este é um livro de duas partes que segue um antigo formato literário.

A *Parte I* contém as profecias autênticas de Zacarias que podem ser datadas de cerca de 520 A. C. e poucos anos depois disso. A Parte I consiste nos capítulos 1-8, que contêm as oito visões com alguns oráculos. Nessa parte foi inserida uma seção histórica (6.1-8), que narra a consagração de Josué como o Ramo simbólico (Messias). 7.1 - 8.23 é outra seção histórica que contém um oráculo do profeta que examina a questão de se deve haver ou não jejum para comemorar a queda de Jerusalém em 597. A Parte I está em prosa.

A *Parte II* é um grande discurso escatológico em poesia, que parece ser um tipo de sumário e comentário sobre temas proféticos que podem ser encontrados tanto nos Profetas Maiores como também nos Menores. Esta parte é bastante messiânica e as interpretações afirmam que ele fala tanto da rejeição como da aceitação final do Messias pelos judeus, com a subseqüente renovação daquela nação e a restauração universal de todas as coisas ao redor de Israel, como a Líder das Nações.

Conteúdo detalhado:
Parte I
Introdução. 1.1-6: Rechaço da apatia e do pecado
I. *Oito Visões Noturnas* (1.7 - 6.8)
1. Os cavalos (1.7-17)
2. Os quatro chifres e os quatro ferreiros (1.18-21)
3. Jerusalém é medida (2.1-5)
4. O sumo sacerdote acusado por Satanás é justificado por Deus (3.1-10)
5. O castiçal de ouro e as sete lâmpadas (4.1-14)
6. O rolo voador (5.1-4)
7. A mulher e a efa (5.5-11)
8. Os quatro carros (6.1-8)

Duas Seções históricas
1. A consagração de Josué, um tipo de Messias (6.1-8)
2. Um oráculo sobre se a queda de Jerusalém deve ser lembrada com jejum (7.1 - 8.23)

Parte II
II. *Dois Obstáculos* (mensagens pesadas) (9.1 - 14.21)
1. O primeiro advento do Messias: Sua rejeição (9.1 - 11.17)
2. O segundo advento do Messias: Seu triunfo (12.1 - 14.21)

Através do ofício do Messias, haverá restauração generalizada de todas as nações sob a liderança de Israel. O yahwismo, afinal, triunfará. Os propósitos universais de Deus serão alcançados.

Ao Leitor

Provi uma detalhada *Introdução* ao livro, para ajudar o leitor sério em seus estudos. Essa introdução trata de temas e problemas importantes como pano de fundo; unidade do livro; autor; data; lugar de origem; destinatários; motivos; propósito; canonicidade; condição do texto; conteúdo; teologia. O profeta Zacarias, juntamente com Ageu e Malaquias, teve um ministério pós-cativeiro babilônico em favor do remanescente que tinha retornado a Jerusalém. Ver sobre esse cativeiro no *Dicionário.* Ver na introdução a Oséias o *gráfico* sobre os profetas do Antigo Testamento, o qual inclui informações cronológicas. Ver também a seção IV da *Introdução,* chamada *Data.*

Zacarias é um dos chamados *Profetas Menores,* dos quais há doze. O termo *menor* não é um julgamento quanto à importância desses profetas, mas somente uma referência à quantidade relativamente pequena de material que eles escreveram. Os chamados *Profetas Maiores* (Isaías, Jeremias e Ezequiel) são assim chamados devido à grande quantidade de material bíblico que eles publicaram. Os doze profetas menores eram agrupados juntamente num só rolo, como se formassem um único livro, pelos eruditos judeus que o chamavam de "o livro dos Doze".

Zacarias compartilhava do zelo de Ageu quanto à construção do segundo templo. Ele promovia uma comunidade purificada e apresentava forte esperança messiânica. Esse profeta, entretanto, tinha uma abordagem diferente dos outros profetas: ele empregava o estilo literário das visões noturnas, dos diálogos com Yahweh e dos anjos intérpretes. A imagem do pensamento apocalíptico judai-

co é desenvolvida aqui acima de qualquer outro livro do Antigo Testamento, e esse desenvolvimento prosseguiu no período intermediário da composição dos livros apócrifos e pseudepígrafos. "Os quadros messiânicos do Príncipe da Paz e do Deus Pastor ferido em favor do rebanho notadamente prefiguravam o delineamento de Cristo, segundo o Novo Testamento" (*Oxford Annotated Bible*, na introdução ao livro).

"Zacarias é o livro mais messiânico, mais verdadeiramente apocalíptico e escatológico dentre todos os escritos do Antigo Testamento" (George L. Robinson, *Internacional Standard Bible Encyclopedia*, em artigo sobre o livro de Zacarias). Existem cerca de 40 citações ao livro de Zacarias no Novo Testamento.

O livro de Zacarias surgiu em uma época na qual a esperança messiânica passava por importante crescimento. Isso não significa que o profeta visse esse dia como distante. Não há no livro nenhum discernimento acerca da igreja ou de algum longo período de tempo que teria de escoar-se antes da vinda da era do reino de Deus. Portanto, as profecias trazem a clara indicação de que os últimos dias agora não estavam mais distantes. O mesmo é verdadeiro, naturalmente, no que diz respeito ao livro de Apocalipse, no Novo Testamento. Todos os aspectos da visão profética de Zacarias parecem que acontecerão em pouco tempo. As profecias do Novo Testamento não formavam exceção. O cristãos primitivos esperavam a volta imediata ou quase imediata do Senhor Jesus Cristo.

EXPOSIÇÃO

Capítulo Um

Convite ao Arrependimento (1.1-6)

O remanescente judeu que retornou da Babilônia já havia caído na indiferença para com o Senhor e em múltiplos pecados. Contudo, eles esperavam as bênçãos de Yahweh. Era mister convidar esse povo ao arrependimento, visto que ciclos de melhoria espiritual eram sempre seguidos por surtos de desvio ou mesmo de franca apostasia. Os vss. 1-6 atuam como prefácio do livro inteiro. As *oito visões* que se seguem prometem muitas coisas boas à nação restaurada de Israel. As condições dos antigos pactos precisavam, entretanto, ser satisfeitas, para que aquelas bênçãos fossem adquiridas. Esses pactos não proviam licença para o povo retornado de Judá viver de forma dissoluta. Cada geração tinha de ser obediente a fim de receber o poder beneficente de Deus.

"*Zac. 1.1-6.* Uma declaração da missão do profeta, e uma intensa exortação ao povo para que se voltasse para o Senhor, a fim de que Ele se voltasse para eles. Isso é dado juntamente com uma *advertência* para que eles não caíssem no erro de negligenciar a palavra de Deus, que mostrara ser tão fatal a seus pais" (Ellicott, *in loc.*).

Título (1.1)

1.1

No oitavo mês do segundo ano de Dario veio a palavra do Senhor ao profeta Zacarias. O calendário hebraico dos dias pré-exílicos ia de outono a outono. Durante o exílio babilônico, entretanto, os judaítas adotaram o calendário babilônico, que começava o ano na primavera. Os judeus descontinuaram os nomes judaicos para indicar os meses. Nos dias pós-exílicos os meses eram simplesmente referidos por números sucessivos. Esse uso se reflete em Ageu e Zacarias. Gradualmente, os nomes babilônicos dos meses foram adotados pelos judeus. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Calendário Judaico* e *Calendários Babilônico, Assírio e Caldeu.*

No oitavo mês. Os hebreus chamavam esse mês de *bul,* correspondente ao nossa outubro-novembro (ver I Reis 6.38; cf. Ageu 1.1). Zacarias (em contraste com Ageu) usualmente não cita os dias do mês, mas ver Zac. 1.7 e 7.1 quanto a exceções à regra.

Segundo ano de Dario. Note o leitor como a data mencionada por Zacarias cai entre as datas fornecidas por Ageu 2.1-9 (o sétimo mês) e Ageu 2.10 (o nono mês). O *ano,* porém, é o mesmo em ambos os livros.

A Palavra de Yahweh. A maioria dos livros proféticos do Antigo Testamento começa com essa observação para assegurar-nos que a mensagem era de inspiração divina, tendo Yahweh como fonte originária e o profeta-escritor do livro como seu porta-voz autorizado. Ver no *Dicionário* os verbetes *Revelação; Inspiração* e *Profecias, Profetas e Dom da Profecia.*

Zacarias. Quanto ao que se sabe e se conjectura sobre este profeta, ver no *Dicionário* a III seção do artigo chamado *Introdução, O Autor, Zacarias.*

1.2

O Senhor se irou em extremo contra vossos pais. *Israel-Judá* quase sempre estava necessitado de arrependimento. Uma marca de rebeldia corria pela raça inteira, que já se podia perceber nos patriarcas e nos primeiros líderes da nação. O livro de Juízes revela-nos o balanço contínuo entre o julgamento contra o pecado e a restauração, formando um ciclo que se repetia interminavelmente. Até parecia que o ouvido dos hebreus era adverso às revelações dadas por Yahweh, sempre as contradizendo, sempre delas se desviando. Portanto, não nos admira que os judeus dos dias de Zacarias não fossem diferentes, a despeito do fato de que só recentemente tivessem sofrido o tremendo castigo do *cativeiro babilônico* (ver a respeito no *Dicionário*).

Vossos pais. Estão em pauta todos os hebreus do passado, mas particularmente os pais da geração desviada que foi punida pelo ataque dos babilônios e pelo cativeiro. As pessoas endereçadas aqui eram seus descendentes diretos, mas que nada tinham aprendido da lição do arrependimento. Eles já haviam começado a desviar-se para seus próprios interesses e negligenciavam a reconstrução de Jerusalém e de seu templo. Cf. Ageu 1.2-6. Os pais tinham promovido a idolatria-adultério-apostasia, e aqueles que tinham voltado do cativeiro já haviam começado a descer por esse triste caminho descendente.

1.3

Tornai-vos para mim, diz o Senhor dos Exércitos, e eu me tornarei para vós outros. Quão estranho foi que o *remanescente judaico que havia retornado* da Babilônia teve de ser convocado a "retornar" a Yahweh. Quão lentamente aprendem os homens, a despeito de seus sofrimentos! Esse retorno era *moral.* Não era bastante estar "de volta" na Terra Prometida. O coração de um judeu precisava estar fixo no Deus eterno, e não apenas em uma localização geográfica específica. Conforme dizia Sêneca: "O de que precisais é de uma mudança de coração, e não de uma mudança de céu" (isto é, de localização geográfica). A nação de Judá teve sua mudança de céu, mas poucos judeus experimentaram a mudança de coração. Ver em Prov. 4.23 e, no *Dicionário,* o artigo denominado *Coração,* onde tratamos com mais detalhes essa metáfora.

Os homens podem levantar-se sobre degraus
Partindo de seu próprio "eu" morto
para coisas mais elevadas.

(Tennyson)

O Senhor dos Exércitos. Note o leitor que no presente versículo esse nome divino foi empregado por *três vezes!* No hebraico, "Yahweh dos Exércitos", título divino usado 14 vezes no livro de Ageu e 47 vezes no livro de Zacarias. O outro nome divino comum neste livro é, simplesmente, *Yahweh.* A expressão "Yahweh dos Exércitos" fala do poder de Deus para exercitar poder e vontade soberana. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Soberania de Deus.* Note também o leitor que Yahweh intervém nos negócios humanos. O Criador intervém em Sua criação, recompensando e punindo em consonância com a lei moral. A isso chamamos de *Teísmo* (ver a respeito no *Dicionário*). Em contraste, o *Deísmo* (ver também no *Dicionário*) ensina que o poder criador (pessoal ou impessoal) abandonou a sua criação aos cuidados das leis naturais.

1.4

Não sejais como vossos pais, a quem clamavam os primeiros profetas. Cf. este versículo com Amós 2.4 quanto ao mau exemplo dado pelos pais daquela geração. Também poderiam estar em foco os antepassados remotos dos judeus (até mesmo os patriarcas, que cometeram seus erros) ou então os pais mais imediatos, aqueles que foram para o cativeiro babilônico, poucos dos quais sobreviviam nos dias de Zacarias. Cf. Zac. 7.7,12. Ver também Jer. 17.23; 29.19 e 36.31. Um pai deve a seus filhos três coisas: *exemplo; exemplo; exemplo.* Ver também as notas no vs. 2 deste capítulo. Yahweh ficara insatisfeito com aqueles réprobos que estabeleciam mau exemplo para seus descendentes. Os pais daqueles homens ímpios tinham sido convidados a voltar-se para Yahweh, mas se recusaram, preferindo os prazeres doentios de uma vida pecaminosa. Eles, pois, não *ouviram* os apelos divinos. Quanto a *ouvir,* ver Sal. 64.1, apta metáfora que indica o ato de *agir* conforme o que fora ordenado. Aqueles homens pecaminosos (a geração anterior) tinham sido exilados. Seus descendentes tinham retornado da Babilônia, mas *não para Yahweh,* de quem se tinham distanciado na mente e no coração. Yahweh voltou-se para eles fazendo um amoroso apelo, mas eles se afastaram em indiferença e ódio. Os judeus, de volta do cativeiro, atiraram-se às suas anteriores veredas pervertidas.

A culpa deles era agravada pelo fato de que eles não somente possuíam a lei, mas também ouviam com freqüência a voz dos profetas, que os exortava a voltar-se para Yahweh, contudo eles se recusavam a *obedecer* à lei e a *ouvir* os profetas.

1.5-6

Estes dois versículos contrastam as *pessoas* (profetas e pessoas que os ouviam) que estavam mortas e já haviam desaparecido, com a *palavra* dos profetas que viviam e continuavam a trabalhar, realizando seus propósitos. Em algumas ocasiões, as palavras pregadas produziam arrependimento, e, quando isso acontecia, pelo menos as advertências removiam toda a desculpa para os atos errados. Seja como for, a palavra mostrou-se *eficaz.* O argumento de Zacarias era que a palavra de advertência dada realizaria os seus propósitos, e feliz era o homem em acordo com o propósito de Deus. Os julgamentos *testemunhados* provavam a veracidade das advertências e, algumas vezes, esses testemunhos mostravam-se eficazes em produzir o arrependimento. Alguns judeus, entretanto, eram duros e coisa alguma podia demovê-los de seguir seus próprios caminhos, nem mesmo o sofrimento e a morte. Os profetas morreram, mas não a luz da profecia.

Cf. o versículo com Isa. 14.24. "Tudo na terra é transitório e perecível, exceto a vitalidade da vontade e do propósito de Deus" (Theodore Cuyler Speers, *in loc.*). A grama e a flor murcham, mas a palavra de Deus permanece para sempre (ver Isa. 40.8). "A Palavra e a Vontade de Deus não estão mortas, mas vivem para

CITAÇÕES DE ZACARIAS NO NOVO TESTAMENTO

O livro do Antigo Testamento mais citado no Novo Testamento é Salmos. O livro profético mais citado é Zacarias. Existem cerca de 40 citações e alusões ao livro no Novo Testamento. Assim, o livro é o mais messiânico, apocalíptico e escatológico do Antigo Testamento.

Referências em Zacarias	Livros do NT que Citam Zacarias	
9.9	Mateus	21.5
12.12		24.30
2.6		24.31
14.5		25.31
11.12		26.15
13.7		26.31
11.13		27.9 ss.
8.6	Marcos	10.27
9.11		14.24
13.7		14.27
12.3	Lucas	21.24
9.11		22.20
9.9	João	12.15
12.10		19.37
11.4	Romanos	8.36
12.1	I Coríntios	2.11
9.11		11.25
8.17		13.5
8.23		14.25
8.16	Efésios	4.25
6.11 ss.	Hebreus	10.21
12.40		10.29
9.11		13.20
1.3	Tiago	4.8
3.4	Judas	vs. 23
12.10, 12, 14	Apoc.	1.7
4.10		5.6
1.8		6.2,4 ss.
1.12		6.10
6.5		7.1
1.6		10.7
12.3		11.2
4.2 ss.		11.4
3.1 ss.		12.9
12.11		16.16
3.1 ss.		20.2
2.10 ss.		21.3
14.8		21.6: 22.1
14.11		22.3
14.8		22.17

N.B. O evangelho de Mateus, de modo geral, tem mais citações do Antigo Testamento do que os outros evangelhos.

sempre. Os corpos dos pais jaziam e mofavam no sepulcro, mas a verdade de Deus continua marchando" (Raymond Calkins, *in loc.*).

As Visões de Zacarias (1.7 - 6.8)

1.7

Este versículo introduz a última série de visões. Ver o *gráfico* acompanhante sobre as visões e as informações gerais sobre elas. E também temos uma nota cronológica: as visões começaram a ser dadas no vigésimo quarto dia do décimo primeiro mês (do segundo ano de Dario; vs. 1). Isso aconteceu cinco meses depois do reinício da construção do segundo templo (ver Ageu 1.14,15; 2.15), três meses depois da primeira profecia de Zacarias (1.1), dois meses depois da última profecia de Ageu (2.20). Essa profecia concernente à destruição dos poderes mundiais terá de ocorrer antes do governo milenar do reino de Deus. Cf. Ageu 2.21-23. O tempo foi meados de janeiro a meados de fevereiro de 519 A. C.

A *fonte originária das visões é* "a palavra do Senhor", fator comum de toda a profecia bíblica. A declaração introduz quase todos os livros proféticos. Agora a palavra produz *visões*. Ver no *Dicionário* o artigo *Visão (Visões)*. Zacarias estava sujeito a elevadas experiências místicas. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Misticismo.*

Mês de sebate. Este era o nome babilônico do décimo primeiro mês, que os judeus adotaram após o exílio. Os antigos nomes hebraicos para os meses caíram em desuso. Os livros de Zacarias, Ester e Neemias usam nomes babilônicos para falar dos meses do ano, e essa prática tem persistido entre os judeus até os tempos modernos. Ver as notas em Zac. 1.1 quanto ao calendário usado entre os judeus a começar pelo cativeiro.

As notas biográficas são repetidas a partir do vs. 1. Ver a *Introdução* ao livro, seção III, quanto a informações sobre Zacarias.

Os Quatro Cavaleiros (1.8 - 17)

1.8

Tive de noite uma visão e eis um homem montado num cavalo vermelho. Encontramos aqui a *primeira* das oito visões. Elas são uma demonstração da palavra de Yahweh, resultando da mensagem divina. O significado essencial é a ira de Deus contra as nações e Suas bênçãos sobre a nação restaurada de Israel. Deus enviou seus quatro cavaleiros a patrulhar a terra e a reunir informações sobre os eventos mundiais vindouros. A destruição do mundo antigo produzirá o novo mundo, a era do reino de Deus. Poderes pagãos serão derrubados pelos mesmos julgamentos que castigaram o povo de Deus.

Os quatro cavalos eram de cores diferentes, que os identificavam: vermelhos, baios e brancos (vs. 8). Esses cavalos tinham uma tarefa dada por Deus, a qual nos transmite informações sobre Israel-Judá.

Três Elementos: 1. uma descrição do que era visto; 2. uma explicação do que fora visto; 3. uma intercessão feita pelo anjo do Senhor (vss. 8,9-11,12 respectivamente).

As visões foram dadas à noite a Zacarias, período propício para as experiências místicas, quando o cérebro está relaxado e o espírito toma conta das coisas sem o empecilho da percepção dos sentidos. O homem é Yahweh, que liderava os outros cavaleiros em sua patrulha, ou era um anjo-chefe (vs. 11) a quem foi dada essa tarefa. Cf. Zac. 2.1. Ver a menção ao anjo intérprete no vs. 9. Quanto a informações gerais, ver no *Dicionário* o artigo chamado *Anjo.*

Entre as murteiras. A Septuaginta diz aqui "montanhas", que alguns tradutores preferem como texto original. As árvores estava em um *vale,* no hebraico, *meculah,* palavra de significado incerto. Parece que esse termo quer dizer "oco" ou "bacia", podendo ser referência a alguma área próxima de Jerusalém, mas agora perdida para o nosso conhecimento. O primeiro cavalo era *vermelho.* Talvez esteja em pauta um julgamento *sangrento*, mas o autor não dá nenhuma interpretação sobre as cores, pelo que qualquer interpretação será insegura.

Cavalos vermelhos, baios e brancos. Os cavalos vermelhos podem ser marrom-avermelhados. As palavras hebraicas para *baios* e *brancos* são encontradas somente aqui em todo o Novo Testamento, mas as cores exatas correspondentes são desconhecidas, deixando os tradutores inseguros. É fútil tentar encontrar significados ocultos nessas cores. Os cavalos de diversas cores servem somente para distinguir os quatro animais. Adam Clark fala somente em "gradações de poder", simbolizadas pelas cores. Fausset opina: "O *branco* indica a vitória e o triunfo para Judá", mas todas essas conjecturas podem ser ignoradas com segurança.

1.9

Meu Senhor, quem são estes? O anjo principal é indagado quanto ao significado da visão, e responde com prontidão. Quanto ao *questionamento* do profeta, cf. Zac. 1.19; 4.4,11; 5.6 e 6.4, onde encontramos a mesma mensagem. É bom buscar entendimento espiritual, e existem poderes à nossa disposição que nos dão entendimento. Não estamos sozinhos neste mundo. O sobrenatural está muito próximo de nós. E também existe aquela bendita realidade: o ministério dos anjos (ver Heb. 1.14). No *Dicionário*, o artigo chamado *Anjos* explica o ministério que os anjos exercem em nosso favor. Quanto ao anjo que falava com o profeta, ver Zac. 1.11,13,14,19; 2.3; 4.1,4,5; 5.10 e 6.4. Esse anjo é distinguido dos atores secundários do drama. O anjo principal tornou-se o guia do profeta Zacarias quanto à questão das visões, mas temos guias e guardiães para toda a nossa vida e existência.

1.10

Então respondeu o homem que estava entre as murteiras. O anjo principal, que estava entre as murteiras (montanhas, de acordo com a Septuaginta), tinha uma resposta engatilhada, porquanto sabia tudo sobre as coisas. A tarefa dele era transmitir aos homens a palavra divina. O anjo principal, juntamente com os outros três anjos, totalizando quatro (um número completo), foi enviado a patrulhar a terra e recolher informações. Diz o hebraico, literalmente, "ir por toda a terra", que parece ser uma expressão militar para indicar uma equipe de patrulha. Da mesma maneira que os reis persas enviavam mensageiros montados por todo o seu vasto império, para manter em boa ordem as coisas, também Yahweh enviava Seus anjos ao seu mundo, dentro do qual estava Judá, Seu filho. Alguns vêem aqui o Cristo preexistente, mas esse parece ser um refinamento exagerado do texto.

A Tua verdade continua sendo aquela Luz
Que guia as nações que tateiam o seu caminho;
Tropeçando e caindo em uma noite desastrosa,
E, no entanto, esperando sempre pelo dia perfeito.

(Theodore Parker)

1.11

Eles responderam ao anjo do Senhor, que estava entre as murteiras. Os três anjos subordinados entregaram ao anjo principal seu relatório, informando que estavam realizando fielmente sua tarefa e tinham encontrado a terra em repouso e tranqüila. Era a calmaria antes da tempestade. Mas Israel não estava descansando, e as coisas iriam piorar. Os judeus haviam sofrido os 70 anos de cativeiro na Babilônia, e enfrentariam os golpes desferidos de potências estrangeiras diversas. No segundo ano do governo de Dario (vs. 7), as coisas estavam descansando, mas esse não foi o fim da história. Além do mais, mesmo naquele tempo Israel estava dominado por uma potência pagã que podia fazer qualquer coisa que provocasse desgraças e tristezas. "Judá continuaria na insegurança enquanto florescessem as nações pagãs" (Ellicott, *in loc.*).

1.12

Ó Senhor dos Exércitos, até quando não terás compaixão de Jerusalém...? O anjo principal se dirigiu diretamente a Yahweh, chamando-O de Yahweh dos Exércitos, título usado 47 vezes neste livro. Ele quis saber por quanto tempo o sofredor povo de Judá (que tinha terminado seus 70 anos de cativeiro na Babilônia) ainda teria de esperar para receber a misericórdia divina que lhes desse alívio e vitória. Era necessária uma intervenção divina para libertar Israel da dominação estrangeira, de modo que eles pudessem elevar-se como cabeça das nações, durante a era milenar do reino de Deus. "Os 70 anos (586-520) não foram exatamente 70 anos. Essa frase revela as esperanças que repousavam sobre as palavras de Jeremias (25.12; cf. Hab. 1.2)" (D. Winton Thomas, *in loc.*).

"Esses escritos nos fornecem encorajamento para vivermos em um tempo no qual as forças do materialismo e da tirania pareciam arrebatar as melhores realizações do homem no exílio" (Theodore Cuyler Speers, *in loc.*).

1.13

Respondeu o Senhor com palavras boas, palavras consoladoras. Neste contexto, vemos o poder controlador de Deus. O Senhor Deus estava em Seu trono, bem como neste mundo, eventualmente. A mensagem dada através do anjo tinha por propósito consolar, uma vez que as operações divinas tivessem endireitado as coisas. Era uma mensagem de amor (vss. 13-14); de ira contra os malfeitores e as forças de oposição (vs. 15); de bênçãos divinas a uma nação de Israel liberada (vss. 16-17). O Criador continua intervindo em Sua criação (indivíduos e nações), recompensando e punindo, em harmonia com as leis morais. É a

AS OITO VISÕES DE ZACARIAS

Zacarias teve oito visões poderosas em uma única noite! O próprio anjo do Senhor forneceu as interpretações, garantindo que o profeta tivesse um melhor entendimento. Esperança foi dada ao pequeno fragmento de Israel. Inimigos fortes não durariam para sempre.

A Essência das Visões	Referência	Significados Principais
1. O cavalo vermelho entre as murteiras	1.7-17	A ira de Deus castigará as nações; restauração e bênçãos para Israel.
2. Os quatro chifres e os quatro ferreiros	1.18-21	Os julgamentos furiosos de Deus castigarão os inimigos de Israel.
3. O agrimensor e o seu cordel de medir	Cap. 2	No futuro, bênçãos divinas cairão sobre Israel como a chuva.
4. A purificação e a coroação de Josué como sumo sacerdote	Cap. 3	O próprio Israel será purificado e restabelecido como nação sacerdotal.
5. O candelabro de ouro e as duas oliveiras	Cap. 4	Israel tornar-se-á uma luz para as nações no reino do Messias, o Rei-Sacerdote.
6. O rolo volante	5.1-4	Alguns israelitas sofrerão um julgamento severo.
7. A mulher e o efa	5.5-11	Os pecados e a rebelião de Israel serão anulados.
8. Os quatro carros	6.1-8	Julgamentos divinos sobre as nações gentílicas.

1. EMPIRISMO. Ganhamos conhecimento através das percepções dos sentidos. Este é o método empírico, aperfeiçoado no método científico, que emprega máquinas para melhorar o rendimento.
2. RACIONALISMO. A mente humana tem afinidade com a Mente divina e pode ultrapassar as percepções dos sentidos com um raciocínio disciplinado. Questões éticas estão dentro da esfera do raciocínio.
3. INTUIÇÃO. É possível ganhar conhecimento sem o método empírico e sem o raciocínio. O homem tem poderes intuitivos que entregam conhecimento imediato, sem meios.
4. PSIQUISMO. O homem é um ser espiritual e tem poderes psíquicos como telepatia, retrocognição e precognição, poder de curar e sonhos instrutivos e proféticos. Tais poderes podem ser perfeitamente naturais e utilizados negativa ou positivamente.
5. MISTICISMO. Misticismo oriental é o contato do homem com seu ser mais alto, o sobre-ser (alma, espírito), através do qual o homem aprende alguma coisa por meio de intuições, revelações, visões etc. O misticismo ocidental é o contato do homem com uma força exterior, do próprio ser como Deus, o Logos, anjos, espíritos etc. Através deste contato que vem em visões, sonhos, intuições, revelações, o homem ganha conhecimento. O misticismo oriental é subjetivo. O misticismo ocidental é objetivo.

Visões, sonhos espiritualmente significantes, revelações, intuições, são subcategorias do misticismo. Ver este título do *Dicionário*. As visões de Zacarias foram experiências místicas, segundo a definição que estou dando. O misticismo bíblico (revelação) representa uma intervenção divina na vida humana.

Os meios do conhecimento são todos dons de Deus e não estão em competição. O *antiintelectualismo* (ver no *Dicionário*) é uma visão míope do conhecimento.

isso que chamamos de *Teísmo* (ver a respeito no *Dicionário*). Contrastar essa idéia com o *Deísmo*, que afirma que uma força criadora (pessoal ou impessoal) abandonou sua criação ao governo das leis naturais. Ver no *Dicionário* os artigos denominados *Soberania de Deus* e *Providência de Deus*.

1.14

E ele me disse: Clama: Assim diz o Senhor dos Exércitos. Embora Jerusalém-Judá já tivesse sofrido muitas dores, e embora ainda houvesse mais dores, Yahweh dos Exércitos não vivia inconsciente do estado deles. De fato, Ele tinha ciúmes de Seu povo, e se encarregaria de derrubar seus opressores, quando chegasse o tempo aprazado. Isso implica a ação amorosa de uma pessoa amada. O hebraico diz, literalmente: "ciumento com grande ciumento". Isso fala sobre o Seu zelo requeimante pelo bem-estar dos judeus (cf. Zac. 8.2). Ele protegeria e abençoaria Seu povo, com quem estava em relação de pacto. A ira de Deus que tinha purificado Israel-Judá seria o mesmo poder que se voltaria contra os oponentes e opressores do povo judeu (vss. 18-21). "Tenho por eles forte afeto; e sinto indignação por seus inimigos" (Adam Clarke, *in loc.*). "... o ciúme, que expressa o seu afeto conjugal... seu zelo pelo bem-estar deles, e sua indignação contra os seus inimigos" (John Gill, *in loc.*). "... um amor ciumento..." (Ellicott, *in loc.*). Ver Êxo. 20.5; 34.14; Deu. 4.24 e Jos. 24.19).

1.15

E com grande indignação estou irado contra as nações que vivem confiantes. Os povos pagãos viviam no lazer, mas o desprazer e a indignação requeimante de Deus contra esses povos aumentavam. O tempo do golpe estava próximo. Em seguida, encontramos a estranha declaração de que Yahweh estava "um pouco indignado" contra o povo judeu, mas que as nações gentílicas tinham exagerado ao atacar Israel-Judá, indo além do que era necessário para serem um látego divino. Por causa desse exagero, elas teriam de pagar o preço. "Embora às nações estivesse destinado oprimir a Judá..., elas ultrapassaram os limites da tarefa que Deus lhes havia determinado e, assim sendo, aumentaram os infortúnios de Judá (cf. Isa. 10.5-7; Miq. 7.8; Oba. 12)" (D. Winton Thomas, *in loc.*).

"As nações adicionaram às calamidades ultrapassando os limites que Deus tinha pretendido para punir a Israel (cf. Isa. 47.6)" (F. Duane Lindsey, *in loc.*). Em outras palavras, as coisas, por assim dizer, saíram do controle divino.

1.16

Portanto, assim diz o Senhor: Voltei-me para Jerusalém com misericórdia. O povo judeu tinha retornado do cativeiro babilônico. A compaixão de Yahweh estava com eles. Eles lançaram os alicerces do templo e iniciaram o trabalho de restauração. Yahweh dos Exércitos estava com eles, dotando-os de poder e força. O Arquiteto do céu mediu a cidade visando sua reconstrução. Cf. Jer. 31.38-40. Ageu 1.4,9 mostra que Jerusalém estava parcialmente ocupada, embora continuasse sendo essencialmente um montão de ruínas. "Uma linha para medir e assinalar os confins. Cf. 2.1,2" (Ellicott, *in loc.*). "A linha de medir é usada para edificar não apressadamente, mas com regularidade medida; não somente o templo, mas também a própria Jerusalém, deveriam ser reconstruídos (ver Nee. 2.3; ver também Eze. 41.3; 42-44 e 45.6" (Fausset, *in loc.*).

1.17

As minhas cidades ainda se transbordarão de bens. Tempos de consolo, força e prosperidade substituiriam o desânimo do povo judeu, o qual, sob grandes dificuldades, tentava reconstruir o templo e a cidade. O cumprimento maior dessas palavras espera pelo milenar e futuro reino de Deus. Cf. este versículo com Zac. 8.3; Isa. 44.26; 51.3; 54.8-10; Jer. 31.38,39.

Então que o mundo tolere a sua ira;
Que a igreja renuncie ao seu temor;
Israel deve viver através de cada era,
E ficar sob o cuidado do Todo-poderoso.

Transbordarão de bens. Esta é uma boa tradução, porque a palavra hebraica implica uma abundância grande e transbordante. Todo o povo de Israel será convertido e salvo (ver Rom. 11.26). Será demonstrado que Deus os havia escolhido, embora eles tivessem sido recusados por algum tempo. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Restauração de Israel.*

Os Quatro Chifres e os Quatro Ferreiros (1.18-21)

1.18

Levantei os meus olhos, e vi, e eis quatro chifres. Encontramos aqui a segunda dentre oito visões. Ver as notas de introdução em Zac. 1.7. O significado essencial é que os julgamentos de Deus ferirão as nações que afligiram Israel. O chifre é símbolo de força, de poder, visto que os animais que possuem chifres os utilizam para atos defensivos e ofensivos contra os inimigos. Esses chifres representam as nações poderosas que assediaram Israel. Os quatro ferreiros, por sua vez, representam as punições divinas que devem cair sobre os opressores. Tais ferreiros deveriam destruir os chifres. Tudo isso deve acontecer antes que a era do reino possa ser instalada na terra. Cf. a seção com Sal. 75.4,5; Dan. 7.19-27. Os agentes de Yahweh (os ferreiros) dispersarão os inimigos de Israel (ver Isa. 54.16,17).

Uma nova visão foi dada ao profeta. O profeta levantou seus olhos espirituais, à noite, e contemplou a maravilha dos chifres. Tal como na primeira visão, ele precisou de ajuda para poder compreender a segunda visão. Cf. a declaração do vs. 18 com Zac. 2.1; 5.1,9; 6.1; Dan. 8.3; 10.5. Cada vez que o profeta levantava os olhos, via uma nova maravilha, cheia de significação para Israel. Os chifres eram como os cornos de um carneiro ou bode (cf. Dan. 8.3-8). Aqui, em contraste com as visões de Daniel, não vemos nenhuma referência a animais, mas devemos compreender algo parecido com o que Daniel viu.

1.19

Perguntei ao anjo que falava comigo: Que é isto? Tal como aconteceu no vs. 9, o profeta precisou solicitar ajuda do anjo, para compreender o que ele estava vendo. Essa expressão ocorre nas oito visões: "Que é isto?" (ver Zac. 1.9,19; 4.4; 5.10 e 6.4). Na quinta e na sexta visão, o anjo perguntou ao profeta se ele sabia o sentido das visões: ver Zac. 4.2,5,13 e 5.2. Quanto às lições que podem ser extraídas das circunstância das inquirições, ver as notas expositivas sobre o vs. 9.

Aquelas nações hostis, como se fossem touros que estivessem marrando, tinham espalhado Judá, Israel e Jerusalém, o que provavelmente é uma alusão ao cativeiro assírio da nação do norte, Israel, bem como ao cativeiro babilônico do sul, Judá. O vs. 21 deixa de fora a nação de Israel, pelo que alguns críticos pensam que a palavra foi adicionada aqui por algum editor, que estava interessado em uma natureza "completa" no tocante à história total do povo de Israel. Cf. este versículo com Dan. 7.24 e Apo. 17.12.

Fazer os quatro chifres corresponder aos quatro grandes impérios gentílicos dos capítulos 2 e 7 do livro de Daniel sem dúvida é um refinamento exagerado do texto. Quatro é o número completo, porquanto um quadrado tem quadro lados, e se há alguma coisa simbolizada pelo número quatro, talvez tenhamos aqui o sentido mais claro.

1.20

O Senhor me mostrou quatro ferreiros. Correspondentes aos quatro chifres que espalham, temos os quatro ferreiros, cuja tarefa era aterrorizar (*Revised Standard Version*; vs. 21) os chifres e derrubá-los (NCV; vs. 21). Aqui temos Yahweh a fazer a revelação, mas devemos notar que essa revelação foi feita pelo anjo principal ou porta-voz (vs. 19). Os ferreiros eram agentes da destruição divina, mas não recebemos nenhuma identidade específica. Os intérpretes refinam em demasia o texto, falando de reis específicos, como Nabucodonosor, Ciro, Cambises e Alexandre, o Grande, que seriam chicotes usados por Deus para derrubar as potências que os antecederam.

1.21

Então perguntei: Que vêm estes fazer? Não devemos procurar detalhes exatos na interpretação do versículo à nossa frente. A revelação foi dada mediante termos gerais, e deve ser deixada dessa maneira. Não devemos tentar precisar reis ou nações destruidoras. O princípio geral é aquilo que nos convém compreender. Assim como houve poderes (chifres) que espalharam e perseguiram Israel-Judá, também haverá poderes (ferreiros) que aterrorizariam e derrubariam aqueles chifres. O resultado será a liberação e a restauração de Israel. A escolha dos ferreiros, como forças representativas de Yahweh, talvez se deva à idéia de que os pagãos faziam grandes ídolos de metal. Os chifres eram fabricantes de ídolos de metal. Assim sendo, o labor deles seria anulado pelo desmantelamento de suas imagens de escultura. Ou então os chifres seriam cortados pelos instrumentos pesados dos ferreiros. Algum simbolismo como esse estava presente na mente do profeta, quando ele escreveu essas descrições. "... cabia a eles vir com malhos, limas e outros instrumentos para destruir aqueles chifres, os quais, sem dúvida, foram concebidos como se tivessem sido feitos de ferro" (Adam Clarke, *in loc.*).

Por isso os abati por meio dos profetas;
pela palavra da minha boca os matei.

(Oséias 6.5)

A Lição. É Deus quem concede a vitória, finalmente e em última análise. Ele derruba os orgulhosos e poderosos. As forças irresistíveis da retidão e da verdade com freqüência não parecem estar ganhando a batalha. Abraão Lincoln, o libertador dos escravos dos Estados Unidos da América, foi dado como morto quando

nasceu. Mas ele estava apenas quieto por algum tempo. Assim também, por muitas vezes, os poderes do bem estão temporariamente quietos, mas chega finalmente o dia em que o mal tem sua queda necessária e inevitável. As palavras de Jesus foram proferidas em meio ao ruído e à confusão da sociedade humana, e pareciam estar caindo no chão, sem nenhum efeito. Mas continuam conosco até hoje, transformando a todos quantos a ouçam.

Passará o céu e a terra, porém
as minhas palavras não passarão.

(Mateus 24.35)

Capítulo Dois

O Anjo com a Linha de Medir (2.1-13)

Encontramos aqui a terceira das oito visões noturnas dadas a Zacarias por meio da inspiração de Yahweh. Ver as notas de introdução em Zac. 1.7. A essência dessa mensagem divina é que as futuras bênçãos de Deus a Israel serão amplas e incluirão proteção absoluta. Jerusalém será um lugar tão grande e com uma população tão numerosa que a construção de uma muralha ao seu redor se tornará uma tarefa impraticável.

2.1

Tornei a levantar os meus olhos, e vi, e eis um homem. Quanto à linha de medir, cf. Zac. 1.16; Eze. 40.3,4; Apo. 11.1; 21.15-17. Jerusalém foi medida a fim de ser construída uma muralha de proteção, mas, visto que Yahweh seria a muralha da cidade, o processo da medição foi interrompido (vss. 4-6). O profeta levantou os olhos no meio da noite. Seus olhos espirituais veriam ainda outra maravilha. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Revelação.* Cf. Zac. 1.8 e 1.18 quanto à visão espiritual do profeta, que lhe possibilitou receber suas oito visões.

Iluminados os olhos do vosso coração,
para saberdes qual é a esperança do seu chamamento,
qual a riqueza da glória da sua herança nos santos.

(Efésios 1.18)

Homem. Ou seja, um ser parecido com um homem, mas devemos compreender a presença de um anjo, tal como em Zac. 1.8. Há a mediação angelical do começo ao fim. Ver as notas expositivas sobre Zac. 1.9.

2.2

Então perguntei: Para onde vais tu? Ele me respondeu: Medir Jerusalém. Quando o anjo se apressava, o profeta indagou onde ele ia com tanta pressa. A resposta foi que ele estava indo a Jerusalém para medir a cidade, presumivelmente por ordem de Yahweh. A medição resultaria na construção de uma muralha protetora (vs. 4). O anjo estava em uma missão equivocada, mas que eliminava uma opção. Algumas vezes tomamos uma decisão meramente para eliminar opções, quando não fazemos idéia clara do que é melhor. Até mesmos os anjos algumas vezes não sabem o que é melhor, e precisam de instruções de seres superiores; quanto mais nós, meros mortais! Ocasionalmente, Deus chegou a acusar Seus anjos de "imperfeições" (Jó 4.18). E o que dizer dos homens, a despeito de suas boas intenções? É como alguém me disse certo dia: "Deus lhe envia até ali a fim de ser capaz de dizer-lhe para ir a algum outro lugar". Nesse caso, uma missão equivocada pode ser, na realidade, um passo na direção de uma missão verdadeira. Sem dúvida, existem desígnios divinos nos falsos começos, e quantos erros todos nós cometemos durante nossa vida! Por conseguinte, em um sentido bem real, podemos dizer que até passos dados em uma direção errada podem ser determinados pelo Senhor, se forem prelúdio a uma nova e mais definitiva liderança. Alguns não vêem a construção da muralha aqui. Se essa opinião está correta, então a medição da cidade foi meramente para formar uma idéia das grandes dimensões que Jerusalém teria, tanto com respeito ao território quanto em relação à sua população e à bênção divina. Mas ligando entre si os vss. 2 e 3 certamente concluímos que a medição da cidade tinha por finalidade construir uma muralha em torno dela.

Para ver. Cf. Zac. 1.18; 5.1,9 e 6.1. Uma nova visão é introduzida por esta frase, mas todas as visões estão vinculadas dentro da mesma corrente espiritual. Os vss. 1-2 dão o conteúdo da visão; os vss. 3-13 dão a comunicação da visão.

2.3

Eis que saiu o anjo que falava comigo. O anjo principal (o anjo intérprete), que acompanhava o profeta, encontrou-se com outro anjo e imediatamente fez parar o anjo que corria para ir cumprir sua missão de medir a cidade para a construção de uma muralha. Em outras palavras, outro anjo foi despachado pelo anjo principal para fazer estacar a missão do anjo corredor dos vss. 1-2. As intenções daquele anjo eram boas, mas sua idéia estava equivocada. Yahweh tinha coisas maiores em mente que aquele ser celestial não antecipara. O próprio Senhor seria a muralha. Para esse tipo de Muralha, nenhuma medição era requerida. Temos aqui uma importante lição: o plano divino é sempre maior que a compreensão humana. O que Deus finalmente faz, dentro da história humana, com a redenção-restauração, será maior do que os homens imaginam com suas teologias limitadas. Os homens não conseguem antecipar o que a grandeza de Deus fará.

O anjo que falava comigo. Ou seja, o anjo principal, o anjo intérprete. Ver Zac. 1.8,9,13,14,19.

2.4

E lhe disse: Corre, fala a este jovem. Não havia necessidade de medir a circunferência da cidade para construir em torno dela uma muralha. Portanto, o anjo principal despachou outro anjo atrás do anjo apressado, para que este não realizasse a tarefa inútil e consumidora de tempo. Jerusalém seria uma cidade grande e populosa, cheia de gente, de gado e, talvez, de aldeias satélites. Era simplesmente grande demais para que ali se construísse uma muralha. Na antiguidade, as pequenas aldeias não tinham muralhas. Somente as cidades maiores eram fortificadas e circundadas por muralhas. Embora fosse uma grande cidade, Jerusalém seria como uma aldeia, quanto a um aspecto: não contaria com muralhas. Jerusalém rejeitaria toda a idéia de uma muralha restritiva... Os homens constroem muralhas em torno de seis credos e pensam que nada mais há para aprender. A verdade, porém, não pode ser contida dentro dos credos dos homens. Contudo, os homens são fanáticos quanto a usar seus credos para definir limites teológicos, bem como quanto ao que pensam ser ou não heresias. Há muita arrogância nos credos e nas denominações, que se tornam medidas para estagnar a verdade. O Deus deles é pequeno demais. Mas a muralha de separação entre judeus e gentios caiu na igreja (ver Efé. 2.14,15). Conforme a verdade avança, muitas muralhas tombam. A mente dos homens não pode confinar o infinito, e a verdade é uma aventura. Daí a necessidade da livre investigação.

2.5

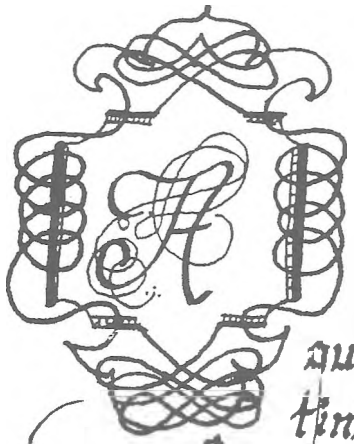
Pois eu lhe serei, diz o Senhor, um muro de fogo em redor. O próprio Yahweh seria a Muralha da cidade, isto é, sua defesa e única fortificação. Ele deveria ser a glória da cidade. Cf. Isa. 26.1. Quanto à idéia de glória, ver Hab. 1.8 e também Isa. 60.19. Alguns estudiosos interpretam isso como a presença pessoal do Messias na Jerusalém da era do Reino; mas o texto falava sobre Yahweh, e não sobre o Messias. Ele estará presente com Seu povo, como nos dias antigos, no templo, nos ensinamentos, na influência pessoal. Ezequiel concebia a volta da glória divina futura a um templo ideal. Ver Eze. 43.3-5.

Um muro de fogo. Ou seja, uma muralha que não poderia ser ultrapassada pelos inimigos: uma muralha de segurança absoluta. Não uma muralha de tijolos, mas uma muralha de fogo divino é que seria defesa segura para a cidade. Cf. Zac. 9.8. A muralha de fogo era um artifício comum dos antigos para proteger os homens dos animais ferozes. Este versículo pode fazer alusão a essa prática antiga. Somente a Muralha divina poderia confinar a cidade. Somente a mente divina pode limitar a investigação. Os limites que os homens impõem à verdade quase sempre são os limites de sua própria mente, não limites verdadeiros. Quase todas as grandes descobertas científicas surpreendem não somente os homens comuns, mas também a própria comunidade científica. Os pioneiros são aqueles que ignoram os limites que os homens impõem sobre as coisas, por possuírem uma visão mais penetrante.

2.6

Eh! Eh! Fugi agora da terra do norte, diz o Senhor. O convite para ir para casa: vss. 6-13. Para que os ideais da visão se concretizassem, Israel teria de voltar para casa. O oráculo divino dos vss. 6-9 é uma aplicação prática da visão anterior. Os judeus teriam de abandonar a Babilônia, porque um grande e divino propósito estava operando em Jerusalém. Sião já se regozijava. Muitas nações haverão de prestar lealdade a Yahweh, e esses povos estarão sob os cuidados Dele. Mas Jerusalém será o objeto especial de Sua preocupação e bênção.

Yahweh determinou que Seu povo fugisse da terra do norte. A bênção de Deus não estava naquela terra de escravidão e paganismo. Os quatro ventos deveriam ceder seus cativos para que o propósito divino pudesse prosseguir. Uma dispersão violenta, por parte daqueles ventos, será pacificamente anulada. Quanto aos inimigos do norte, ver Jer. 1.14; 3.18; 4.6 e outras passagens. Ver também Eze. 1.4 e 26.7. O convite se dirigiu especificamente aos judeus que continuavam no exílio e não quiseram voltar com os primeiros judeus que retornaram do cativeiro babilônico.



Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse Caridade, seria como o metal que soa ou como o sino que tine. E ainda que tivesse o DOM de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse Caridade, NADA seria. E ainda que distribuísse toda minha fortuna para o sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e NÃO tivesse Caridade, nada disso ME Aproveitaria.

1 aos Coríntios 13
1-3

Caligrafia de Darrell Steven Champlin

AMOR

O círculo do amor de Deus não teve início
e não terá fim. O amor de Deus inspirou e
garantiu a execução da

missão tridimencional

do Logos. Ele ministrou e ministra na terra,
no hades e nos céus para ser tudo para todos,
- afinal.

***

O amor de Deus é *real* universalmente
- não meramente potencial
O amor de Deus será absolutamente *efetivo*,
- afinal
Limites de pedra não podem conter o amor.
E o que o amor *pode* fazer, isso o amor
ousa fazer.

(William Shakesperare)

***

O oposto de injustiça não é justiça - é *amor*.

*** *** ***

Justiça sem misericórdia é tirania.

(Jaime Cardinal Sin)

Quanto aos quatro ventos (que sopram dos quatro pontos cardeais), cf. Zac. 6.5 e Eze. 37.9. Sempre que o povo de Deus estiver "lá fora", deverá ouvir o chamado divino e apressar-se para o lugar da restauração.

2.7

Eh! Salva-te, ó Sião, tu que habitas com a filha de Babilônia. Este versículo reforça o anterior: "Apressa-te, povo de Jerusalém! Escapa da Babilônia" (NCV). Muitos judeus tinham-se estabelecido na Babilônia e conseguido boa adaptação. Agora, estavam prosperando. Eles se sentiam em casa, mas, na realidade, não estavam em casa e precisavam renovar seu compromisso com a capital do estado judaico.

Filha de Babilônia. O termo "filha" foi usado pela primeira vez para referir-se às aldeias satélites de uma cidade grande ou principal; mas essa palavra veio a indicar o povo inteiro de uma cidade ou estado. Cf. com a "filha de Sião" (Isa. 1.8); "filha do Egito" (Isa. 46.24); "filha de Judá" (Lam. 2.2); "filha de Jerusalém" (Miq. 4.8).

2.8

Para obter ele a glória, enviou-me às nações que vos despojaram. Yahweh dos Exércitos (nome divino que aparece 47 vezes neste livro) fala da palavra que deve ser cumprida, pois Ele é Soberano. Quem quer que ferisse o povo de Deus estaria ferindo o que era precioso ao próprio Yahweh, tal como um olho é algo precioso para qualquer homem.

Na menina do seu olho. Está em foco a pupila do olho e, metaforicamente, o que há de mais precioso, aquilo pelo que um homem tem afeto especial. Cf. Deu. 32.10 e Sal. 17.8. A pupila do olho é parte delicada e sensível de nosso corpo. A pupila do olho é vulnerável. Requer cuidado todo especial. A expressão "menina do olho" originou-se da minúscula imagem que é vista refletida no olho de alguém, quando esse alguém olha para alguma coisa. Portanto, a imagem que é vista no olho é a menina refletida no olho da pessoa. O hebraico original diz, literalmente, maçã ou portão, que algumas traduções retêm. O acádico diz aqui *babu*, expressão que quer dizer portão, e esse pode ser o significado da palavra hebraica em foco. O árabe diz *bab*.

2.9

Porque eis aí agitarei a minha mão contra eles. Yahweh ergue Sua mão contra aquela gente. Seus anteriores escravos haveriam de roubá-los e enfraquecê-los. Quando isso acontecesse, tornar-se-ia evidente que Yahweh dos Exércitos requeimava contra eles e estava mudando a cena no palco do drama humano. Um rearranjo estava sendo efetuado entre as nações. A Babilônia estava no caminho descendente. O profeta seria vindicado quando essas coisas acontecessem, porquanto ele as havia profetizado. Os medos e persas, que tinham vivido em subserviência à Babilônia, tornar-se-iam senhores dos babilônios e haveriam de saqueá-los, tal como antes tinham sido saqueados pelo babilônios. Quanto à *Mão divina*, ver no *Dicionário* e em Sal. 81.14. Para *mão direita*, ver Sal. 20.6. Para *braço*, ver Sal. 77.15, 89.10 e 98.1.

2.10

Exulta e alegra-te, ó filho de Sião. À medida que a Babilônia declinasse e os medos e persas surgissem, a posição de Israel-Judá melhoraria. Haveria uma restauração em Jerusalém e isso provocaria grande júbilo e triunfo. A "filha de Sião" (ver o vs. 7) será especialmente favorecida pelos propósitos de Deus, uma vez mais operando em seu meio. De fato, a *Presença* retornará ao Segundo Templo, mesmo tendo abandonado o Primeiro Templo, quando a apostasia havia atingido u grau intolerável. Naturalmente, o cumprimento maior de tudo isso se volta para a era do reino de Deus. Ver Zac. 8.3 e Isa. 2.1,2. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Shekinah*. Cf. João 1.14, sobre a presença do Logos com os homens, por ocasião da encarnação.

2.11

Naquele dia muitas nações se ajuntarão ao Senhor. A restauração de Israel será o núcleo da restauração mundial de todas as nações da terra. Ver Miq. 4.1,2 quanto a esse ensino. Ver também Isa. 2.2-4;; 11.9; 42.6; 49.6; 56.3,6; Ageu 2.7; e Zac. 8.20-23; 14.6. Jerusalém tornar-se-á a capital política e espiritual do mundo. Ver Rom. 11.26 e também, no *Dicionário*, o artigo chamado *Restauração de Israel*. Quando coisas assim sucedem, fica óbvio que profetas como Zacarias tinham falado com a autoridade de Yahweh dos Exércitos (título divino que figura 47 vezes no livro de Zacarias). Estamos abordando profecias sobre a era do reino de Deus, embora cumprimentos preliminares houvessem tido cumprimento no tempo do profeta. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Milênio*.

2.12

Então o Senhor herdará a Judá como sua porção na terra santa. Uma vez mais, Yahweh tomará possessão de sua antiga herança, a saber, a nação de Judá, na qual Israel estará vivendo. O *pacto abraâmico* (ver as notas sobre Gên. 15.18) será cumprido. Jerusalém será, uma vez mais, a capital da nação. "Terra Santa" é nome alternativo para a Palestina. Esta é a única instância da expressão no Antigo Testamento, embora ela se tenha tornado muito comum nos tempos posteriores e continue sendo. Cf. Sabedoria de Salomão 12.3 e II Macabeus 1.7. Essa terra é "santa" por causa dos santos propósitos ali realizados e por causa da santa presença que passara a ali habitar. O templo, centro do culto santo de Yahweh, estava ali. Essa era a terra dos profetas e da mensagem que veio a ser condensada no Antigo Testamento, e, mais tarde, no Novo Testamento. Quanto a esse lugar como a herança de Deus, cf. Deu. 4.20; 9.29; 32.9 e Zac. 8.3.

2.13

Cale-se, toda a carne, diante do Senhor. Yahweh se levantou e saiu de Sua residência celestial, onde estivera descansando, em aparente indiferença (ver Sal. 10.1; 28.1; 59.4) e realizou poderosa obra de restauração. Antes de coisa tão tremenda, é apropriado que todos os homens e nações permaneçam em silêncio perante o Senhor. "Fazei silêncio, todos... O Senhor está saindo de seu Lugar Santo onde ele vive" (NCV).

"A raça humana inteira se inclinará em silêncio e respeito perante o Deus Todo-poderoso" (F. Duane Lindsey, *in loc.*). Ele tem silenciado o conflito universal. "Enchei-vos de temor, respeito e espanto diante da obra maravilhosa de Deus, a destruição do anticristo, a conversão dos judeus e o chamado dos gentios. Que eles não ousem abrir a boca e dizer uma palavra contra essa obra maravilhosa" (John Gill, *in loc.*). Cf. este versículo com Deu. 26.15; Jer. 25.30; Isa. 63.15; Sof. 1.7 e Hab. 2.20.

Capítulo Três

Purificação e Coroamento de Josué, o Sumo Sacerdote (3.1-10)

Encontramos aqui a quarta das oito visões noturnas dadas a Zacarias por meio da inspiração divina. Ver as notas introdutórias em Zac. 1.7. A essência desta visão é a nomeação de ministros divinamente autorizados para Israel, bem como a futura purificação do pecado de Israel e a reinstalação da nação sacerdotal. Ao que tudo indica, Josué foi acusado de não estar preparado para seu ofício sumo sacerdotal. Ele precisava ser vindicado. Provavelmente o pano de fundo histórico disso era que o povo que não tinha ido para o exílio possuía seus próprios sacerdotes enquanto o remanescente estava distante. Quando eles voltaram, Josué, de repente, afirmava ser o sumo sacerdote. Ele precisava ser instaurado em seu ofício e ser aceito pelo povo. Assim também o próprio povo de Israel precisou ser reintegrado após a longa dispersão entre as nações.

"Simbolicamente falando, as três primeiras visões pintam o livramento externo de Israel do cativeiro, sua expansão e sua prosperidade material na Terra Prometida. A quarta visão (capítulo 3) mostra a purificação interna de Israel do pecado e sua reinstalação no ofício e nas funções sacerdotais" (F. Duane Lindsey, *in loc.*).

3.1

Deus me mostrou o sumo sacerdote Josué. Aqui Yahweh aparece como o revelador de novas verdades, e não o anjo principal que fora Seu agente nas três primeiras visões. Ver Zac. 1.8,9; 2.3. A versão siriaca *peshitta* continua dizendo "o anjo do Senhor"; e alguns eruditos preferem que seja assim. Mas Yahweh é o sujeito do vs. 8, e ali ele apresenta o Renovo-Messias, Seu Servo.

Yahweh apresenta-nos Josué, o sumo sacerdote, para que o profeta Zacarias pudesse dar uma boa espiada nele. Ele estava de pé perante o anjo do Senhor (provavelmente devemos entender o anjo principal, sobre o qual acabamos de falar). Satanás também está ali, de pé, à mão direita do anjo, pronto para acusar o sumo sacerdote. Satanás ainda não aparece como o ser totalmente depravado em que se transformará. Continua tendo acesso à presença de Yahweh e é, essencialmente, um acusador, tal como aparece no livro de Jó. "... Satanás, literalmente, o Adversário, não é a encarnação do mal, mas uma espécie de funcionário celestial que, na corte celeste, tinha o poder de acusar os homens de erro (I Crô. 21.2; ver Jó 1.6-8). Deus, ouvindo seu testemunho, então pode justificar ou condenar o acusado" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre o vs. 1). Ver no *Dicionário* o detalhado artigo chamado *Satanás*, que inclui os panos de fundo históricos do desenvolvimento da doutrina. Ver o artigo intitulado *Satanás, Queda de*.

3.2

Nas o Senhor disse a Satanás: O Senhor te repreende, ó Satanás. "O Senhor disse a Satanás: 'O Senhor diz que és culpado, ó Satanás. O Senhor, que escolheu Jerusalém, diz que és culpado'" (NCV). Temos aqui a estranha situação em que o Senhor (Yahweh) diz o que Yahweh tinha dito. Alguns supõem estar em foco o anjo principal, o qual, identificado com Yahweh, toma o Seu nome. Mas outros tentam forçar sobre o texto uma referência preexistente a Cristo, a Segunda Pessoa da Trindade, e fazem Dele o primeiro Yahweh (ou seja, Ser divino), ao passo que o Pai seria o segundo Yahweh. Mas essa certamente é uma interpretação forçada. Provavelmente está em vista o anjo principal, o instrumento de Yahweh. Seja como for, Satanás havia acusado o pobre sumo sacerdote de quem sabe o quê! Porém, o testemunho dele foi fortemente rejeitado. "Ver Jud. 19. Satanás foi repreendido com justiça, 'pois quem pode lançar alguma acusação na conta do povo escolhido de Deus?'" (Ellicott, *in loc.*). Israel (e Josué) eram tições tirados do meio do fogo dos julgamentos e desprazeres de Deus. Esse desprazer se manifestou no cativeiro babilônico. Josué voltou daquele inferno e agora se tornava apto para o ofício de sumo sacerdote. Cf. Amós 4.11.

3.3

Ora, Josué, trajado de vestes sujas, estava diante do anjo. Josué era culpado, como é óbvio, porque ali estava ele, vestido com aquelas vestes imundas. Mas, afinal, quem não é culpado nem precisa ser purificado? Não haveria nenhum sumo sacerdote, se alguém inocente tivesse de ser achado. Mas, uma vez justificado, as roupas imundas eram removidas, e então o homem culpado era inocentado, tornando-se assim um candidato apto para o elevado ofício sumo sacerdotal. Josué representava, naturalmente, a nação culpada que também estava sendo reintegrada à sua posição privilegiada. "O povo judeu era o mais desamparado, destituído e desprezível (segundo todas as aparências humanas) dentre os povos. Ademais, eles eram pecaminosos e o sacerdócio levítico havia sido contaminado pela idolatria. Coisa alguma, exceto a misericórdia de Deus, poderia salvá-los" (Adam Clarke, *in loc.*).

3.4-5

Tomou este a palavra, e disse aos que estavam diante dele: Tirai-lhe as vestes sujas. *Bases para a Justificação.* O sumo sacerdote não podia continuar vestido naqueles trapos miseráveis e imundos. Alguma coisa precisava ser feita. Portanto, Yahweh expediu o mandato (através do Seu anjo principal) para que outros anjos, em pé nas imediações, removessem aqueles trapos condenadores. Feito isto, o homem estava livre e inocentado. Os trapos representavam sua iniqüidade. As vestes sujas foram então substituídas por vestes caras, símbolos da retidão dada pelo próprio Yahweh. Entre os itens do novo vestuário estavam o turbante limpo (Revised Standard Version), que foi posto sobre sua cabeça. Assim sendo, ele foi coroado com o símbolo de seu ofício sumo sacerdotal. O anjo principal estava de pé, nas proximidades, aprovando com movimentos de cabeça o que tinha sido feito. Todo esse vestuário ritualista simbolizava a restauração de Israel ao Novo Dia, quando esse povo saiu do alcance de Satanás. Israel era uma nação sacerdotal. Cf. Êxo. 19.6. "... a mitra sobre a sua cabeça, para indicar que Deus o havia renovado para o ofício de sumo sacerdote, que tinha ficado contaminado. A mitra era o adorno que foi posto sobre a cabeça de Josué, quando ele estava prestes a entrar no santuário (ver Êxo. 8.4)" (Adam Clarke, *in loc.*).

Eugene V. Debs anunciou que ele não seria livre enquanto qualquer ser humano, em qualquer lugar, estivesse amarrado no corpo, na mente ou no espírito. Assim também, Israel não estaria livre de suas cadeias de corrupção sem que, primeiramente, o sumo sacerdote não ficasse livre. O ladrão penitente, na cruz, precisou depender pesadamente de Jesus, o inocente Salvador, para libertar-se de sua dor (ver Luc. 23.41-42). Porém, quando fez isso, recebeu a seguinte promessa:

> Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso.
>
> *(Lucas 23.43)*

3.6

Protestou a Josué, e disse. O anjo principal, orientador, estava ansioso para que o profeta compreendesse o que acabara de ver, uma lição objetiva que representava grande verdade. Por conseguinte, o anjo deu ao profeta uma incumbência (NIV) ou ordem para que aprendesse bem a lição, cuja essência é dada a seguir.

Os vss. 7-10 têm uma quádrupla promessa: "1. a confirmação da autoridade oficial de Josué e a elevação de sua própria natureza espiritual; 2. A missão do Salvador; 3. o cuidado providencial de Deus pela Casa, que estava sendo reconstruída; 4. paz e prosperidade para a nação" (Ellicott, *in loc.*).

3.7

Se andares nos meus caminhos, e observares os meus preceitos. Yahweh dos Exércitos (título divino usado 47 vezes no livro de Zacarias) declarou duas condições para que Josué tivesse um ministério bem-sucedido como sumo sacerdote, e então alistou os três resultados que se seguiriam de sua fidelidade. Josué tinha de andar de maneira piedosa. Precisava guardar a incumbência divina, a missão que fora entregue ao homem. Deveria ter uma vida moral limpa, trilhando os caminhos de Yahweh, obedecendo à lei de Moisés, que era o *guia* de Israel (ver Deu. 6.4 ss.). Cf. Deu. 8.6; 10.12 e Sal. 128.1. Ele também teria de cumprir todos os preceitos, ritos e cerimônias que pertenciam ao culto a Yahweh, em Seu templo (ver Eze. 44.15,16; Lev. 8.35). Ele precisava agir. Não bastava ter o título de seu ofício. Ele tinha de governar a casa (o templo), por ser o chefe daquele lugar. "A área inteira do templo ficaria sob o controle de Josué. Nos dias pré-exílicos, o rei tinha jurisdição sobre o templo e o culto que ali se processava, e exercia completo controle em questões religiosas (I Reis 2.27; II Reis 16.10-18). Direito de acesso: Josué agora podia sentir-se seguro de que suas orações atingiriam Yahweh (cf. Zac. 4.4)" (D. Winton Thomas, *in loc.*).

Entre estes que aqui se encontram. Josué seria o chefe e teria sacerdotes e levitas assistentes, agora representados pelos anjos que assistiam à sua reinstalação. Talvez este versículo também dê a entender a ajuda dos anjos, quando Josué cumprisse seus deveres. Cf. Zac. 3.1. Servindo no templo terrestre, Josué seria como um homem dotado de acesso ao templo celestial. Ele estava em companhia celeste. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Acesso*. Diz o Targum: "Na ressurreição eu te ressuscitarei e darás aos teus pés o direito de andares entre os serafins".

3.8

Ouve, pois, Josué, sumo sacerdote, tu e os teus companheiros. "Escuta, sumo sacerdote Josué, e o povo que está contigo. Tu representas as coisas que sucederão. Farei vir o Meu servo chamado Renovo" (NCV). Josué e seus colegas de sacerdócio eram bons presságios referentes ao futuro, pois relembravam aquilo que Yahweh estava prestes a fazer acontecer. Josué e Zorobabel (o líder civil) eram tipos do Renovo vindouro que incorporaria em Si mesmo ambos os ofícios, de rei e de sacerdote. Renovo é um termo messiânico. Ver Sal. 132.17; Isa. 4.2; 11.1; Jer. 23.5 e 33.15. Ele cresce gloriosamente da terra seca e floresce sob a bênção de Yahweh. O Messias é o renovo de Davi, resultante da linhagem davídica. Ver Zac. 6.12,13. Os povos pagãos chamavam seus heróis de renovos dos deuses, como o ramo de Júpiter, de Marte ou de alguma outra divindade. O Renovo messiânico é frutífero e agente de bênçãos para todos.

3.9

Porque eis aqui a pedra que pus diante de Josué. *A Pedra.* É provável que a alusão seja à pedra ou pedra preciosa usada pelos sumos sacerdotes em suas vestes sacerdotais, usada para adivinhação. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Urim e Tumim*. Aqui a pedra preciosa deve ser usada por Josué sobre o peito ou na testa (Êxo. 28.11,12,36-38). Os sumos sacerdotes dispunham de várias pedras, mas aqui a Pedra única substitui a todas as outras. Essa pedra tinha sete olhos (segundo diz o hebraico, literalmente), ou seja, sete facetas ou superfícies. Essa pedra refletiria os raios de luz do sol em todas as direções, simbolizando iluminação e sabedoria. Talvez isso fale das operações do Espírito Santo. Ver Isa. 11.2 e Apo. 5.6.

A Pedra naturalmente é um símbolo messiânico (ver Sal. 118.22; Mat. 21.42 e I Ped. 2.6). "Ele julgará os povos gentílicos (Dan. 2.44,45) e será uma pedra de tropeço para a incrédula nação de Israel (ver Rom. 9.31-35). Finalmente, porém, o Messias purificará Israel e removerá o pecado da Terra Prometida em um único dia. Alguns intérpretes afirmam estar em vista que a crucificação, porém o mais provável é que tenhamos aqui uma referência ao dia do Segundo Advento de Cristo, quando, nos últimos dias, os méritos de Sua morte serão aplicadas à crente nação de Israel (ver Zac. 13.1)" (F. Duane Lindsey, *in loc.*).

A Pedra do Messias, com seus sete olhos, fala de Sua sabedoria e de Suas graças, mediante as quais Ele cumpre Suas missões, terrenas e celestiais, para benefício de todos. De fato, Cristo tem uma missão tridimensional: na terra, no hades e nos céus. Em cada uma dessas missões, e também em todas elas, coletivamente falando, a sabedoria do Messias se manifestou, transbordante de amor. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo denominado *Missão Universal do Logos*. A VI seção daquele artigo fala sobre a missão tridimensional de Cristo. Ver também sobre o *Mistério da Vontade de Deus*.

Yahweh dos Exércitos está por trás da missão de Cristo. É Ele quem remove o pecado do homem e lhe concede a glória eterna.

Eis que eu lavrarei a sua escultura. Nas doze pedras preciosas do peitoral do sumo sacerdote foram gravados os nomes das doze tribos de Israel, e essa parte do versículo faz alusão a isso. Ver Êxo. 28.21. Talvez devamos pensar nos

nomes dos remidos gravados na Pedra do Messias, ou então essa gravação será um embelezamento, falando de Suas excelências.

3.10

Naquele dia, diz o Senhor dos Exércitos, cada um de vós convidará o seu próximo. Temos aqui uma descrição do ideal da era do reino, ou milênio, conforme alguns preferem. Tal como na era dourada de Salomão, na era messiânica cada homem poderá entreter os amigos em seu lar, que ele possui em uma frutífera propriedade que também é sua. Quanto àquele *dia,* cf. I Reis 4.25; Isa. 36.16 e Miq. 4.4. Estes versículos descrevem dias de paz e prosperidade. *Yahweh dos Exércitos* foi quem nos deu essas boas-novas, e Ele é quem cumprirá Seu anúncio, como o Benfeitor de toda a humanidade.

E assim todo o Israel será salvo.

(Romanos 11.26)

Capítulo Quatro

O Candelabro de Ouro e as Duas Oliveiras (4.1-14)

Temos aqui a *quinta* das oito visões noturnas dadas a Zacarias pela inspiração de Yahweh. Ver as notas expositivas sobre Zac. 1.7, bem como o *gráfico* acompanhante. A essência da visão é que Israel será a luz dos gentios sob o Messias, o Rei-Sacerdote. Josué e Zorobabel eram, respectivamente, os líderes religioso e civil na época da restauração. Igualmente importantes eram eles, como tipos do Rei-Sacerdote que governará durante a era messiânica de mil anos futuros. As *sete lâmpadas* são os olhos de Yahweh que percorrem a terra inteira, tornando-O o Sábio Soberano que dirige todas as coisas. Ver o vs. 10. Sua luz rebrilha por todo o Israel e reflete-se para todas as outras nações, pelo que, em sentido real, mas secundário, Israel é a luz, tal como os crentes são subluzes, no tempo presente da igreja (ver Mat. 5.14).

4.1

Tornou o anjo que falava comigo, e me despertou. O anjo guia, intérprete (cf. Zac. 1.8,9 e 2.3), voltou a estar com o profeta, trazendo-lhe outra visão para ser interpretada. O anjo encontrou Zacarias dormindo e teve de despertá-lo para que ele visse a próxima visão. Ou então podemos pensar que esse despertamento era espiritual, e não literalmente físico. O profeta precisou ser espiritualmente despertado, pois, do contrário, não veria nem entenderia apropriadamente. Parecia que o profeta, sob a pressão da revelação constante, tinha caído em alguma espécie de estupor ou letargia que lhe embotava os sentidos. Ele teve de ser preparado para mostrar-se *receptivo* a uma realidade espiritual superior.

4.2-3

E me perguntou: Que vês? Respondi: Olho, e eis um candelabro todo de ouro. A visão estava em progresso, e o anjo submeteu Zacarias a teste. "Que vês?", perguntou o anjo, para certificar-se de que o profeta agia como era devido. Não é clara a aparência exata do candelabro, o vaso no topo e os sete ramos do candelabro. Portanto, alguns intérpretes discordam quanto ao que deve dizer, exatamente, essa visão. Porém, isso não impede que o *sentido* seja claro. A NCV fornece a seguinte descrição: "Vejo um candelabro de ouro sólido. Há um vaso em cima. Há sete lâmpadas. Há também sete lugares para os pavios. Havia duas oliveiras perto do candelabro. Uma está do lado direito do vaso, e a outra está do lado esquerdo". "Esse candelabro, segundo todas as indicações, era parecido com o candelabro posto no tabernáculo de Israel (ver Êxo. 25.31-40) e também com o candelabro do templo de Salomão (ver I Reis 7.49). No entanto, o candelabro do tabernáculo precisava ser cheio de azeite pelos sacerdotes, ao passo que esse era automaticamente cheio com interminável suprimento de azeite, sem a interferência de agentes humanos. Isso é indicado por três características significativas e peculiares: a. um *vaso* para guardar azeite estava suspenso por sobre o candelabro (vs. 2); b. o azeite era transportado pela força da gravidade da taça por meio de condutos de cada uma das sete lâmpadas. Isso nos fornece 49 condutos ao todo. 3. o candelabro estava ladeado por *duas oliveiras,* das quais saíam dois tubos de ouro, por onde fluía constantemente o azeite dourado para o vaso (vss. 3,11,12)" (F. Duane Lindsey, *in loc.*).

Outros intérpretes, entretanto, defendem idéias alternativas. Seja como for, esse aparelho com lâmpadas parecia ter por intuito ser *automático* como um aparelho de movimento perpétuo, que não precisa de força externa para continuar funcionando. As oliveiras enchiam continuamente o vaso; o vaso, por sua vez, continuamente supria os condutos com azeite, o qual queimava continuamente, e nenhum ser humano foi visto ao menos a tocar no mecanismo. Tratava-se, pois, de um mecanismo divino com um *modus operandi* divino. Os intérpretes batem a cabeça querendo emprestar significado a cada uma das partes do mecanismo, mas o profeta dificilmente tencionava isso, pois, do contrário, teria ajudado na compreensão de tais coisas. Assim sendo, temos, para exemplificar: o *azeite* — as operações do Espírito, ou as misericórdias e o amor de Deus; os *tubos* — que representam os meios de comunicação da graça e a abundância da luz provida pela graça divina; o *vaso* — que aponta para o meio de transmitir o azeite, a palavra de Deus, o ministério de Cristo etc.; os *sete tubos* — que são os meios espirituais de transmissão da graça divina, como a leitura, a audição da leitura da Palavra, a oração, os sacramentos, as boas obras etc.; as *sete lâmpadas* — o Espírito, a comunidade judaica, a igreja cristã, Cristo e Seu ministério, a presença e as operações de Deus por todo o mundo e também a luz de Yahweh que brilha sobre Israel e sobre outras nações.

4.4

Meu senhor, que é isto? Zacarias ficou perplexo diante da visão, e assim, uma vez mais, precisou apelar para a ajuda dada pelo anjo intérprete. A palavra "isto" refere-se ao mecanismo inteiro das lâmpadas, referido nos vss. 2 e 3. Cf. Zac. 1.9,19; 4.4,11; 5.6 e 6.4. Na quinta e na sexta visão, o anjo perguntou de Zacarias se ele sabia o significado delas (ver Zac. 4.2,5,13; 5.2). As explicações que se seguiram são muito gerais e deveriam desencorajar-nos de ver significados ocultos em cada parte do aparelho do candelabro.

4.5

Não sabes tu que é isto? Respondi: Não, meu senhor. Ou o anjo estava *brincando* com o profeta, admirado da ignorância dele nas interpretações, ou estava *admirado* sobre como o homem podia ser tão ignorante. Portanto, o anjo como que disse: "Que há contigo que, na qualidade de profeta de Yahweh, não podes compreender algo tão simples como isso?". Ou então a terceira possibilidade é que, mediante repetição, ele quis fazer o profeta *prestar mais atenção* e tentar mais arduamente compreender os enigmas espirituais. O anjo intérprete demorou-se um pouco sobre a ignorância humana, a fim de ensinar-nos a humildade.

4.6

Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos. A resposta para o enigma da quinta visão noturna do profeta veio através da palavra de Yahweh, mediada pelo anjo intérprete. Não se deu por intermédio de nenhum esforço humano, por força ou por poder, mas pelo Espírito do Senhor, que é o que Yahweh dos Exércitos garantira. Quando um homem começa a pensar que é um deus, começa a agir como se fosse o diabo. As grandes verdades não são dadas por meio de homens glorificados, mas diretamente da parte do Espírito de Deus, e outro tanto se dá no tocante às obras realmente grandes e beneficentes. As *revelações* são dadas por Deus, e assim também o *labor eficaz.* O retorno do cativeiro, bem como a reconstrução da cidade e do seu templo, foram obras de Deus. Da mesma maneira que o candelabro de ouro foi colocado no lugar santo do tabernáculo (e do templo), "perante o Senhor; estatuto perpétuo será este *a favor* dos filhos de Israel pelas suas gerações" (Êxo. 27.21), assim também se deu com o novo santuário e seu candelabro. Pois, embora essa obra tivesse sido realizada por mãos humanas, o poder por trás dela era divino. Outro tanto se diga no tocante à liderança civil de Zorobabel e à liderança sacerdotal de Josué. Estamos falando sobre instituições divinas e atos divinos.

4.7

Quem és tu, ó grande monte? Diante de Zorobabel serás uma campina. O *grande monte* da resistência, o gigantesco labor que tinha de ser realizado no reinício das instituições para o templo reconstruído e para a cidade restaurada, podia ser removido por um Zorobabel dotado pelo Espírito Santo. Ele faria daquela montanha uma planície. Lançaria os alicerces do templo e o coroaria com sua "pedra de remate", ou seja, Zorobabel terminaria a obra, porquanto Deus operava por meio dele, conferindo-lhe força sobre-humana. Ele tinha lançado a pedra de esquina do alicerce e obteria sucesso, também lançando a pedra de remate. "Era costume os principais magistrados lançarem os alicerces e também a pedra de remate (cf. Esd. 3.10)... Cf. Rom. 11.26; Heb. 11.40; 12.22,23; Apo. 7.4-9" (Fausset, *in loc.*).

O sucesso seria comemorado pelos operários triunfantes. Eles gritariam: "É belo! É belo!" (NCV). Isso relembra que, no edifício de Deus, Cristo é a *pedra angular,* da esquina, e também a pedra angular (Sal. 118.22 e Efé. 2.20). Cristo é a primeira pedra a ser lançada e também a última. Ele é tanto a estabilidade, a segurança, como o ornamento da edificação. A celebração e o regozijo dos judeus estão registrados em Esd. 3.11-13. Diz o hebraico original, literalmente: "Graça! Graça!". A tradução NIV da Bíblia diz aqui: "Deus a abençoe! Deus a abençoe!".

4.8-9

Novamente me veio a palavra do Senhor... As mãos de Zorobabel lançaram os fundamentos desta casa. A palavra de revelação de Yahweh continuou a manifestar-se por meio do anjo intérprete, que continuou seu discurso de explicação. O que se segue também se originou em Deus. Zorobabel recebeu o privilégio de *iniciar* a obra de construção do segundo templo e também teve o privilégio de *terminar* a obra. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Mediante a observação dessa grande operação, seria reconhecido que Zacarias era verdadeiro profeta de Deus, porquanto as coisas aconteceriam da maneira como ele havia predito. Cf. Zac. 2.9 e Esd. 6.15. Zacarias era profeta autêntico, e o anjo intérprete forneceu-lhe a verdadeira interpretação da questão. Eles pertenciam à mesma equipe, e seus ministérios foram autenticados pelo cumprimento de suas palavras. Diz aqui o Targum: "Sabereis que o Senhor dos Exércitos me enviou a profetizar para vós".

4.10

Pois quem despreza o dia dos humildes começos, este alegrar-se-á vendo o prumo na mão de Zorobabel. Na verdade, quando o remanescente judeu voltou e começou a remover os escombros que estiveram no local do templo pelo espaço de 70 anos, as coisas tiveram pequena renovação. O magnífico edifício (o templo de Salomão) havia sido reduzido a um montão de pedras, e o segundo templo de Jerusalém seria uma edificação humilde. O novo dia foi pouco parecido com a época áurea do tempo de Salomão. Tanto os judeus como estrangeiros desprezaram aquele dia humilde, e duvidaram de que Deus estivesse em uma coisa tão insignificante. Mas um dia de regozijo estava para ocorrer. As coisas se tornariam muito melhores do que fora antecipado. O Novo Israel estava tendo um novo começo, humilde, é verdade, mas pleno de potencial. Zorobabel estava lá fora com o prumo na mão, além de outros instrumentos de construção, dando um bom exemplo. Havia alegria em todo aquele processo, a despeito da nota azeda que os pessimistas soavam: "Eles se sentirão felizes quando virem Zorobabel com seus instrumentos, a edificar o templo" (NCV). Devemos compreender que aquele homem estava sendo guiado e dotado pela *providência de Deus* (ver a respeito no *Dicionário*). Cf. este versículo com Esd. 3.12-13 e Ageu 2.3.

Aqueles sete olhos são os olhos do Senhor. De súbito, e quase como se fosse um pensamento posterior, o autor nos leva de volta a Zac. 3.9 e 4.2, a questão sobre os *sete olhos* e as *sete lâmpadas*. Quase incidentalmente, foi dada a principal interpretação sobre o *candelabro*. As sete lâmpadas são os olhos do Senhor que percorrem a terra inteira. Sua sabedoria e poder são exercidos com soberania e recursos ilimitados. Ele tinha feito aquilo que Lhe agradava na reconstrução do templo, por meio do que manifestaria Sua Luz. "... a infinita providência de Deus, simbolizada pelo *olho,* era intuitiva, onisciente, aprovando o bem, condenando o mal, amando, cuidando dos santos" (John Gill, *in loc.*). A despeito de muitos obstáculos (como a montanha do vs. 7) e adversários (os críticos referidos no vs. 10a), a providência de Deus realizaria Sua obra através de instrumentos escolhidos.

4.11

Que são as duas oliveiras à direita e à esquerda do candelabro? Neste ponto a atenção do profeta volta-se para as duas oliveiras, e ele pede que o anjo lhe dê informações a respeito. Ver o vs. 3, onde as duas oliveiras são mencionadas como parte do conjunto do candelabro. O profeta continuava admirado por causa dos aspectos da visão, e não obteria completa compreensão a respeito, sem alguma ajuda. Por isso, o anjo *intérprete* correu para auxiliá-lo.

4.12

Que são aqueles dois raminhos de oliveira, que estão junto aos dois tubos...? O profeta deixou bem clara a sua dúvida. Os dois *raminhos de oliveira* e os *tubos de ouro* são mencionados pela primeira vez. A descrição anterior deixara essas coisas de lado. "Os dois raminhos de oliveira derramavam azeite nos tubos de ouro, que fluíam para o vaso, e então através dos 49 canais para as sete lâmpadas" (F. Duane Lindsey, *in loc.*). Dou descrições sobre esse "aparelho automático de árvores-candeeiro", nas notas expositivas dos vss. 2 e 3, pelo que não as repito aqui. O presente versículo dá um pouco mais de informações sobre o *modus operandi* do aparelho de moto perpétuo que não precisava de ajuda externa. O candeeiro precisava de azeite para queimar e fornecer luz. Os dois raminhos de oliveira (para suprir azeite) e os tubos (para transportar o azeite para o candelabro) eram partes vitais da operação.

4.13

Não sabes que é isto? Eu disse: Não, meu senhor. Tal como no vs. 5, o anjo intérprete estava admirado diante da ignorância do profeta, sobre algo que para o anjo parecia tão claro, ou então estava brincando com ele, procurando atrair-lhe maior atenção ao que via. O profeta já tinha confessado não saber o significado dos dois raminhos e dos tubos de ouro (vs. 12). O anjo demorou-se um pouco sobre o tema da ignorância humana para ensinar-nos a ser humildes.

4.14

São os dois ungidos, que assistem junto ao Senhor de toda a terra. *A Interpretação.* As duas oliveiras (juntamente com seus tubos de ouro, para transportar o azeite) representavam os dois ungidos: Zorobabel, o principal líder civil, e Josué, o principal líder religioso. Esses eram aqueles que estavam próximos do Senhor e de Seu candelabro, e faziam as coisas funcionar. Eram instrumentos especiais para a reconstrução da cidade e do templo. Seus nomes não são mencionados aqui, mas espera-se que relembremos Zac. 3.8 e 4.7. "O sacerdote ungido e o príncipe ungido são mencionados juntamente neste último versículo para mostrar que seria mediante o trabalho conjunto deles que se cumpriria a prosperidade da nação" (Ellicott, *in loc.*). E também aprendemos que por trás de homens escolhidos acha-se em operação o soberano poder de Deus, pelo que a verdadeira Origem do sucesso é o Ser divino. Cf. I João 2.20,27.

O Tipo. Esses dois homens, naturalmente, eram tipos do Messias, que deveria combinar os ofícios em Sua missão messiânica na era do reino. O candelabro, em sentido secundário, representa Israel como uma luz para as nações do reino (ver Isa. 42.6 e 49.6). Mas a Luz, em uma analise final, é divina. Somos assim relembrados das duas testemunhas de Apo. 11.3-6, mas esse é apenas outro exemplo de como os instrumentos humanos são usados na obra divina.

Capítulo Cinco

O Rolo Volante (5.1-4)

Encontramos aqui a *sexta* das oito visões noturnas dadas a Zacarias pela inspiração de Yahweh. Ver as notas expositivas em Zac. 1.7 bem como o *gráfico* acompanhante. A *essência* da sexta visão é a severidade e a totalidade do julgamento divino contra os israelitas.

"Nesta e na visão seguinte (ver Zac. 4.5-11), Zacarias retorna ao tema que ele tocara em Zac. 3.9, a saber, a remoção do pecado da terra como prelúdio necessário para a vinda da era messiânica. Ele viu um imenso rolo no qual estava escrita uma *maldição*, a voar sobre a terra da Palestina. Esse rolo é símbolo da maldição de Yahweh, que pairará sobre as casas dos ladrões e perjuros" (D. Winton Thomas, *in loc.*).

5.1

Tornei a levantar os meus olhos, e vi, e eis um rolo volante. A revelação divina continuou a fluir através do profeta, presumivelmente durante a noite, tal como no caso das visões anteriores. Ele "levantou" os olhos e viu um grande rolo volante bem acima de sua cabeça. "Os vss. 1-4. A sexto visão: um rolo volante. Vs. 1. O rolo representa a palavra materializada de Deus (ver Eze. 2.9,10; Apo. 10.9-11; cf. Jer. 36.2)" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 1). As últimas três visões enfatizam o mesmo tema: a administração do julgamento divino. Esta sexta visão é simples e severa.

A Alusão. Havia um modo antigo de amaldiçoar certos indivíduos: tiras de papel eram inscritas com maldições. Essas tiras de papel eram lançadas no ar com a esperança de que o vento as levaria às casas contra as quais as maldições foram proferidas.

5.2

Que vês? Eu respondi: Vejo um rolo volante. O anjo principal, intérprete, orientador (ver Zac. 1.8,9; 2.3 e 4.1), tal como no caso de todas as visões, perguntou ao profeta o que ele estava vendo. Ele precisava estar certo de que aquilo que o profeta via era realmente o que se esperava que ele visse. Em seguida, o diálogo se encaminharia para a interpretação. As dimensões do rolo volante foram calculadas pelo profeta: cerca de 9 m por 4,5 m. Uma maldição estava escrita sobre o gigantesco rolo, consistindo em uma predição de melancolia e condenação. O julgamento divino em breve estaria atuando. O rolo fazia parte da lista negra de Yahweh, pois Ele sabia quando era chegado o momento de ferir.

Imaginas que conseguirás algum tempo vencer
A sabedoria divina? E imaginas que conseguirás
Que a retribuição fique distante dos mortais?
Bem perto, embora invisível, Ele vê e sabe tudo,
E a quem deve ferir. Mas tu não sabes
Quando, repentina e subitamente.

Ele virá e arrebatará
Os perversos da face da terra.

(Ésquilo)

5.3

Então me disse: Esta é a maldição que sai pela face de toda a terra. No rolo volante estava escrita uma maldição de Yahweh, aplicável a todos os perversos da terra: os que furtassem seriam cortados; e também os que jurassem falso. Dois dos Dez Mandamentos foram usados como lembretes da totalidade, pois a conduta moral é julgada através da lei e, em tudo e em todos os lugares, os homens são achados culpados de inúmeras transgressões. Cf. Isa. 3.26. "Um lado diz que todo ladrão será despachado. O outro lado diz que todos os que fazem promessas falsas serão despachados" (NCV). O rolo, pois, foi escrito de ambos os lados, o que faz lembrar as duas tábuas da lei (ver Êxo. 32.15). O oitavo mandamento, contra o furto (ver Êxo. 20.15), e o nono mandamento, contra os falsos juramentos (ver Êxo. 20.16), foram destacados para servir de exemplos da lei inteira. Todos quantos violassem a lei, sem importar de que maneira, estariam sob a maldição divina. Mas o texto estava falando de pecadores notórios, os quais teriam de sofrer a ira de Deus. Provavelmente devemos compreender esta profecia como se incluísse os julgamentos necessários para a inauguração do reino de Deus, e não meramente o que Yahweh faria entre os povos, no tempo do profeta Zacarias.

5.4

Fá-la-ei sair, diz o Senhor dos Exércitos, e a farei entrar na casa do ladrão. *Yahweh dos Exércitos* (título divino usado 47 vezes no livro de Zacarias) reafirmou as palavras da maldição. O rolo seria levado a voar pelos céus, conduzido pelos ventos, e repousaria sobre as casas dos ladrões e dos que jurassem falsamente em nome do Senhor. Ver as notas sobre o vs. 1, sob o título *A Alusão.* E, chegando às residências de tais pessoas, haveria de consumi-las por inteiro, juntamente com as famílias que ali residissem, nada deixando senão cinzas e um monte de pedras, com os ossos humanos jazendo ao redor. "Nos escritos de Heródoto (*Hist.* vi.86) há um paralelo interessante deste versículo. Certo milesiano havia depositado determinada soma de dinheiro na casa de Glauco. Quando os filhos do depositário vieram reivindicar o dinheiro, Glauco consultou o oráculo de Delfos para ver se não poderia aproveitar-se da ocasião e ficar com a quantia. A sacerdotisa lhe disse que era melhor, *pelo presente,* que ele fizesse como desejasse, visto que a morte é a sorte comum dos honestos e dos desonestos. 'Contudo', acrescentou ela, 'o Juramento tem um filho. Esse filho não tem nome, não tem mãos nem pés, mas é rápido quando está perseguindo a alguém. Ele continua perseguindo até que apanha esse alguém, e então destrói toda a sua raça e a sua casa'" (Ellicott, *in loc.*). Em outras palavras, agora mesmo (no presente) poderás escapar com a tua fraude e tirar proveito do ludíbrio, mas o futuro é outra história. Ali haverá retribuição. Cf. com Jó 15.28.

A Mulher no Efa (5.5-11)

Temos aqui a *sétima* das oito visões conferidas a Zacarias por inspiração de Yahweh. Ver as notas expositivas sobre Zac. 1.7, bem como o *gráfico* acompanhante. A *essência* da sétima visão é a remoção do pecado de Israel, a saber, sua *rebeldia* contra Yahweh.

"Esta visão continua o tema da visão anterior. O profeta viu o pecado da comunidade de Israel, personificado como mulher. O pecado foi recolhido e posto dentro de uma medida de efa. Pesada tampa foi posta em cima do efa e o conjunto foi levado pelos ares, por parte de duas mulheres, dotadas de asas como as de uma cegonha, até a Babilônia. Esse lugar é a casa da iniqüidade. Um templo foi construído ali para receber o efa" (D. Winton Thomas, *in loc.*).

5.5

Saiu o anjo, que falava comigo, e disse: Levanta agora os teus olhos. O anjo principal, que era também o anjo orientador e intérprete (ver Zac. 1.8,9; 2.3 e 4.1), disse ao profeta que levantasse os olhos para ver ainda outra visão admirável.

"*Vss. 5-11*... Judá seria purificado mediante o envio de seu pecado, personificado como uma mulher dentro de uma medida de efa, para a Babilônia, onde o efa seria adorado" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 1).

5.6

Eu perguntei: Que é isto? Ele me respondeu: É um efa que sai. O termo *efa* pode indicar uma *medida* de cereal ou o *vaso* que continha o cereal. Neste caso, temos o último desses sentidos. Uma barrica ou cesto grande servia para conter essa medida, pois era um objeto doméstico comum. O *efa,* segundo estamos informados, podia ter entre cerca de 19 litros e 38 litros. Uma cesta que só contivesse isso seria pequena demais para conter um corpo de mulher, pelo que não devemos ser muito literais sobre a questão, e simplesmente imaginar um cesto grande, grande o bastante para conter uma mulher. A cesta e seu conteúdo representam toda a iniqüidade da terra de Israel. Algo tinha de ser feito para livrar-se daquela carga terrível.

A Natureza da Comparação. O cereal bom tinha de ser separado da palha. A palha tinha de ser jogada fora. Ver Mat. 13.30; o mato daninho tinha de ser separado do trigo.

5.7

Eis que foi levantada a tampa de chumbo, e uma mulher estava sentada dentro do efa. Para grande surpresa de todos, quando a tampa de chumbo foi levantada de cima da barrica ou cesta, havia uma mulher sentada lá dentro. "Eis!", diz a Septuaginta graficamente. A mulher (a iniqüidade) era a mais *selvagem* de todas as feras (pois o que o pecado faz senão desgraçar os homens?), pelo que precisou ser cuidadosamente guardada dentro da cesta. O lugar apropriado da mulher é a Babilônia, onde os homens edificarão um templo para ela e a adorarão. Kimchi vê aqui as dez tribos de Israel, que tinham sido tiradas da Terra Prometida e levadas pelos assírios; mas a verdade é que a Babilônia está em vista (vs. 11). A nação de Judá foi levada para o cativeiro, na Babilônia, e essa foi uma experiência expurgadora. O povo judeu voltou da Babilônia, mas, idealmente, o pecado deles ficara para trás, na Babilônia.

5.8

Prosseguiu o anjo: Isto é a impiedade. Agora o anjo identificou a mulher chamando-a de "iniqüidade", ou seja, todos os pecados do povo de Israel. A mulher-fera de súbito deu um salto, tentando sair da cesta, mas o anjo fê-la voltar à sua prisão. Isso faz lembrar a caixa de Pandora, que continha todos os males conhecidos pelos homens. A caixa foi aberta, e aqueles males se espalharam por toda a terra, o que explica o *problema do mal.* No hebraico, a palavra aqui traduzida por "iniqüidade" pertence ao gênero feminino, tal como em português, e isso pode ter sugerido a figura da mulher. Quando o anjo tornou a pôr a mulher dentro da cesta, fechou-a com a tampa. A providência divina estava trabalhando para livrar o povo de Israel de sua carga de pecados. A mulher já tinha causado grande confusão. Chegara o tempo de uma mudança para melhor.

Mulher. Provavelmente somos encorajados a pensar na história de como o mal entrou originalmente no mundo: a *mulher* foi enganada e, subseqüentemente, "contaminou" o marido. Ver Gên. 3.12,13. Na mente dos hebreus havia conexão natural entre a mulher e o pecado. Cf. com a prostituta da Babilônia, em Apo. 17.1,15,16.

5.9

Levantei os meus olhos, e vi, e eis que saíram duas mulheres. Então ocorreu outra surpresa: *duas mulheres voadoras* estavam acima da cabeça do profeta, cada qual dotada de grandes asas, que se assemelhavam às asas de uma cegonha, e o vento tangia as mulheres com incrível rapidez. As mulheres naturalmente eram *anjos* ministros de Yahweh, quanto a uma admirável variedade de tarefas. Os intérpretes tentam encontrar simbolismos nessas mulheres, como a interpretação que diz que elas representam a Assíria e a Babilônia, que haviam castigado tanto Israel quanto Judá, e assim levaram seus pecados. Outros estudiosos fazem dessas mulheres *forças demoníacas* que buscam "proteger" a dama iniqua, levando-a para os santuários da Babilônia. Todas essas interpretações, porém, servem apenas para complicar um significado simples: Yahweh se livraria do pecado de Israel por Seus agentes de graça e poder, de acordo com as provisões de Sua providência e de Seu poder soberano.

5.10

Então perguntei ao anjo que falava comigo: Para onde levam elas o efa? As intenções dos anjos eram óbvias. Eles estavam tirando aquela grande carga de pecados. Mas, porventura, tinham algum destino específico? Era isso o que o profeta queria saber, pelo que ele pediu que o anjo, que era guia e instrutor, o ajudasse a descobrir a resposta. Note o leitor que o profeta não perguntou qual era o sentido das duas criaturas parecidas com pássaros, provavelmente por saber que estava observando uma operação angelical.

5.11

Para edificarem àquela mulher uma casa na terra de Sinear. A resposta estava em consonância com a razão esclarecida. A mulher pecaminosa teria um templo construído para ela, e seria adorada naquele lugar de maldade, a Babilônia, como se fosse uma deusa. *Sinear* era o antigo nome da Babilônia. Ver Gên. 11.2.

Os pecados de Israel seriam deixados ali, como se ali fosse um lugar apropriado. Pode haver aqui um subentendido sobre o cativeiro babilônico. Judá levou seus pecados para lá e foi castigado. Então o povo judeu ficou livre, mas seus pecados permaneceram ali. Isaías enfatizou muitas sátiras sobre ídolos que enfatizavam esse ponto (ver Isa. 44.9-20; 46.1,2). A idolatria-adultério-apostasia de Judá seria levada e entronizada algures. Então o plano para Israel poderia prosseguir. Alguns vêem nisso uma promessa escatológica sobre a conversão de Israel antes da inauguração do reino de Deus. Seja como for, o pecado encontrou lar natural na Babilônia, e ali foi adorada a mulher que representava o pecado. Zacarias estava mostrando-se irônico. Por outra parte, que está mais entronizado na vida e no coração dos homens do que seus ídolos pecaminosos? Quantos homens não têm e adoram ídolos pecaminosos? Assim a promessa de Zac. 3.9 se cumpre:

Tirarei a iniqüidade desta terra em um só dia.

"Oh, Senhor, salva o teu povo, o remanescente de Israel!" (Adam Clarke, *in loc.*).

"Nosso destino parece ser lutar por toda a nossa longa vida, combatendo o bom combate, engajados no nobre conflito; lutar contra os muitos adversários que se lançam, armados, contra nós. Ao longo do caminho, colhemos consideráveis frutos, derivados desse conflito interminável; mas o resultado final e o dia de prestação de contas estão nas mãos de Deus... Podemos deixar o resultado com Deus, com toda a segurança. Nossa tarefa diária é vestir-nos de toda a armadura de Deus para que possamos resistir ao dia mau e, tendo feito tudo, resistir firmes (ver Efé. 6.13)" (Theodore Cuyler Speers, *in loc.*).

Capítulo Seis

Os Quatro Carros (6.1-8)

Encontramos aqui a *oitava* das oito visões noturnas concedidas a Zacarias por inspiração de Yahweh. Ver as notas expositivas sobre Zac. 1.7, bem como o *gráfico* acompanhante. A *essência* da oitava visão é o julgamento divino das nações.

Cavalos de diferentes colorações puxavam quatro carruagens. Os cavalos seguiam entre duas montanhas de bronze e se dirigiam aos quatro pontos da terra. O propósito deles era executar o juízo. O cavalo que se dirigia para o *norte* tinha a tarefa específica de rebaixar a Babilônia, que tanto tinha prejudicado a Israel. A primeira visão de Zacarias também tinha cavalos, pelo que aqui, na oitava visão, completamos o círculo. Por toda a parte temos o ministério dos anjos a executar a vontade de Yahweh. Neles todos supõe-se que compreendamos uma visão a longo prazo, para que o cumprimento maior sobre eles ocorra nos últimos dias, antes que a era do reino seja inaugurada.

6.1

Outra vez levantei os meus olhos, e vi, e eis que quatro carros saíam dentre dois montes. A *oitava visão* foi dada quando o profeta ergueu os olhos espirituais para o céu. Talvez devamos compreender que todas as oito visões foram dadas em uma única noite. O profeta viu duas grandes montanhas de bronze, e de entre as montanhas saíam *quatro carros*. O bronze fornece a nota-chave, pois esse é o metal com o qual os instrumentos de guerra eram feitos na antiguidade; era o metal da destruição e da guerra, e simbolizava o *julgamento*. Cf. Apo. 1.15 e 2.18. O original hebraico tem o artigo definido, "as duas montanhas", o que pode indicar que lugares bem conhecidos estavam envolvidos na imagem, como os montes Sião ou das Oliveiras (cf. Zac. 14.4). No entanto, o profeta não viu montes comuns e, sim, montanhas de bronze.

6.2-3

No primeiro carro os cavalos eram vermelhos, no segundo pretos. No terceiro brancos, e no quarto baios. *As quatro cores dos cavalos:* vermelhos; pretos; brancos; baios com malhas. As muitas cores talvez subentendam a *universalidade* do julgamento, o que também é refletido nas *quatro direções* para as quais eles seguiam (vss. 4 e 5). Ademais, cada julgamento particular tem suas próprias características e seus tratos divinos específicos. Cada lugar seria julgado em harmonia com seus próprios méritos ou deméritos. Contudo, o autor sagrado não emprestou nenhuma significação às cores, pelo que os intérpretes se esforçam para preencher o hiato de informação: vermelho, guerra, derramamento de sangue; preto, morte e fome; branco: triunfo e vitória; baio com malhas: pestilência, pragas, variedade de elementos de julgamento. Cf. Apo. 6.1-8, passagem que provavelmente se escuda sobre este trecho de Zacarias, ou seja, foi sugerida pelo que lemos aqui. Note o leitor que os "cavalos" cuja cor é especificada puxavam, cada um deles, o seu carro. Provavelmente devemos pensar em cavalos atrelados aos *pares*, pois os carros de combate eram puxados por um ou dois cavalos.

A interpretação desses dois versículos foi refinada ao ponto de que cada par de cavalos aparece como representação da queda de um império específico — vermelhos: os caldeus derrubaram os assírios; negros: os persas derrubaram os babilônios; branco: os gregos (no tempo de Alexandre, o Grande) derrubaram os persas; baios com malhas: os romanos derrubaram os gregos. Esse, porém, é um refinamento que podemos ignorar com segurança.

6.4

Então perguntei ao anjo que falava comigo: Que é isto, meu senhor? A pergunta padrão foi feita pelo profeta, que nunca entendia suas próprias visões sem a ajuda do anjo guia e intérprete. "Que é isto?", cujo sentido é: "Como devo compreender o que acabo de ver?". Cf. Zac. 1.9,19; 4.4 e 5.6.

6.5

São os quatro ventos do céu, que saem donde estavam. A resposta do anjo foi que os *quatro cavalos* de cores diferentes (vss. 2-3) representavam os "quatro ventos", os quais, por sua vez, representavam as quatro direções da bússola, ou seja, *toda a terra,* por onde quer que os juízos de Deus devessem ir. Por trás de seus atos, e dando-lhes forças, estava o Senhor de toda a terra. O nome divino aqui é *Adonai,* que significa *Soberano.* O Deus Soberano foi quem enviou os quatro cavalos aos quatro pontos da terra, para executar Seus juízos. Cf. Zac. 2.6. Ver também Sal. 148.8; Jer. 49.36; Dan. 7.2 e Apo. 7.1. A profecia, em seus aspectos a longo prazo, chega a afetar a preparação para a inauguração da era do reino (e do milênio, segundo alguns asseveram).

6.6

O carro em que estão os cavalos pretos sai para a terra do norte. O par de *cavalos negros* (vs. 2) dirigiu-se ao norte, onde estava a Babilônia, e isso foi mencionado em primeiro lugar, porquanto havia a questão crítica da hora: o que Deus faria com aquela monstruosidade que tinha ferido a tantas nações e saía ao redor como se fosse uma fera destruindo tudo à sua frente. A resposta é que os babilônios receberiam o *cavalo da morte.* Os babilônios receberiam o que tinham dado, em harmonia com a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*).

O dos brancos após eles. O par de *cavalos brancos* dirigiu-se ao ocidente, para as costas do mar Mediterrâneo, a fim de ferir os poderes marítimos.

O dos baios paras a terra do sul. Os *cavalos baios malhados* dirigiram-se ao *sul,* isto é, para o Egito, tradicional inimigo de Israel e poder que sempre se envolvia na destruição. O *leste,* entretanto, ficou de fora, pois o autor sagrado não estava interessado em detalhes. Mas mesmo assim recebemos uma mensagem geral que é bastante clara. Os julgamentos divinos serão universais, e nenhuma nação e nenhum indivíduo pecaminoso poderá escapar da punição merecida por causa de sua rebeldia e de seus pecados.

6.7

Saem assim os cavalos fortes. Os cavalos eram cavalos de guerra, pelo que também *ansiavam* por chegar aonde iam, com sua missão de matança. Eles estavam "impacientes". Queriam chegar a seu destino e patrulhar; por isso Yahweh deu-lhes ordem para partir. A *ira divina* estava a caminho (cf. Eze. 15.13; 16.42 e 24.13). A Babilônia seria julgada em primeiro lugar, e então a melancolia e a condenação avançariam contra as outras nações. Ver Zac. 5.5-11; Apo. 18.2,10,21; 19.1-3. As nações sentiam-se seguras, mas não era essa a realidade delas (ver Zac. 1.15). Haveria um justo julgamento divino (ver Apo. 19.2,15-19).

6.8

Eis que aqueles que saíram para a terra do norte fazem repousar o meu Espírito na terra do norte. A terra do norte era a Babilônia, e esse é o item enfatizado no texto. O anjo intérprete clamou contra esse país. Aqui, o Espírito é o agente da ira de Deus, e Ele não descansará enquanto a tarefa não estiver completa. Somente quando a Babilônia fosse aniquilada, Ele descansaria. A taça da iniqüidade estava cheia e tinha soado a hora da retribuição. Os medos e persas foram os instrumentos humanos, mas o poder era a força do Deus Soberano, o qual derrubou os babilônios e ergueu Israel para o seu novo dia.

Coroamento Simbólico de Zorobabel como Rei-Messias (6.9-15)

6.9

A palavra do Senhor veio a mim. A presente seção atua como uma espécie de apêndice histórico-profético que aborda o coroamento simbólico de Zorobabel

como Rei-Messias. Como é óbvio, ele tipificava o vindouro Messias da linhagem davídica. Zorobabel pertencia à família real, mas nunca foi rei. Contudo, sendo governador de Israel durante o domínio medo-persa, isso o tornava uma figura real. Josué, o sumo sacerdote, estava ao seu lado, em harmoniosa cooperação, e representava o lado sacerdotal do ofício messiânico. Esta seção faz lembrar o recolhimento do povo disperso de Israel, uma promessa escatológica. Alguns estudiosos supõem que a forma original desta seção se referisse somente a Zorobabel, mas, em alguma revisão, Josué também foi mencionado, fato que explicaria algumas declarações estranhas.

"As oito visões noturnas foram levadas a uma conclusão com um oráculo divino endereçado a Zorobabel. Deus o instruiu a realizar um ato simbólico mediante o coroamento de Josué, o sumo sacerdote. Josué representava aqui o *Renovo,* o Messias, que reedificaria o futuro templo e seria, ao mesmo tempo, Sacerdote e Rei" (F. Duane Lindsey, *in loc.*). Cf. Zac. 3.8 quanto à *doutrina do Renovo.*

A *palavra inspirada* de Yahweh confere-nos a seção que se segue – Zacarias era Seu profeta autorizado e transmitiu muitas visões e oráculos. Essa declaração é a afirmação típica sobre o trabalho dos profetas do Antigo Testamento. Ver no *Dicionário* os verbetes denominados *Revelação; Inspiração* e *Profecia; Profetas e o Dom da Profecia.*

6.10

Recebe dos que foram levados cativos, a saber, de Heldai, de Tobias e de Jedaías. Com leve emenda do texto hebraico obteremos: "Toma os presentes dos exilados, Heldai, Tobias e Jedaías... que vieram da Babilônia". "Deles obtém prata e ouro" (NCV). Desses materiais deveria ser feita uma coroa para o Messias-Sacerdote. Ver sobre os nomes próprios no *Dicionário.* "Os nomes referidos neste versículo falam daqueles a quem foram entregues vasos de prata e de ouro do templo, e que poderiam ter lingotes desses metais preciosos com propósitos especiais" (Adam Clarke, *in loc.*). Cf. Esd. 4.1 e 6.19.

Heldai é chamado Helém no vs. 14. Nomes de pessoas desconhecidas eram preservadas no relato sagrado por causa de algum serviço especial que elas tivessem realizado, e assim também acontece com todos os homens autênticos. Ver Apo. 2.17 no *Novo Testamento Interpretado* quanto à doutrina da *pedra branca:* cada pessoa é ímpar e tem uma missão ímpar para cumprir, e isso se estende por um tempo muito longo, e não meramente para o tempo da vida terrena.

6.11

Recebe, digo, prata e ouro, e faze coroas. O ouro e a prata seriam usados para fabricar *coroas,* possivelmente uma para Zorobabel e outra para Josué. O Messias seria coroado como Rei-Messias. Este versículo menciona apenas Josué, mas alguns eruditos acreditam que, originalmente, a passagem se referisse a Zorobabel, e, mais tarde, foi modificada para nomear Josué. A Septuaginta tem tanto o verbo quanto o substantivo no singular; mas essa foi uma modificação simplificadora, visto que o plural causa confusão se nos referirmos a apenas um homem que deve usar a coroa. O texto massorético, entretanto, tem o plural, *coroas.* Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Massora (Massorah); Texto Massorético.* Os críticos pensam que Zorobabel foi retirado do texto sagrado porque a história subseqüente provou que ele não era, em nenhum sentido, o Messias. Melquisedeque foi um rei-sacerdote (ver Sal. 110). Naquele tempo, após o cativeiro, os sumos sacerdotes possuíam grande autoridade e eram virtualmente reis. Essa circunstância pode ter inspirado o modo de expressão do presente contexto. A conjectura diz que o plural do original hebraico refere-se a *dupla coroa* de alguma espécie. Ou então é um *plural majestático.* Mas essas são conjecturas e maneiras pobres de resolver o problema. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Coroa,* quanto a detalhes.

6.12

Assim diz o Senhor dos Exércitos: Eis aqui o homem cujo nome é Renovo. Yahweh dos Exércitos (título divino usado 47 vezes neste livro) deu as ordens e guiou os procedimentos. O *Renovo,* o Rei-Sacerdote, usa a coroa, e em Suas mãos foi entregue a tarefa de continuar a obra do templo. Simbolicamente, Josué refere-se à era do reino e à renovação que nesse tempo haverá do culto a Yahweh, na nação de Israel, talvez com um templo literal construído com esse propósito, que os dispensacionalistas supõem ser esse o caso. "O coroamento teve típica significação que apontava para o Messias como *Rei-Sacerdote,* como o foi Melquisedeque, séculos antes (ver Gên. 14.18-20; Sal. 110.4; Heb. 7.11-21). *Renovo* é um título messiânico, conforme vemos em Zac. 3.8" (F. Duane Lindsey, *in loc.*). Note o leitor que a promessa de reconstruir o segundo templo foi dada originalmente a Zorobabel (Zac. 4.9), e isso parece indicar, conforme dizem os críticos, que esta seção se referia originalmente a ele. A construção incluía Josué somente de maneira incidental. O *governador,* como é claro, arcaria com o peso dessa responsabilidade. Cf. este versículo com Isa. 2.2-4; 56.6,7; Eze. 40-46 e Miq. 4.1,2. Alguns intérpretes vão ao extremo de conjecturar que a atual seção não se refere ao segundo templo, mas ao templo milenial, que o Rei-Messias construirá. Mas se isso poderia estar em vista, dentro do aspecto profético a longo prazo do texto, é óbvio que o assunto histórico é o segundo templo de Jerusalém.

6.13

Ele mesmo edificará o templo do Senhor, e será revestido de glória. Segundo os críticos, este versículo é absolutamente conclusivo para a idéia de que Zorobabel era o sujeito original do texto. O edificador do templo tinha autoridade *real* — ele governava de seu trono. E, ao seu lado, ele contava com um sacerdote que o ajudava! Haveria um entendimento pacífico entre eles, pelo que trabalhavam sempre de modo harmônico. O homem revestido de autoridade real era Zorobabel, e o sacerdote ao seu lado era Josué. Portanto, mesmo quando o rei não é chamado por nome, certamente é identificado como separado de Josué. Para evitar o significado óbvio deste versículo, alguns intérpretes transferem a cena para a futura era do reino de Deus e fazem com que o Messias seja ajudado por um sacerdote levítico. Então o Messias terá funções tanto sacerdotais quanto reais. Através dessa interpretação, a seção torna-se uma profecia escatológica, que nada tem que ver com a história dos dias de Zacarias. Porém, é melhor compreender que houve uma adaptação do texto de Zorobabel para Josué. Estão em pauta questões históricas, e não meramente proféticas. Não obstante, o vs. 13 mostra que a adaptação foi imperfeita, pois Zorobabel surge de repente, tendo como assistente um sacerdote (Josué).

6.14

As coroas serão para Helém, para Tobias, para Jedaías e para Hem. As *coroas* são agora entregues àqueles que as usariam, e elas se tornariam um memorial para os que haviam trazido ouro e prata para seu fabrico, a saber, as pessoas mencionadas no vs. 10, cujos nomes são repetidos aqui. A idéia, nesta passagem, parece ser que as coroas serão entregues ao segundo templo, como lembretes do dia memorável quando forem restauradas as funções real e sacerdotal. Talvez a idéia seja que essas coroas seriam penduradas em algum lugar conspícuo, para serem vistas por todos os passantes, os quais, ao vê-las, lembrar-se-iam do que a graça de Yahweh fizera "ontem". A delegação vinda da Babilônia se compunha de homens piedosos que realizavam sua porção do processo. Esses homens não seriam esquecidos. Eles se mostraram fiéis em um pequeno aspecto de uma grande obra. Portanto, hoje em dia lemos seus nomes e os honramos por causa do que fizeram. Yahweh os favorecera; Ele favorecera Zorobabel e Josué; Ele favorecera o segundo templo. E Ele favorece todos os que realizam as tarefas de que foram incumbidos, sejam elas grandes ou pequenas.

Oh, Deus de todos!
Ouve-nos quanto clamarmos.
Ajuda-nos um e todos
Pela Tua graça.
Quando a batalha tiver terminado,
E a vitória tiver sido conquistada,
Que usemos a coroa
Perante a Tua face!

(William F. Sherwin)

6.15

Aqueles que estão longe virão, e ajudarão no edificar o templo do Senhor. Foi prometido que Zorobabel desfrutaria de muita ajuda na edificação do templo de Jerusalém. Pessoas vindas de longe chegariam para ajudar. Não estão em mira os pagãos, entretanto. Pelo contrário, o remanescente judeu, que estava disperso, viria, formando uma corrente humana contínua, com o propósito de trabalhar. Ver Isa. 60.4,9. Cf. Deu. 28.1. Alguns eruditos vêem aqui uma profecia sobre a construção do templo milenial, e apontam Isa. 60.5,9,11; 61.6 e Hab. 2.7,8. Outros eruditos pensam estar em pauta a missão da igreja e a edificação do templo espiritual (ver Efé. 2.20). O sucesso, seja como for, é prometido aos que *obedecem* às ordens de *Yahweh-Elohim,* o Deus Eterno e Todo-poderoso, o diretor de todo o labor espiritual.

Aqueles que estão longe virão. Haverá grande ajuntamento dos judeus até ali dispersos; haverá a restauração da nação de Israel-Judá. E alguns intérpretes vêem nessas palavras o recolhimento das nações gentílicas, por igual modo (ver Miq. 4.1,2; Isa. 11.9).

Capítulo Sete

A Embaixada Vinda de Betel (7.1 - 8.23)

A Inquirição (7.1-3)

Cerca de dois anos depois de suas *visões noturnas* (7 de dezembro de 518 A. C.; cf. o vs. 1 com Zac. 1.7), que foi mais ou menos o meio caminho na reconstrução do templo, Zacarias entregou *quatro mensagens*. Elas foram dadas como resposta a uma delegação que viera a Jerusalém perguntar se a nação deveria continuar jejuando em memória da destruição de Jerusalém. Esses delegados tinham nomes estrangeiros, mas sem dúvida eram judeus, e não convertidos ao judaísmo. Eles chegaram de Betei, que ficava cerca de 19 km ao norte de Jerusalém. Esse lugar fora o centro da adoração apostatada do reino do norte, Israel (ver I Reis 12.28,29; 13.1; Amós 7.13), mas tudo se havia acabado fazia agora muito tempo. O yahwismo voltara a dominar entre os israelitas. A resposta do profeta, em sua essência, foi que tal jejum e lamentação tinha pouco valor espiritual, e o povo deveria ocupar-se com coisas mais importantes.

7.1

No quarto ano do rei Dario, veio a palavra do Senhor a Zacarias. Cf. esse *quarto ano* com o segundo ano de Dario, mencionado em Zac. 1.1. Corria o ano de 518 A. C.; e o mês foi o *nono* mês, a saber, quisleu (nome babilônico), correspondente ao nosso mês de dezembro. Cf. também Hab. 1.1. Uma das fontes informativas fornece a data exata, 7 de dezembro de 518 A. C. Naquele mesmo dia, veio novamente a palavra de Yahweh ao profeta Zacarias, o que significa que as revelações divinas continuavam. Cf. o vs. 4, onde a mensagem é dada. Ver também os vss. 8; 8.1,18. As quatro mensagens de Zacarias foram dadas por inspiração divina.

7.2

Quando de Betei foram enviados Sarezer e Régen-Meleque, e seus homens. A delegação vinda de Betei era encabeçada por *Sarezer* e *Regém-Meleque*. Quanto ao pouco que se sabe ou se conjectura sobre essas duas personagens, ver os artigos correspondentes no *Dicionário*. Esses dois homens chegaram humildemente, fazendo uma busca espiritual verdadeira e tentando conformar-se o mais que podiam ao yahwismo, que fora restabelecido na Terra Prometida. Aqui não há referência direta a Betel, mas é isso o que diz a Septuaginta, em lugar de "casa de Deus". Todavia, essa poderia ser uma referência ao segundo templo de Jerusalém, ao qual os enviados tinham chegado. O original hebraico é um tanto obscuro, o que força os intérpretes a conjecturar. A obscuridade do hebraico pode ser devida à má preservação do original.

7.3

Continuaremos nós a chorar, com jejum, no quinto mês, como temos feito por tantos anos? Os delegados apresentaram suas perguntas aos sacerdotes e profetas do segundo templo (casa) de Yahweh dos Exércitos (título divino que aparece 47 vezes neste livro). Eles estavam apelando para a corte suprema da Terra Prometida, visto que o problema era sério. Deveriam as pessoas do novo regime (porquanto Judá fora restaurada) continuar a chorar, a lamentar-se e a jejuar no *quinto mês?* Esse era o mês em que o templo de Jerusalém havia sido queimado, quando Gedalias era o governador. Gedalias foi assassinado no sétimo mês, o que serviu somente para aumentar a tristeza. Ver II Reis 25.8,9,25. Durante anos o povo de Deus lembrara aqueles temíveis acontecimentos com jejum e lamentações. Deveriam eles continuar essa prática, agora que as coisas tinham melhorado, com o raiar de um novo dia?

A Resposta de Zacarias (7.4-8.23)

7.4

Então a palavra do Senhor dos Exércitos me veio a mim. A resposta para o problema veio por meio de uma revelação. Yahweh falou através de Zacarias, para que não houvesse nenhuma dúvida sobre a questão. O Revelador é chamado aqui de Yahweh dos Exércitos, cujo poder soberano soluciona, em favor dos homens, todos os problemas da terra. Este versículo é a declaração padronizada sobre como os profetas do Antigo Testamento obtinham e entregavam suas mensagens. A vida espiritual da comunidade era ajudada pelas orientações divinas. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Revelação* e *Inspiração.*

7.5

Quando jejuastes e pranteastes, no quinto e no sétimo mês... A resposta dada pelo profeta foi severa, até mesmo amarga. Lança dúvida sobre a sinceridade do jejum, indagando se realmente tudo tinha sido feito para Yahweh, ou se havia algum indício idólatra misturado à questão. Eles tinham continuado com o jejum e as lamentações tanto no quinto como no sétimo mês; e isso demonstrava que eram dedicados à questão; mas qual fora a utilidade real da coisa? Mas se não tinha sido útil no passado, por certo não seria útil agora, no novo dia da restauração. Os *70* anos, na verdade, tinham sido os anos que os judeus passaram no cativeiro, na Babilônia (ver Jer. 25.11,12). Alguns intérpretes percebem aqui certa amargura contra aqueles homens vindos da antiga capital do norte, onde houvera tão lamentável apostasia. "Zacarias disse-lhes, em resposta à inquirição, que os jejuns que eles tinham observado não tinham tido valor algum, e que eles deveriam antes ter vivido a boa vida que Yahweh havia requerido, através dos antigos profetas. Zacarias, pois, seguiu nas pisadas de Ageu, exibindo a mesma atitude hostil para com a população nortista (samaritana) que os seus predecessores tinham adotado em outra ocasião (ver Ageu 2.10-14)" (D. Winton Thomas, *in loc.*).

Podemos supor que uma *formalidade vazia* tenha sido repreendida. Ademais, não fazia sentido os judeus se demorarem nas tragédias do passado mediante lamentações e jejuns auto-impostos. Havia um *novo presente* a ser vivido, quando as bênçãos de Yahweh estavam fluindo.

7.6

Quando comeis e bebeis, não é para vós mesmos que comeis e bebeis? Considere o leitor os quatro pontos seguintes:

1. Isso pode indicar que, embora os judeus estivessem observando jejuns no quinto e no sétimo meses, lamentando o que acontecera a Jerusalém, eles não estavam observando mandamentos que tinham sido ordenados pelo Senhor. Portanto, *naqueles dias* eles comiam e bebiam normalmente, seguindo sua própria indulgência e prazer.
2. Ou então, quando eles jejuavam, esse jejum não era total, pois eles comiam e bebiam alguma coisa.
3. Ou ainda, quando eles jejuavam, não obedeciam às regras regulares desse ritual. Ver Isa. 58.6-10, quanto aos tipos de jejum aceitáveis para Yahweh.
4. Ou, finalmente, o sentido pode ser que, enquanto jejuavam, supostamente honrando a Yahweh, no resto do tempo eles banqueteavam e engajavam-se em excessos de alimentos e bebidas fortes, o que redundava em desgraça para Yahweh. Segundo termos modernos, eles eram típicos "cristãos de domingo". Cf. I Cor. 10.31.

7.7

Não ouvistes vós as palavras que o Senhor pregou pelo ministério dos profetas...? Quando Jerusalém era uma cidade abastada, isso não fez seus habitantes ser mais espirituais. Os profetas anteriores (Oséias, Jeremias e Isaías) tinham dito as mesmas coisas àqueles hipócritas e réprobos, que agora Zacarias dizia à delegação enviada da parte de Betel. Se os judeus ricos tivessem prestado atenção, poderiam ter evitado o cativeiro castigador. O "sul", neste caso, provavelmente é Judá, ao passo que a "campina" é a Sefelá, a oeste. A intenção dessa declaração provavelmente indica que todos os judeus, em todo o território da nação do sul, eram rebeldes, a despeito de suas riquezas materiais, que eram uma bênção *aparente* da parte de Yahweh. O território inteiro atravessara um período de segurança e prosperidade, mas ainda assim o profeta precisou repreendê-los por causa de sua idolatria-adultério-apostasia.

7.8

A palavra do Senhor veio a Zacarias. O oráculo continua aqui, relembrando a delegação vinda de Betei de que era a palavra de Yahweh que o profeta lhes estava entregando, pelo que eles tinham a responsabilidade de ouvir, aprender e modificar sua conduta. Cf. os vss. 1 e 4. O título divino nos vss. 1 e 8 é o simples Yahweh, o Deus Eterno. Mas o título divino no vs. 4 é *Yahweh dos Exércitos*. O vs. 9 remete àquele título mais amplo. A autoridade de Yahweh é assim ressaltada, e também compreendemos que Zacarias era profeta autorizado de Deus.

7.9

Executai juízo verdadeiro, mostrai bondade e misericórdia cada um a seu irmão. O *Senhor dos Exércitos* (Yahweh dos Exércitos, título divino usado 47 vezes neste livro) informou os delegados enviados de Betel no que consistia a *verdadeira piedade. Quatro* leis morais em geral foram dadas para governar a

sociedade. O profeta anterior tinha salientado essas leis, e agora Zacarias fazia a mesma coisa. O verdadeiro jejum é a obediência à lei de Moisés, que é o *guia* para orientar os homens em toda a sua vida. Quanto a isso, ver Deu. 6.4 ss. Considere o leitor estes três pontos:

1. *Executai juízo verdadeiro.* O dinheiro e os subornos tinham dominado os tribunais da Terra Santa. Um homem pobre não podia obter julgamento justo, e um homem rico não podia ser condenado. Era a mesma antiga história dos abusos sociais: severidade para com os pobres e impunidade para com os ricos. Cf. Isa. 1.17 e Amós 5.24. Ver Zac. 8.16.
2. *Mostrai bondade e misericórdia.* Cada indivíduo devia ser tratado como um irmão, parte da mesma família, e não como um objeto a ser explorado. O *amor* é a mais importante das leis morais, e Deus é o modelo e supremo exemplo de amor. A bondade e a misericórdia são oriundas do amor. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Amor.* Cf. Zac. 8.16,17 e Miq. 6.8.

Um sobrinho de Henry James perguntou o que lhe competia fazer na vida. A resposta de James foi:

> *Três coisas são importantes na vida:*
> *A primeira é ser bondoso.*
> *A segunda é ser bondoso.*
> *E a terceira é ser bondoso.*

7.10

Não oprimais a viúva, nem o órfão, nem o estrangeiro, nem o pobre. Continua aqui a lista das leis morais. As instruções dadas são exemplos de como funciona uma *conduta piedosa,* em contraste com um formalismo vazio.

3. *Não oprimais.* Qualquer indivíduo pode tornar-se objeto de opressão por parte dos mais fortes e mais ricos. Porém, os objetos preferidos dos opressores são as viúvas, os órfãos e os estrangeiros, bem como os pobres que têm menos poder e direitos que os cidadãos ordinários. Os mais fortes caçam os mais fracos, tal como os animais mais fortes fazem de presa os animais mais fracos. Os ricos e poderosos usam sua capacidade mental para pensar meios de explorar os menos privilegiados. Estamos contemplando um lamentável quadro de homens depravados que perderam todo o senso de consciência e justiça. Cf. esta parte do versículo com Deu. 15.7-11; 24.14,15,19-21; 26.12,13. Se um homem quisesse fazer algo de impressionante, não teria de preocupar-se com jejuns e com rosto triste e comprido. Bastaria ajudar os pobres e fazer boas obras em favor dos membros carentes de sua cidade. A *generosidade* é a melhor maneira de aquilatar a espiritualidade básica. Quanto a *não planejar o mal* contra o próximo, cf. Sal. 36.4 e Miq. 2.1. Ver também Mat. 5.22,28.

7.11

Eles, porém, não quiseram atender, e rebeldes me deram as costas. Quanto à metáfora sobre o ato de *ouvir,* ver Sal. 64.1. Seus ouvidos ouviam o que eles queriam ouvir. Podiam ouvir claramente os convites para a prática do mal, mas os convites para o arrependimento eram inúteis. Os profetas sempre se queixavam de que suas palavras não eram bem acolhidas pelos judeus. Cf. Osé. 4.16; Isa. 6.10 e Jer. 5.23. As palavras da lei transmitiam *vida* (ver Deu. 4.1; 5.33; Eze. 20.11), mas eles preferiam caminhar pelas veredas da *morte.* Ver Mat. 7.13.

7.12

Sim, fizeram os seus corações duros como diamante, para que não ouvissem a lei. Os ouvidos estavam *tapados* com a iniqüidade, e o coração deles tornou-se duro como um diamante, devido à rebeldia. *Yahweh dos Exércitos,* o Soberano Senhor, tinha provido para eles a lei e a vida, bem como o Espírito Santo, que operava através dos profetas, pelo que a mensagem dos profetas era divinamente inspirada e poderosa. Porém, coisa alguma podia impressionar aqueles réprobos. Em resultado de tal resistência, severo juízo divino foi enviado como um último esforço para reformá-los. Os primeiros profetas entregaram sua mensagem aos espiritualmente rebeldes, e outro tanto fizeram os últimos profetas, como Zacarias. Mas todos eles *fracassaram* em seu intuito, do ponto de vista humano. O Espírito de Deus era a fonte originária da inspiração profética. Cf. II Tim. 3.16 e II Ped. 1.21. Portanto, haveria a ira divina contra aqueles réprobos. Suas orações não seriam ouvidas; eles seriam dispersos entre as nações (vss. 1 e 14). Quanto a *coração de pedra,* cf. Eze. 11.19 e 36.26.

7.13

Visto que eu clamei e eles não me ouviram, eles também clamaram e eu não os ouvi. À medida que o brasume da ira de Deus foi aumentando, conforme era visto nos ataques dos inimigos, bem como através das pragas, doenças, seca etc., eles começaram a perceber que estavam balançando na beira do olvido e puseram-se a orar. Mas agora era Yahweh quem tinha os ouvidos tapados. E Ele não lhes deu ouvidos nem resposta. Ele os ignorou. Quanto à aparente *indiferença* de Deus, ver Sal. 10.1; 28.1; 59.4; 82.1; 143.7. Cf. também Miq. 3.4; Jer. 11.11 e 14.12.

7.14

Espalhei-os com um turbilhão por entre todas as nações. Então os judeus foram *dispersos,* ou seja, foram levados cativos. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Cativeiro Babilônico.* Mesmo assim, a espada continuou a persegui-los, porquanto morreram como moscas na Babilônia, com freqüência por meio de crimes sanguinários e violência inusitada. Entrementes, a terra que eles deixaram foi totalmente devastada e deixada como um deserto. Tornou-se um território tão abandonado que ninguém ousava cruzá-lo. Tinha sido um território *agradabilíssimo,* mas a iniqüidade arruinou tudo. O *turbilhão* fez seu serviço: espalhou o povo, soprando-o para longe como a palha, para uma terra estrangeira; e cortou pelo meio Judá como se fosse um tornado, estragando tudo. Na verdade, Judá tornou-se um povo sem terra natal.

Capítulo Oito

Esta seção, que continua neste capítulo, começou em Zac. 7.4. Temos aqui a resposta de Zacarias (7.4-8.23). Não há nenhuma interrupção entre os capítulos 7 e 8. Temos aqui a *segunda parte* da resposta de Zacarias à delegação enviada de Betel (ver Zac. 7.2). Esta parte consiste em *sete* declarações (que aparecem nos vss. 2;3;4,5;6;7,8;9-13 e 14-17, respectivamente), todas introduzidas pelas palavras "assim diz Yahweh dos Exércitos". A segunda declaração deixa de lado as palavras "dos Exércitos". As declarações tratam da promessa da felicidade futura para Judá e Jerusalém. O tema geral é que Yahweh, o Cabeça de exércitos, retornará a Sião e fará o bem para Judá e para Jerusalém.

8.1

Veio a mim a palavra do Senhor dos Exércitos. Temos aqui a declaração padronizada que introduz os oráculos e as visões dos profetas: afirma que a palavra (mensagem) é de Yahweh (aqui título completado com "dos Exércitos"). Devemos compreender que o profeta Zacarias, ao falar, fazia-o pela autoridade Daquele que o tinha enviado. Portanto, Sua mensagem deveria ser ouvida e obedecida. Cf. Zac. 7.1,4.

8.2

Tenho grandes zelos de Sião. *Primeira Declaração.* Cf. Zac. 1.14. A palavra de Yahweh foi novamente destacada, tal como no vs. 1, onde vemos as notas expositivas. Cada declaração é introduzida mediante a mesma fórmula. Aqui Yahweh dos Exércitos é visto como um Deus zeloso. Ver as notas expositivas sobre Zac. 1.14 e Êxo. 20.5; 34.14; Deu. 4.24; Jos. 24.19. Israel-Judá era o povo de Deus (e também Sua "esposa", usando a terminologia de Oséias). Ele tinha profundos sentimentos de indignação quando via Seu povo sendo devastado por agentes estrangeiros, embora Ele mesmo tivesse enviado esses agentes para cumprir Seus juízos. Mas isso não significa que Ele não vergastasse os opressores e, eventualmente, não revertesse o mal que eles tinham feito.

"Assim como o capítulo 7 se parece com o convite ao arrependimento, de Zac. 1.2-6, o capítulo 8 reflete as bênçãos prometidas que foram pintadas nas visões noturnas (ver Zac. 1.7-6.8). Isto posto, a terceira e a quarta mensagem vêem a restauração do exílio, nos dias de Zacarias, como precursores de bênçãos futuras e prosperidade na era milenial. E essas mensagens também enfatizam o tempo futuro quando a retidão, a justiça e a paz haverão de encher a terra" (F. Duane Lindsey, *in loc.*). Foi assim que o requeimante ciúme de Deus se transformou em requeimante amor.

8.3

Voltarei para Sião, e habitarei no meio de Jerusalém. *Segunda Declaração.* Cf. Zac. 1.16 e 2.10. Aqui o profeta descreve a Nova Jerusalém em termos similares aos usados por Isaías (1.21; 2.3 e 11.9). A segunda declaração começa com a mesma fórmula que as outras, mas deixa de fora as palavras "dos Exércitos", depois do título divino *Yahweh.* Isso mostra que a palavra dita por Zacarias certamente era inspirada pelo Senhor. A presença divina voltaria a Jerusalém, cidade que será então chamada de *fiel,* situada nos montes santos onde estava o templo. Em outras palavras, esse lugar virá a possuir as qualidades espirituais que os profetas vinham descrevendo, fazia séculos, como necessárias à vida e à existência. Cf. este versículo com Joel 3.17 e Oba. 17. O vs. 8, a seguir, tem uma mensagem similar. A presença divina é que faz toda a diferença. "Santidade estará escrito nas sinetas dos cavalos" (John Gill, *in loc.,* referindo-se a Zac. 14.20).

8.4-5

Ainda nas praças de Jerusalém sentar-se-ão velhos e velhas. *Terceira Declaração.* Esta declaração, tal como todas as demais, é introduzida pela fórmula "diz Yahweh dos Exércitos", afirmando a fonte e a autoridade divina das palavras. Na restaurada Judá-Jerusalém, as pessoas viverão por longo tempo e ficarão idosas. Cf. Isa. 65.20. "A idade avançada era considerada, no tempo do Antigo Testamento, a bênção terrena suprema (cf. Êxo. 20.12; Pro. 3.2), especialmente à luz do fato de que por aquele tempo não havia ainda a crença firme na vida pós-túmulo" (D. Winton Thomas, *in loc.*). Assim sendo, uma vida boa, longa e próspera era a promessa para quem observasse a lei de Moisés (ver Deu. 4.1; 5.33; 6.2 e Eze. 20.11). Nos Salmos e nos Profetas, a doutrina da alma começou a aflorar. Ela se desenvolveu em alto grau nos livros apócrifos e pseudepígrafos, e então, mais ainda, no Novo Testamento, com suas novas dimensões. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Imortalidade;* e ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Alma.*

As pessoas viverão por longo tempo, mas também haverá crianças nas ruas (vs. 5), desfrutando de segurança e alegria. Não haverá opressão externa nem interna, e o crime cessará inteiramente. Idosos e jovens juntamente desfrutarão a boa vida da Jerusalém restaurada. Haverá muitos filhos, outra condição muito apreciada pelo povo hebreu. Contrastar com Jer. 6.11 e 9.11. Antes havia somente desolação. O lugar fora reduzido a um deserto. Os poucos sobreviventes judeus foram levados cativos para a Babilônia. O poder de Deus, entretanto, reverterá essas calamidades.

8.6

Se isto for maravilhoso aos olhos do restante deste povo naqueles dias... *Quarta Declaração.* Veio novamente a palavra de Yahweh dos Exércitos, através dos profetas. Todas as sete declarações são assim introduzidas, excetuando a segunda, que deixa de fora as palavras "dos Exércitos" (vs. 3). O povo judeu duvidava de que Zorobabel fosse capaz de completar a edificação do templo, e mostrava-se cético acerca das bênçãos prometidas, vinculadas ao templo. Eles se sentiram massacrados nos dias antigos e mantinham os olhos cegados para o vindouro Novo Dia. Mas essa declaração afirma os tempos maravilhosos reservados para o remanescente judeu. Isso era maravilhoso aos olhos de Deus, e também seria maravilhoso aos olhos humanos. "Aqueles que fossem deixados vivos poderiam pensar que isso era algo muito difícil de acontecer, mas não é difícil demais para Mim" (NCV). Cf. Gên. 18.14 e Mat. 19.26. Os homens, na sua incredulidade, limitam o poder de Deus (ver Sal. 78.19,30,41). Mas coisas pequenas podem tornar-se grandes (ver Zac. 4.10). Tudo quanto se faz necessário é pedir (ver Mat. 7.7-10). Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

8.7-8

Eis que salvarei o meu povo, tirando-o da terra do oriente e da terra do ocidente. *Quinta Declaração.* Esta declaração foi introduzida com a frase padronizada "a palavra de Yahweh dos Exércitos". Ver as notas sobre o vs. 6. Para Israel havia libertação prometida na Terra Santa. O inimigo vindo do *leste* seria derrubado para nunca mais atacar. Está em pauta a Babilônia, que normalmente era referida como nação que atacava pelo *norte* (ver Jer. 1.14; 4.6). Naturalmente, a Babilônia ficava a nordeste da Palestina. O inimigo vindo do *ocidente* provavelmente era o Egito, embora este apareça como que vindo do *sul.* Cf. Jer. 43.1-7. Quanto à idéia geral da quinta declaração, cf. Isa. 43.5,6; Jer. 30.10. Salvação e segurança seriam a sorte deles, porquanto Yahweh seria o Deus deles (Elohim, o Poder que protegia os judeus). Quanto a essa fórmula antiga, cf. Osé. 2.3 e Jer. 11.4. A fidelidade de Deus seria evidente, e todas as injustiças seriam endireitadas. Ver Osé. 2.19,20. Ver também Zac. 10.8-12.

Talvez *oriente e ocidente* não devam ser entendidos especificamente, mas apenas como "pessoas provenientes da largura da terra", as quais não terão poder sobre Israel, quando essa nação for restaurada.

8.9-13

Sexta Declaração. Cf. Ageu 1.6-11; 2.15-19. Esta declaração foi introduzida pela mesma fórmula das outras: "a palavra de Yahweh dos Exércitos". Ver as notas expositivas sobre Zac. 8.1 e 7. Estavam sendo descritas maravilhas que requereriam o poder de Deus para serem concretizadas. A sexta promessa diz respeito a uma prosperidade e a um bem-estar multifacetados, dados pela presença de Yahweh e providos por Sua graça e por Seu amor. Aqueles que ouviram falar nas promessas deveriam ser encorajados. Seus braços não continuariam a pender, inertes e impotentes. O templo seria reconstruído; as promessas divinas teriam cumprimento; as maldições seriam anuladas; e bênçãos substituiriam as maldições.

Em si mesmos, os homens são sempre fracos, mesmo quando pensam ser fortes. Seus braços sempre pendem frouxamente, aos lados do corpo; seus ossos estão sempre secos; seus músculos vivem a tremer. O povo judeu olhou para a tarefa de reconstruir o segundo templo e quase desmaiou diante da grandiosidade do trabalho. Quando foram lançados os alicerces do templo, os profetas encorajaram aos judeus. Mas as reversões, o trabalho árduo e, algumas vezes, o desinteresse conseguiram debilitá-los; e o trabalho ficou sem ser feito. Ver Ageu 1.2-6. O trabalho deles rendeu poucos resultados, e eles caíram nos queixumes e na inércia. Ver Ageu 1.9-11 e 2.16-19.

Porque antes daqueles dias não havia salário para homens. Os homens trabalharam arduamente, mas não havia recursos para pagar salários, pelo que eles tiveram de doar seu trabalho. Além disso, havia quem continuasse a assediar e a meter medo nos judeus. Poucas coisas são tão debilitante como obter um baixo salário por aquilo que fazemos, e imagine o que seria trabalhar e nada receber! Talvez esta declaração seja geral, concernente a condições desfavoráveis na nova colonização da Terra Prometida. Ver Ageu 1.5-9-11,16,17. Os dias que conduziram à construção do segundo templo foram dias de vacas magras. Não se pareceram nada com os dias que conduziram à construção do primeiro templo (na época de Salomão), quando aquele rei possuía todo o dinheiro e seu pai, Davi, já havia reunido muito material de construção. Em adição a todos esse problemas e empecilhos, havia *conflitos internos* entre os trabalhadores. À tribo de Judá faltava a unidade necessária para a reconstrução do templo.

Mas agora não serei para com o restante deste povo como nos primeiros dias. Os *primeiros dias* foram difíceis, quando até Yahweh parecia estar contra Seu povo. Mas os "dias presentes", entretanto, contavam com a presença restaurada de Deus. E a presença do Senhor certamente fortaleceria e abençoaria os judeus. O templo seria construído; a agricultura seria renovada e floresceria; o dinheiro começaria a acumular-se de novo. "Mas agora que o templo foi construído, não farei conforme fiz anteriormente, no caso daqueles que retornaram da Babilônia" (Jerônimo, *in loc.*). A obediência na construção do templo reverteria a maldição divina.

Porque haverá sementeira de paz. Os processos vitais da natureza voltariam à normalidade. A agricultura floresceria, as chuvas cairiam, e o orvalho se condensaria no solo, à noite, favorecendo assim a vida. Yahweh enviaria dos lados do mar Mediterrâneo ventos carregados de umidade, pelo que tanto de noite quanto de dia seria provida água adequada. E o remanescente judeu, tão pobre e necessitado, chegaria a possuir todas as coisas necessárias à vida e à existência, bem como à alegria e ao conforto. Contrastar este versículo com Ageu 1.6,9-11 e 2.16.

E há de acontecer... que, assim como fostes maldição... assim vos salvarei, e sereis bênção. Más relações com os vizinhos sempre foram forças devastadoras contra Israel-Judá. De fato, Israel era considerado uma *maldição* para as nações. Mas tudo isso seria revertido no futuro, pelo poder de Yahweh. Israel tornar-se-ia um povo forte, que nenhum outro povo ousaria atacar. Israel-Judá teve períodos de paz, mas para que este versículo diga a verdade, temos de considerar a era do reino, quando esse povo se tornar a cabeça das nações, e outras nações compartilharem sua prosperidade material e espiritual. Ver Miq. 4.1-3. Ver Jer. 24.9 quanto à maldição das nações contra Judá. Cf. também Isa. 46.9.

8.14-17

Sétima Declaração. Como todas as demais declarações, a sétima declaração veio pela "palavra do Yahweh dos Exércitos". Cf. o vs. 2, onde ofereço algumas notas expositivas. Temos aqui uma nova afirmação sobre as bênçãos futuras, tal como as maldições passadas tinham sido uma realidade. As maldições seriam levantadas. Verdade, justiça, misericórdia e honestidade seriam características dos futuros dias de bênçãos, em contraste com a iniqüidade que marcara as gerações anteriores. Os requisitos morais de Yahweh não seriam ignorados, e isso faria com que um povo bom prosperasse em paz. É a lei de Moisés que transmite *vida* (ver Deu. 6.4 ss.). Quando o povo judeu aprendesse a obedecer a essa lei, a sorte deles mudaria para melhor.

Como pensei fazer-vos mal. Quando os pais do povo judeu provocavam Yahweh com seus múltiplos pecados, Ele lançou contra eles o Seu raio e não se entristeceu por causa disso. Ele não se arrependeu por ter ferido, e ferir foi o que Ele fez. Isso estava em acordo com a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). Quanto ao *arrependimento divino,* ver as notas expositivas em Êxo. 32.14. Os antepassados dos judeus encontraram o desastre, mas seus descendentes, devido à obediência, tiveram vida plena e próspera, cheia dos favores divinos. Estão em vista, especificamente, o ataque e o cativeiro babilônico. "Da mesma maneira que o cativeiro foi produzido por um decreto de Deus, outro tanto se deu com a restauração" (Ellicott, *in loc.*).

Assim pensei de novo em fazer bem a Jerusalém. "Nestes dias", ou seja, após o cativeiro, no tempo em que a cidade de Jerusalém e seu templo estavam

sendo construídos de novo. Foi um tempo favorável para a bênção divina, que reverteria todos os males que os babilônios tinham praticado como o látego usado por Yahweh. Atos de benevolência substituiriam a trovoada divina. "Se a punição ameaçada tivesse sido imutavelmente infligida, quanto mais o será a bênção prometida por Deus, a qual está muito mais em consonância com o amor de Deus? (ver Jer. 31.28)?" (Fausset, *in loc.*). Cf. este versículo com Isa. 14.25.

Falai verdade cada um com o seu próximo. A conduta moral do povo deve encorajar a mudança divina da severidade para a gentil benevolência. Os itens dados aqui são somente exemplos do que era requerido pela lei moral de Moisés. Deveria haver *honestidade* básica naquilo que fosse dito e feito, nos contratos, nos votos, no cumprimento dos deveres profissionais de cada um. "Verdade, justiça, misericórdia e honestidade deveriam caracterizar os judeus tanto na esfera pessoal quanto na esfera civil (cf. Zac. 7.8-10). Em suma, a mensagem diz: 'Fazei as coisas que Deus ama' (cf. Zac. 8.19) e evitai as coisas que Ele odeia" (L. Duane Lindsey, *in loc.*). Este versículo remete diretamente à delegação enviada de Betel para interrogar se eles deveriam ou não jejuar, lamentando o que tinha acontecido a Jerusalém quando os babilônios destruíram aquele lugar, fazia agora mais de 70 anos. A história da delegação enviada de Betel ocupa o trecho de Zac. 7.1-8.23, mas no meio dos longos discursos do profeta poderíamos esquecer o pano de fundo histórico. Quanto ao sistema judicial apropriado, que não favorece os ricos e poderosos, ver as notas sobre Zac. 7.9, primeiro ponto. Contrastar com Mal. 2.8,9.

Nenhum de vós pense mal no seu coração contra o seu próximo. Este versículo continua dando as condições divinas para que um povo possa obter e reter a ajuda celestial. A questão de não se tolerar uma má imaginação contra um irmão está contida em Zac. 7.10, última parte. Não deveria haver *opressão* dos fracos por parte dos fortes. Também não deveria haver juramentos falsos, o que novamente nos leva de volta à cena tribunícia, em que o dinheiro e o poder compravam qualquer tipo de decisão que um homem quisesse. Ver Êxo. 20.16, que contém o nono dos Dez Mandamentos e fala sobre a mesma coisa. Quanto aos juramentos falsos, ver também Zac. 5.3.

8.18

A palavra do Senhor dos Exércitos veio a mim. *Os vss. 18-23* constituem a *terceira parte* da resposta de Zacarias aos delegados vindos de Betel (ver Zac. 7.2). A *primeira parte* fica em Zac. 7.5-14. E a *terceira parte* fica em Zac. 8.1-17. A essência desta seção é que os dias de jejum tornar-se-iam, para Judá, tempos de alegria, e não de lamentação, e também que as nações pagãs (que antes perseguiam a Judá) buscariam a Yahweh e assim viriam a compartilhar o favor divino, naqueles dias ideais do reino. Essa breve seção contém *três declarações,* nos vss. 19, 20-22 e 23.

Uma vez mais, encontramos a *declaração padronizada* que introduz as afirmações (oráculos, revelações) dos profetas do Antigo Testamento. Mas temos a versão comum da declaração encontrada no livro de Zacarias: "palavra de Yahweh dos Exércitos". Esse *título divino* é encontrado 47 vezes no livro de Zacarias e é repetido cinco vezes neste capítulo.

8.19

O jejum do quarto mês, e o do quinto, e o do sétimo, e o do décimo será para a casa de Judá regozijo. *Primeira Declaração.* Temos aqui quatro jejuns mencionados como dos meses quarto, quinto, sétimo e décimo, embora antes houvesse apenas dois, no meses quarto e sétimo (ver Zac. 7.3,5). O povo de Betel (ver Zac. 7.2) enfatizava o lado melancólico da fé religiosa, pois supunham que por seu muito jejuar e lamentar as tragédias passadas eles estavam ganhando crédito à vista de Yahweh. Esses jejuns auto-impostos eram celebrados em memória de eventos recentes. Eles lamentavam a captura de Jerusalém (quarto mês, II Reis 25.3; Jer. 39.2; 52.6,7); a ruína do templo (quinto mês, II Reis 25.8); o assassinato de Gedalias (sétimo mês, Jer. 51.1-7); e o cerco de Jerusalém (no décimo mês, com o subseqüente cativeiro, II Reis 25.1; Jer. 52.4,28; Eze. 24.1,2). Esses jejuns eram feitos por pessoas de coração entristecido, que não podiam esquecer o passado nem apreciar a vida, embora já houvesse chegado um dia melhor. O zelo deles, pois, estava mal orientado.

O Novo Dia tinha chegado e, assim sendo, era tempo de os judeus se regozijarem e substituírem tais jejuns por eventos alegres: *festas de regozijo,* acompanhadas por cânticos, regozijo e danças, e dias inteiros repletos de atos de obediência à lei, serviços prestados ao próximo e vida amorosa, pacífica e justa (ver Zac. 7.9,10; 9.16,17).

8.20-22

Ainda sucederá que virão povos e habitantes de muitas cidades. *Segunda Declaração.* Esta segunda declaração consiste nos vss. 20-22, e é encabeçada pela declaração padrão de que o que se segue foi dado por inspiração de Yahweh dos Exércitos (o que é verdadeiro nas três declarações: vs. 19; vss. 20-22; e vs. 23). Cf. esta declaração com a de Isa. 2.2-4 e Miq. 4.1-3. A alegria se espalhará entre os gentios, que participarão na restauração de Israel. De fato, a restauração será universal, e por isso causa de regozijo, e não de jejuns.

Povos virão a Jerusalém com a finalidade de adorar. Antes, os povos gentílicos mostraram-se hostis, mas agora estarão em harmonia com Israel, que se elevará como cabeça das nações e centro do Novo Mundo, na era do reino de Deus. "Todos quererão compartilhar a alegria de êxtase e a era messiânica" (Theodore Cuyler Speers, *in loc.*).

E os habitantes de uma cidade irão à outra. Os povos comunicarão uns aos outros seu entusiasmo, encorajando as peregrinações e homenageando Jerusalém como capital de todos os povos do mundo. Yahweh será o Deus deles, a saber, *Yahweh dos Exércitos,* o Soberano que terá vindo governar Seu reino, e ter-se-á tornado o Senhor universal, em uma fé unificada.

Virão muitos povos, e poderosas nações, buscar em Jerusalém o Senhor dos Exércitos. Aqueles povos que anteriormente eram fortes para destruir agora serão fortes para louvar a Yahweh e render glórias a Israel. Esses povos participarão plenamente do culto a Yahweh, com suas buscas espirituais, orações e lealdade voluntária à sua nova fé.

8.23

Naquele dia sucederá que pegarão dez homens, de todas as línguas das nações. *Terceira Declaração.* Total sujeição à nova ordem de coisas será exibida quando dez homens de nações pagãs pegarem da orla das vestes de um judeu e implorarem que ele os presida no culto de Jerusalém, a fim de que não percam as bênçãos do reino da era milenar. *Elohim* é o Deus dos judeus, o Todo-poderoso, o *Poder* que abençoará poderosamente Seu povo. Os povos pagãos terão ouvido falar Dele e de Suas obras, e desejarão participar de Suas bênçãos. E podemos estar certos de que eles obterão o que desejam, pois a "restauração" será a palavra do dia. Encontramos aqui uma reverberação da doutrina do Emanuel, "Deus conosco". Ver Isa. 7.14. Cf. também Isa. 45.14. E ver igualmente Zac. 14.16-19 e Isa. 2.3. Com essa elevada nota de esperança e louvor termina a primeira porção do livro de Zacarias (capítulos 1-8), que é bastante distinta da segunda (capítulos 9-14). Talvez a segunda porção do livro seja uma edição posterior, lançada pelo profeta Zacarias ou por algum editor, como um discípulo seu, que queria promover sua mensagem. Ver as notas de introdução ao capítulo 9 de Zacarias, quanto a isso. Zacarias não seria testemunha do cumprimento de suas profecias esperançosas, mas o dia de Deus se aproximava cada vez mais. Deus sepulta Seus obreiros, mas o trabalho prossegue nas mãos de outros obreiros.

Capítulo Nove

Chegamos agora à segunda metade do livro de Zacarias, que é bastante diferente da primeira. A primeira parte (capítulos 1-8) é atribuída a Zacarias; a segunda parte (capítulos 9-14) pode ser de autoria dele, numa adição posterior, ou pode ser de autoria de um discípulo dele, um editor subseqüente que queria promover seus labores e sua mensagem. Seja como for, separo a segunda parte da primeira e dou-lhe um esboço separado, que consiste em *dez seções.* Quanto ao problema da *Unidade do Livro,* ver a seção II da *Introdução,* onde há uma discussão completa, que não reitero aqui.

"A divisão final do livro consiste em *dois oráculos* (ver os comentários em Zac. 9.1-8) que falam sobre o Rei messiânico e Seu reino. Os capítulos 9-11 referem-se, na maior parte, ao primeiro advento de Cristo, salientando o tema de Sua rejeição, mas também esboçando a história profética de Israel até os tempos do fim. Os capítulos 12-14 enfocam o segundo advento de Cristo e enfatizam Sua entronização como início do grande final da história de Israel" (L. Duane Lindsey, *in loc.*).

A segunda parte do livro de Zacarias tem muitos reflexos da primeira parte, emprestando uma espécie de unidade ao todo. Alguns de seus temas unificadores são: 1. a futura prosperidade de Judá e Jerusalém (Zac. 1.7-17); 2. a destruição das nações (Zac. 1.18-21); a divina proteção e bênçãos divinas (capítulo 2); 3. a purificação espiritual de Israel; 4. o alcance da santidade (Zac. 5.5-11). Ofereço esses temas como exemplos. Na segunda parte há trechos paralelos como: 1. Zac. 10.6-9; 2. Zac. 9.1-8; 3. Zac. 10.2,3; 4. Zac. 14.0,21.

O Triunfo do Rei Messiânico (9.1-12)

Esta seção tem sido encarada por muitos eruditos como reverberação das conquistas de Alexandre, o Grande, depois da batalha de Issua, em 333 A. C. Os críticos pensam que um editor qualquer a adicionou ao livro de Zacarias, pois, como é óbvio, Zacarias já teria morrido por esse tempo. Os eruditos conservadores, entretanto, vêem essa seção como profética, entendendo que ela foi escrita por Zacarias. Grandes movimentos de nações fornecem o pano de fundo dos livros proféticos, o que por certo também é verdadeiro no caso de Zacarias.

9.1

A sentença pronunciada pelo Senhor é contra a terra de Hadraque, e repousa sobre Damasco. A palavra "sentença" é tradução da palavra hebraica *massa,* "uma carga", dando a entender uma mensagem que pesa sobre o coração e a mente dos homens. Ver as notas expositivas sobre Mal. 1.1. Uma sentença usualmente é uma mensagem que contém um presságio de julgamento que um profeta tinha no coração e então entregou em seus pronunciamentos. Foi a palavra de Yahweh quem deu ao profeta essa *sentença.* Essa é a declaração padronizada dos livros proféticos do Antigo Testamento: Yahweh estava por trás dessas declarações e possuía profetas autorizados para entregar Suas mensagens. Note o leitor que o termo *sentença,* relativo às mensagens proféticas, não foi empregado nos capítulos 1-8, mas aparece na segunda seção do livro, em Zac. 9.1 e 12.1,3. Esse uso é um dos muitos "novos" elementos que distinguem a segunda parte do livro da primeira. Cf. as *sentenças* de Isaías (15.1; 17.1; 19.1; 21.1,11,13; 22.1).

Hadraque. Ver no *Dicionário* sobre este nome próprio locativo. Os documentos assírios mencionam esta cidade como pertencente à Síria, ao norte de Damasco. Yahweh estava tanto ali como em Damasco, cidades que ficavam ao norte do território de Israel, a fim de julgar. Alexandre, o Grande, provavelmente fora o agente usada por Deus na condenação descrita pelos versículos presentes. A destruição antecederá a volta triunfal do Messias, e esse é o alvo na direção do qual as palavras se movem.

Todas as cidades de Arã (Síria) pertencem a Yahweh, e Ele fará com elas o que melhor Lhe aprouver, como também com todo o povo de Israel. Yahweh fixou sobre eles Seus "olhos", porquanto pertencem a Ele.

"Esta é uma profecia contra a Síria, contra os filisteus, contra Tiro e contra Sidom, que foram sujeitados por Alexandre, o Grande. Depois disso, o profeta falou gloriosamente acerca da vinda de Cristo e da redenção que Nele há" (Adam Clarke, *in loc.*).

Sobre os homens. No hebraico temos a palavra *adam,* aqui traduzida por "homens". Mas esse termo é emendado por muitos para *Arã.* Trata-se de um lugar sujeitado à ira divina.

9.2

Também repousa sobre Hamate que confina com ele. Hamate também é objeto da atenção destruidora de Deus. Modernamente, essa localidade chama-se Hamã, outra porção da Síria, ao norte de Damasco, a capital. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Hamate. Tiro* e *Sidom,* embora sábias aos próprios olhos, também seriam derrubadas por terra. Yahweh faria tombar os orgulhosos (vs. 4). O cerco de Tiro foi uma das campanhas mais brilhantes de Alexandre, o Grande. Prolongou-se por sete meses e terminou com êxito em julho de 332 A. C. Cf. Eze. 28.1-23. A alegada sabedoria dos tírios também é mencionada nesta passagem.

9.3

Tiro edificou para si fortalezas, e amontoou prata como o pó. O profeta fez sua atenção estacionar sobre Tiro por algum tempo, porquanto a cidade era lugar orgulhoso e notável, fortificado e protegido, pelo que sua queda foi um grande feito do poder de Alexandre, o Grande. Naturalmente, acima de Alexandre havia o Poder, isto é, Elohim, o Deus Soberano de toda a criação, que opera na história, recompensando e punindo, em concordância com a lei moral. O Criador intervém em Sua criação, o que exprime a essência do *Teísmo* (ver a respeito no *Dicionário*). Em contraste, o *Deísmo* (ver também no *Dicionário*) ensina que a força criativa (pessoal ou impessoal) abandonou sua criação nas mãos das leis naturais. Tiro ficava numa ilha quase inacessível, difícil de ser invadida. Ademais, era pesadamente fortificada, o que parecia torná-la inexpugnável. Assim sendo, o orgulho humano era uma das características da cidade. Era uma das cidades mais ricas da época, dependendo do tráfico marítimo. Ver sobre esse lugar no *Dicionário,* quanto a detalhes. O ouro e a prata eram tão abundantes ali como o *pó,* mas em poucos meses Alexandre reduziu a cidade inteira à poeira, ou à *lama,* as águas do mar misturadas ao pó.

9.4

Eis que o Senhor a despojará, e precipitará no mar a sua força. Yahweh rejeitaria a cidade de Tiro e a *despojaria* de suas possessões (Revised Standard Version). "O Senhor tirará tudo quanto ela tem" (NCV), pondo fim a suas riquezas e a seu orgulho. Ela também teria fechado seu lucrativo comércio marítimo, a fonte de suas riquezas materiais. Além disso, a própria cidade seria queimada a fogo, e a coisa inteira seria atribuída a Yahweh, pois Tiro (conforme se alegava) estava fora de alcance dos homens. Yahweh, porém, estava ao lado de Alexandre, sendo Ele o invisível General de Seu exército. Cf. este versículo com Eze. 26.17-21; 27.27 e 34. A auto-suficiência de Tiro terminou em desastre. Q. Curtius (50.5, cap. 4) mencionou especificamente o fato de que Tiro foi incendiada por Alexandre.

9.5-6

Ascalom o verá e temerá; também Gaza, e terá grande dor. As principais cidades dos filisteus, Ascalom, Gaza e Ecrom (ver no *Dicionário* sobre esses lugares), alarmadas, observariam o avanço de Alexandre e começariam a tremer. Essas cidades seriam atacadas e então se debateriam em angústia. As esperanças serão confundidas e se despedaçarão. A federação dos filisteus consistia essencialmente em cinco cidades-estados. A essas três cidades do vs. 5, Asdode é adicionada no vs. 6. *Gate,* a quinta cidade, não é mencionada aqui. Talvez ela tivesse deixado de existir quando esta passagem foi escrita, conforme supõem alguns estudiosos. Entretanto, há evidências de que, na época, Gate estava sujeita a tributos ao império persa, dirigida por um governador militar persa. A cidade de Asdode, o orgulho dos filisteus, tinha passado a possuir uma população mista, a mistura de várias raças estrangeiras, e assim perdera seu caráter distintivamente filisteu. Nossa versão portuguesa diz aqui "povo bastardo", mas "misto" parece ser a tradução preferível. "Estrangeiros viverão em Asdode" (NCV). Alexandre, um líder universalista, tinha prazer em ver misturas de raças. Ele não estava interessado em gregos puros, filisteus puros, ou em nenhuma outra raça pura.

9.7

Da boca destes tirarei o sangue dos sacrifícios idólatras. A despeito dos severos julgamentos que se seguiriam, castigando a iniqüidade, a restauração deveria sair daí. Os filisteus, uma vez purificados, tornar-se-iam um remanescente em favor de Deus, como um clã de Judá, unido e beneficiando-se com base no suprimento divino. "Farei com que deixem de beber sangue. E não mais consumirão qualquer outro alimento proibido. Aqueles que sobrarem vivos, pertencerão a Deus. Eles serão líderes em Judá. E Ecrom tornar-se-á parte do Meu povo, como os jebuseus" (NCV). Israel tornou-se distintiva entre as nações devido às suas leis de *Limpo e Imundo* (ver a respeito no *Dicionário*). Os pagãos tornar-se-iam sujeitos às leis de Israel, semelhantes a Israel, em vez de Israel-Judá tornar-se semelhante aos pagãos, o que sempre aconteceu na história passada do povo. O abandono da idolatria logicamente é compreendido como o elemento essencial desse processo de os gentios se tornarem como os judeus. Os jebuseus foram o povo que Davi sujeitou, quando conquistou Jerusalém. Os sobreviventes, dentre eles, misturaram-se aos judeus e acabaram sendo absorvidos. O mesmo acontecerá com outros povos, presumivelmente na era futura do reino de Deus, porquanto o que é dito aqui nunca ocorreu no passado. Josefo (*Antiq.* xiii.cap. 15, s. 4) mencionou o fato de que muitos filisteus se tornaram prosélitos da fé de Israel, mas não em quantidade suficiente para justificar as palavras deste versículo.

E será como chefe em Judá. Este texto é seguido em várias traduções. Mas a Revised Standard Version emenda para *'eleph* (clã), em vez de reter *'alluph* (chefe), e isso pode estar correto. Os estrangeiros tornar-se-ão um clã em Israel.

9.8

Acampar-me-ei ao redor da minha casa para defendê-la. Embora potências estrangeiras dominassem os povos em derredor, Yahweh armará acampamento com o Seu povo e agirá como guarda contra o ataque, preservando assim a integridade de Israel. "Guarda" (ver a Revised Standard Version) é uma tradução conjectural apoiada pela Septuaginta e pelo siríaco. Diz o original hebraico, literalmente, "exército" (em nossa versão portuguesa — "forças militantes". O acampamento de Yahweh não permitirá que nenhum exército estrangeiro chegue a Jerusalém com o propósito de prejudicá-la. A profecia, a curto prazo, dizia que o exército macedônio de Alexandre não cercaria Jerusalém. Isso é historicamente verdadeiro. Alexandre respeitava profundamente a cidade de Jerusalém, sua população e autoridades religiosas. Sua ira se transformou em intenções pacíficas, mediante as intercessões de Jadua, o sumo sacerdote. Ver Josefo (*Antiq.* xi.8. s. 5). Talvez um livramento final seja tipificado por esse acontecimento. Ver Isa. 60.18; Eze. 28.24. Nesse caso, a profecia torna-se uma predição escatológica.

9.9

Alegra-te muito, ó filha de Sião. Chegamos agora ao clímax desta parte do oráculo. O rei messiânico aparecerá. Talvez o acontecimento histórico em pauta tivesse sido Alexandre, o Grande, montado orgulhosamente em seu cavalo, atuando como instrumento para cumprir o propósito de Yahweh. Mas o sentido espiritual refere-se ao Messias. Mat. 21.1-5 aplica as palavras à entrada triunfal de Jesus em Jerusalém. Mas isso só pode ser parte do quadro, e não a sua totalidade, porquanto a glória futura do Messias é salientada, associada ao segundo advento do Messias.

Filha de Sião... filha de Jerusalém. O vocábulo *filha* originalmente era usado para indicar a cidade ou aldeia satélite de uma cidade central, que era a "mãe" das cidades circunvizinhas. Mas essa expressão, "filha de", passou a referir-se ao povo

inteiro, conforme se vê aqui. Ver sobre "filha de Sião", em Isa. 1.8; 37.22; Jer. 4.31; 6.23. Quanto à expressão "filha de Jerusalém", ver Isa. 37.22 e Jer. 52.1.

Montado em um jumento. Note o leitor o transporte humilde, o humilde jumento. "A vitória é dele, embora ele não fosse um guerreiro e não chegasse montado em um cavalo de batalha. Antes, ele chegou em um animal que simboliza uma nação pacífica. Esse retrato do governante messiânico sem dúvida é modelado, em parte, segundo a figura misteriosa retratada em Gên. 49.10,11" (D. Winton Thomas, *in loc.*).

Quanto a informações completas, ver as notas expositivas sobre Mat. 21.5, no *Novo Testamento Interpretado.*

9.10

Destruirei os carros de Efraim e os cavalos de Jerusalém. A *paz* será instaurada pelo Príncipe da Paz, e isso fará parte das bênçãos do reino de Deus. Portanto, não haverá mais carros de combate avançando, pertencentes a Efraim; não haverá mais flechas escurecendo o céu; não haverá mais cavalos de guerra entrando em Jerusalém ou saindo da cidade. O Messias ordenará "Paz!", e todas as nações obedecerão e abandonarão seus implementos de guerra. O Messias brandirá um cetro de domínio universal, para o bem de todos os seres humanos. Seu domínio se estenderá de mar a mar e do rio (Eufrates; ver Miq. 7.12 e Isa. 7.20) até os confins da terra. Alexandre conquistou o mundo conhecido em seus dias e morreu quando tinha por volta de 30 anos. Em contraste, o Messias dominará a terra inteira e reinará pelos séculos dos séculos. Alexandre saiu conquistando e matando, mas o Messias estabelecerá e cumulará todas as nações da terra com Seus benefícios celestiais.

9.11

Quanto a ti, Sião... tirei os teus cativos da cova. Promessas especiais foram feitas a Israel, que desempenhará papel especial no esquema da restauração futura. Todos os cativos serão libertados e haverá perfeita *liberdade.* O *Libertador* porá fim ao antigo estado de coisas caracterizado pelos cativeiros, pela escravidão a potências estrangeiras, pela dominação do pecado. Ele operará em consonância com o *pacto* firmado com Seu povo, aqui denominado aliança "de sangue". Provavelmente devemos pensar aqui no *pacto mosaico,* baseado no sistema de sacrifícios animais. Ver sobre esse pacto na introdução a Êxo. 19.

Este versículo tem sido cristianizado para referir-se ao sangue do pacto cristão, derramado por ocasião da morte do Messias, em Seu primeiro advento... E então o pacto abraâmico (comentado em Gên. 15.18) também foi firmado por meio de um sacrifício de sangue (ver Gên. 15.8-21).

Da cova em que não havia água. A alusão é a uma cisterna seca que podia ser usada como prisão temporária para confinar um homem ou um animal. Está em vista o lugar ou a condição de *exílio.* Israel nunca mais sofrerá exílios, nem será mais escravo do pecado ou do deboche, e certamente também não se prenderá mais à idolatria. Estão em vista as operações da era do reino. Coisa alguma como essa aconteceu na história. Israel continuou a ser esbofeteado pelas potências estrangeiras, como continua a ser até hoje.

9.12

Voltai à fortaleza, ó presos da esperança. "Vós, prisioneiros cheios de esperança, retornai a vosso lugar de segurança. Eis que hoje vos estou dizendo que vos darei o dobro de antes" (NCV). As promessas do reino têm continuidade aqui. Israel ultrapassará às medidas de sua anterior glória, poder ou riquezas. Originalmente, essas palavras podem ter sido um chamado para Israel sair de seu exílio, na Babilônia. Cf. Zac. 8.8. Deveria haver uma recompensa pelos sofrimentos enfrentados (ver Isa. 61.7). No entanto, riquezas maiores estão reservadas para o tempo do reino futuro de Deus: ali também há maior segurança; e a volta maior do exílio ainda espera pela sua realização. Há uma brilhante esperança, apesar das aflições (ver Jó 13.15; Sal. 42.5,11). Alguns diziam: "A esperança está perdida" (ver Jer. 31.17), mas o poder divino anularia esse pessimismo.

"*Prisioneiros da esperança* é um interessante conjunto de palavras. Ambos os substantivos dizem uma verdade. Expressam quase as palavras-chaves do Antigo Testamento para que se compreenda a história dos hebreus. Bombardeados, batidos, desprezados, e, no entanto, sempre houve aquela esperança que ninguém podia apagar" (Theodore Cuyler Speers, *in loc.*).

Guerra Vitoriosa contra os Tiranos (9.13-17)

Uma das interpretações desta seção é que ela é uma espécie de apêndice que se manifesta contra os gregos, que tinham obtido dominação mundial, a despeito das esperanças de uma aparição do Messias para breve (assunto da seção anterior). Um espírito pacífico, pois, transformou-se em um espírito belicoso. Israel se vingaria dos gregos, através do poder de Yahweh. Se colocarmos isso dentro do contexto histórico, então essa foi outra esperança vã. Naturalmente, os *sucessores* dos gregos foram derrotados pelos macabeus, o que deu a Israel outro breve período de independência, encerrado pelos romanos. A menção aos gregos, aqui, se foi mesmo de autoria do profeta Zacarias, deve ser uma profecia, mas essa é uma das razões pelas quais alguns intérpretes supõem que os capítulos 9-14 tenham sido escritos por algum editor subseqüente. Isso significaria que eles foram escritos durante e após as vitórias dos gregos, quando a Macedônia obteve domínio sobre o mundo conhecido da época. Alguns eruditos supõem que esta seção seja uma adição posterior que reflete historicamente o conflito dos macabeus (169-135 A. C.) contra Antíoco IV Epifânio (cf. Dan. 11.32). Nesse caso, foi escrito como história, ao passo que outras porções da segunda seção do livro (capítulos 9-14) foram escritas como profecia.

9.13

Porque para mim curvei Judá como um arco. A guerra seria desfechada por Efraim e Judá, ou seja, tribos do norte e do sul, em um presumível esforço "nacional". Mas não houve restauração do país inteiro nos dias dos macabeus, embora o território dos macabeus não se limitasse somente à nação de Judá. Talvez tudo o que o autor sacro quisesse dizer fosse o "Israel unido", o Novo Israel da restauração de depois do cativeiro babilônico, sem exigir a restauração real das antigas fronteiras. O poder real por trás do arco (Judá) e das flechas (Efraim) era Yahweh, que faria deles a Sua *espada* (isto é, um implemento de guerra).

9.14

O Senhor será visto sobre os filhos de Sião, e as suas flechas sairão como o relâmpago. Yahweh era agora o General dos Exércitos, de fato, do exército inteiro, porquanto as flechas do Senhor é que foram atiradas como o relâmpago; a Sua trombeta é que fazia soar o grito de batalha; e Ele é quem marchava como um tornado, abrindo uma vereda limpa pelo meio da terra e aniquilando os inimigos de Israel. Note o leitor o título divino aqui usado, que se ajusta bem ao espírito da seção: *Adonai-Yahweh,* ou seja, o Senhor Soberano. A *Soberania de Deus* (ver a respeito no *Dicionário*) atua nos negócios internacionais dos homens. Na arte assíria e babilônica, algumas vezes Deus é pintado como montado em um cavalo celeste, com arco e flechas na mão, voando acima de Seus exércitos e conduzindo-os à vitória. Talvez essa imagem tenha influenciado as metáforas deste versículo.

A maioria dos intérpretes vê aqui as vitórias dos macabeus, mas a linguagem é tão radical que muitos pensam que estão em vista aqui vitórias futuras, que ajudarão a trazer a era do reino de Deus.

Os redemoinhos do sul. Foi dito assim porque as tempestades mais ferozes que atingiam Israel-Judá vinham do deserto ao sul da nação. Cf. Sal. 21.1. Deve haver uma alusão às ferozes manifestações de Yahweh no Sinai (ver Êxo. 19).

9.15

O Senhor dos Exércitos os protegerá; devorarão os fundibulários e os pisarão. *Descrições da Violência.* Yahweh (o *Adonai-Yahweh* do vs. 14) virá como uma tempestade para defender o Seu povo. Ele é Yahweh dos Exércitos (título divino repetido 47 vezes neste livro). Ele devorará os adversários de Israel como se fosse um animal feroz a devorar sua presa; Ele pisará aos pés os fundibulários cujas pedras visavam ser fatais para Israel; então Israel beberá o sangue deles como se fossem vinho; o sangue encherá os cantos dos altares, e assim aqueles réprobos tornar-se-ão um sacrifício a Yahweh, e o altar Dele será como um *holocausto* (ver a respeito no *Dicionário*). O vs. 15 tem um hebraico obscuro e provavelmente corrompido; por essa razão, as traduções variam tanto na tentativa de arrancar um sentido das palavras. A tradução inglesa NCV faz Israel destruir seus inimigos com fundas, e os homens gritariam bêbados de vinho. A NIV, por sua vez, apresenta os bebedores de vinho/sangue se encherem da bebida como um vaso usado para aspergir os cantos do altar nos ritos de sacrifício. Talvez a figura seja a de um exército vitorioso a observar uma festa de alegria, terminada a batalha. Como bebida, eles beberão o sangue de seus inimigos, e o derramarão sobre o altar, quando foram oferecidos sacrifícios de ação de graças pela vitória dada por Yahweh. Sabemos que os homens dos exércitos pagãos bebiam o sangue de seus adversários, na esperança de assim obter a "virtude" ou "poder" que seus inimigos possuíam. Essa é uma figura tomada por empréstimo, não querendo dar a entender que sangue humano era realmente tomado, pois isso era proibido pela lei mosaica. "Temos aqui a imagem do sacrifício segundo o qual parte da carne era ingerida e o sangue era derramado como libação (cf. Jer. 46.10)" (Fausset, *in loc.*). O sangue e a gordura eram porções que cabiam a Yahweh (ver Lev. 3.17). Quanto às figuras de *devorar* e *beber,* ver Núm. 23.24; Miq. 5.8; Eze. 14.20 e 39.16,17.

9.16

O Senhor seu Deus naquele dia os salvará. Yahweh-Elohim (o Deus Eterno e Todo-poderoso) intervirá e salvará os filhos de Israel, quando eles se defrontarem com os tiranos gregos, e também no último dia, antes da inauguração do reino de Deus, quando eles se levantarem como a cabeça das nações. Eles serão o *rebanho* do Grande Pastor. Cf. isso com Zac. 10.6. A idéia do rebanho é proeminente nos próximos quatro capítulos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pastor,* e ver também Sal. 23; Isa. 40.11; Jer. 31.10; Eze. 34.23 e 37.24. Os filhos de Israel serão como *jóias* na divina coroa real, ornamentos que celebram a graça, a misericórdia e o triunfo do Senhor. "Eles brilharão em Sua terra como jóias em uma coroa" (NIV). Cf. Amós 9.11-15. Ver também Isa. 62.3 e Mal. 3.17. A figura final de exaltação, neste passo, é a de uma *bandeira* levantada tão alto que pode ser vista desde longa distância. Cf. Isa. 11.1,2. Mas algumas traduções fazem isso aplicar-se à coroa, e não a um elemento separado. Mas a alusão parece ser à prática dos antigos exércitos vitoriosos, que punham troféus de sua vitória em mastros ou outros lugares conspícuos, para serem vistos por todos quantos ali passassem. Cf. este versículo com Zac. 10.3.

9.17

Pois quão grande é a sua bondade! E quão grande a sua formosura! A figura, neste trecho bíblico, é a de uma grande e bela exaltação proporcionada à nação de Israel. Então a agricultura haverá de florescer, o *cereal* alegrará os jovens, e o vinho animará as donzelas. "'Prosperidade' será a palavra do dia, tanto física quanto espiritual. Os jovens ficarão *vigorosos* com o cereal, e as donzelas ficarão fortes com o vinho (a idéia da tradução NCV). Haverá 'abundância de alimentos' e também 'abundância de vinho' — símbolos de tempos bons... de paz e abundância... " (Fausset, *in loc.*). Cf. Sal. 72.16 e Zac. 8.5.

Capítulo Dez

Só Deus Concede a Chuva (10.1-2)

10.1

Pedi ao Senhor chuva no tempo das chuvas serôdias. O antigo povo de Israel acreditava que as condições climáticas eram controladas pelo decreto divino. Yahweh dará a chuva quando os homens pedirem por ela, *se* forem dignos dessa concessão. Deus está acima do *ciclo de água:* a evaporação de águas dos mares; a formação das nuvens; os ventos que sopram as nuvens ao redor do mundo; as chuvas e a neve que se precipitam; as bacias hidrográficas naturais, que ajuntam águas nos lagos e rios. Além disso, há tempos críticos do ano em que as chuvas devem cair, antes do plantio e da colheita. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Chuvas Anteriores e Posteriores.* A agricultura é o coração da vida e da economia, e essa ciência depende da benevolência divina.

Cf. o vs. 1 deste capítulo com Zac. 14.17; Joel 2.18-27 e Amós 4.7,8. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Agricultura.* No Talmude, um tratado inteiro (denominado *Taanith*) é dedicado ao suprimento divino das águas necessárias para a agricultura. O breve oráculo que fica em Zac. 10.1,2 provavelmente foi escrito em tempos de seca. Isso não tem nenhuma relação com os versículos circundantes, mas o mesmo não pode ser dito com relação à vida e à existência em qualquer tempo e qualquer lugar. Continuamos absolutamente dependentes de chuvas.

10.2

Porque os ídolos do lar falam cousas vãs, e os adivinhos vêem mentiras. Os empecilhos aos processos naturais da natureza incluem a idolatria dos povos, que provoca a mente divina e lança Deus contra eles. Em razão disso, sobrevêm os julgamentos divinos, como as prolongadas e temíveis secas. Ajudando a atrapalhar o fluxo das bênçãos, estavam os profetas mentirosos que serviam os ídolos e desviavam o povo do caminho reto. Mas o povo que contava com Yahweh como seu Pastor (ver Zac. 9.16) perdeu esse privilégio e começou a vaguear ao redor, sem liderança adequada.

Os ídolos. No hebraico, *teraphim* (ver a respeito no *Dicionário*). Ver também sobre *Serafins (Terafins).* Eles acumulavam para si mesmos as forças imundas da mágica e do demonismo. Estão em vista os deuses domésticos que as pessoas punham em prateleiras e faziam deles "os pequenos deuses da família". Cf. Gên. 31.19. O julgamento deveria sobrevir contra os falsos pastores e contra os rebanhos desviados. Então as coisas seriam normalizadas (ver Miq. 5.3,4). Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Adivinhação* e *Sonhos.* Ver Nee. 6.10-14 quanto a uma tirada contra os *falsos profetas;* ver sobre os *adivinhos* em Mal. 3.5. O trecho de II Macabeus 12.40 diz-nos que sob as túnicas dos mortos foram encontradas todas as formas de mercadorias e coisas consagradas a ídolos, as quais eram proibidas pela lei de Moisés, mas floresciam entre o povo comum.

A Ira de Deus contra os Opressores (10.3-12)

10.3

Contra os pastores se acendeu a minha ira. Temos um paralelo próximo a este oráculo em Zac. 9.13-17. Os tiranos terão de ser derrubados, e Efraim (o norte) e Judá (o sul), ou seja, Israel unificado, serão o instrumento que as mãos de Yahweh usará para essa tarefa. "O tempo, como é óbvio, será o tempo do governo ptolemaico na Palestina. O *Egito* e a *Assíria* do vs. 10 são os impérios ptolemaico e seléucida. Quanto ao todo, os judeus não foram maltratados pelo império ptolemaico, mas houve períodos regulares de perseguição (conforme ilustrado na história contada no livro de III Macabeus). Seja como for, esse poder representada o domínio estrangeiro, que os judeus desprezavam. Os *pastores* e os *líderes* desta seção são os governantes, especificamente os ptolomeus e os seus agentes" (D. Winton Thomas, *in loc.*).

Somente o Senhor controla a história. Ele castigará os estrangeiros e recolherá Seus remidos, historicamente, na vitória dos macabeus, e profeticamente, na vitória de Israel nos últimos dias, antes da instauração do reino milenar de Deus. Alguns ligam este versículo ao vs. 2 e vêem aqui a opressão causada pelos falsos profetas e pelos líderes que fazem o rebanho desviar-se. No entanto, parece estar em vista a conexão com o estrangeiro. Quanto à figura do Pastor do rebanho, ver as notas expositivas em Zac. 9.16. Em contraste com as ovelhas, estão os bodes estrangeiros, ou seja, os *líderes* dos opressores estrangeiros. Yahweh livrar-se-á deles e dará a Seu rebanho o descanso em face do assédio. Quanto à *metáfora do Pastor,* ver também Jer. 2.8; 17.16; 23.1-4; Eze. 34.2. A mesma figura é usada para apontar os opressores estrangeiros. ver Jer. 6.3,4; 25.34-38 e 49.19.

10.4

De Judá sairá a pedra angular, dele a estaca da tenda. *Quatro figuras* são oferecidas, fazendo-nos compreender que está chegando o tempo no qual os líderes de Israel surgirão dentre o seu próprio país, estando completamente derrotada a opressão estrangeira. O Targum vê as figuras como se falassem de diferentes aspectos do governo do Messias.

As Figuras:

1. Os governantes "saídos do país", ou o Messias, serão a *Pedra angular* (ver Isa. 28.16), o alicerce sobre o qual o país será edificado. Eles (Ele) serão os poderes sobre os quais repousarão as instituições nacionais (ver I Sam. 14.38; Isa. 19.13).
2. *A estaca da tenda.* As tendas eram levantadas por meio de postes, e as *estacas da tenda* lhe emprestavam estabilidade. Algumas traduções dizem aqui *pregos,* oferecendo-nos uma figura ampla. Os pregos são úteis para propósitos de "unir peças". São pontos importantes de força que mantêm as coisas unidas ou lhes emprestam apoio. Cf. Isa. 22.23.
3. *O arco de batalha.* Cf. Sal. 45.5. Yahweh dos Exércitos seria a defesa deles, bem como a arma ofensiva contra os poderes estrangeiros e os opressores. Yahweh é um *Guerreiro.* Terminar a tirania das nações faz parte de Seu plano de batalha.
4. *Os chefes.* Cf. Gên. 49.10; Miq. 5.2. Yahweh é Rei e se livrará dos reis estrangeiros. Ele *oprimirá* os opressores.

10.5

E serão como valentes que na batalha pisam aos pés os seus inimigos. A *liderança coletiva* de Israel (que acabamos de ilustrar de vários pontos de vista) serão como soldados. Marcharão para a batalha caminhando por ruas lamacentas. *Yahweh* estará com eles, pelo que guerrearão com valentia e derrotarão seus inimigos. As vitórias dos macabeus são destacadas aqui, historicamente falando; e a vitória de Israel, por meio do Messias, produzindo assim a era futura do reino de Deus, é o sentido profético. Seja como for, Yahweh é visto como o Governante dos acontecimentos humanos, individuais ou internacionais.

"*Vss. 5-7.* A idéia anterior (vs. 4) é agora um pouco mais explorada, e Efraim, agora não de forma apenas implícita, mas explicitamente (conforme se vê em Zac. 9.13-16), é incluído na promessa, como se pertencesse à tribo de Judá (ver Eze. 37.16,17,22). Quanto ao cumprimento das promessas contidas nesta passagem, ver I Macabeus 3.39; 4.7,31; 6.30,35; 9.4,11; 10.73,77 e 15.13" (Ellicott, *in loc.*). Quanto à visão profética a longo prazo, temos a seguinte citação de F. Duane Lindsey: "Vss. 6-12. O Messias reajuntará a todo o Israel. O *escopo mundial* desta profecia que diz respeito tanto a Israel como a Judá, bem como às atividades de Deus em favor de Seu povo escolhido, indicam que o recolhimento final de Israel, imediatamente antes do segundo advento do Messias, está em vista".

10.6

Fortalecerei a casa de Judá, e salvarei a casa de José. A casa de Judá é a nação do sul; a casa de José equivale à tribo de Efraim, referida no vs. 7. Não havia tribo de Jose. Antes, os dois filhos de José (adotados como filhos de Jacó), Efraim e Manassés, encabeçavam as tribos de seus nomes. Efraim era a maior e mais poderosa tribo do norte, pelo que esse nome pode indicar isso, como também pode acontecer na expressão "casa de José" (ver a expressão *casa de José* em Amós 5.6; e sobre o *restante de José* em Amós 5.15). Ver também Oba. 18, que diz "casa de José". Esse versículo fala da nação reunida de Israel, incluindo a nação do norte e a nação do sul, o que se cumpriu de maneira preliminar sob a liderança dos macabeus, e em maior extensão pelo Messias, quando Israel se soerguer como a cabeça das nações. A misericórdia e o amor de Deus se estenderão a eles, e será como se eles nunca tivessem sido rejeitados, porque a restauração será completa e sem defeito. Yahweh será o Deus deles e novamente ouvirá e responderá às orações deles. O ensino sobre a grande compaixão de Deus, substituindo a antiga ira, é um dos grandes temas das profecias pós-exílicas. Ver Isa. 49.14,15. Ver Rom. 11.26-29. Os pactos serão renovados e todas as promessas divinas terão cumprimento de maneira espetacular. Quanto ao fato de que Yahweh-Elohim era o Deus de Israel, e Israel era o Seu povo, cf. Osé. 1.9; Zac. 8.8 e 9.7.

10.7

Os de Efraim serão como um valente, e o seu coração se alegrará como pelo vinho. *Efraim,* ou nação do norte, será trazido de volta. Haverá recuperação de tudo quanto fora perdido. Israel será reunido novamente. Efraim estará de volta e será forte como um guerreiro. Voltará e estará feliz como um homem que ingeriu muito vinho. Seus filhos verão essa condição restaurada e se encherão de alegria. De fato, o coração deles exultará em Yahweh, Aquele que realizará essa maravilha. Efraim era um tribo que se distinguira pelo valor de seus homens; e isso é enfatizado aqui. Yahweh é visto novamente como o Agente por trás de todos os aspectos da história humana. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Soberania de Deus; Teísmo* e *Providência de Deus.*

10.8

Eu lhes assobiarei, e os ajuntarei, porque os tenho remido. Yahweh "assobiará", e todo o Israel-Judá voltará correndo do cativeiro. O som do assobio divino atingirá os confins da terra. Talvez a figura tencionada seja um instrumento musical usado pelos pastores para reunir as ovelhas em tempos de emergência ou durante a noite. Ver Juí. 5.16. Esse forte antropomorfismo é suavizado na Revised Standard Version ("farei para eles um sinal") e também na NCV ("chamarei o meu povo"). Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Antropomorfismo.* Talvez a figura do assobio tenha sido tomada por empréstimo de Isa. 5.26 e 7.18, onde a Assíria é assim convocada. No presente caso, como é natural, é ao povo disperso de Israel que responderá ao sonido do assobio. Yahweh controla os negócios dos homens e as coisas acontecem segundo o Seu cronograma. Ver isso nos vss. 5-7 deste capítulo. O povo assim chamado são os *remidos* os quais serão levados a prosperar no Novo Dia. Outrossim, a restauração divina será um pasto rico para as ovelhas. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Restauração de Israel.*

10.9

Ainda que os espalhei por entre os povos, eles se lembram de mim. Foi Yahweh quem espalhou Seu povo quando o julgou por causa da idolatria-adultério-apostasia. Os agentes da dispersão da nação do norte foram os assírios; os agentes da dispersão da nação do sul foram os babilônios; e os agentes da grande dispersão de Israel, iniciada em 132 D. C. e que somente agora está sendo revertida, foram os romanos. Assim como Yahweh julgou por dispersão, também agora Ele redime por causa de Seu grande amor, quando o arrependimento é genuíno. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Diáspora (Dispersão) de Israel.* As antigas gerações se haviam perdido, embora Deus possa chamar e realmente chamará suas almas de volta a Ele (ver I Ped. 3.18-4.6). A *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver também a respeito no *Dicionário*) está sempre em operação. Não há estagnação. Todas as perdas podem ser revertidas. Em sua aflição, os descendentes daquela pobre gente se lembravam do Senhor e Ele se lembrava deles. Todo o Israel será finalmente salvo (ver Rom. 11.26).

10.10-11

Porque eu os farei voltar da terra do Egito. A volta dos israelitas será realmente grande. Será como outro escape do Egito. O povo atravessou o mar Vermelho porque o poder de Deus estava com ele. Mas o exército egípcio, ao tentar fazer a mesma coisa, se afogou e morreu, porquanto o poder de Deus *não* estava com eles. O Ser divino estava naquela maravilha. Nenhum homem poderia ter feito aquilo. A Assíria foi outro lugar desgraçado de exílio de israelitas. O poder de Deus também anulará isso. Todos os captores terão de entregar seus cativos. Eles voltarão correndo para Israel e encherão o lugar do Líbano a Gileade, ou seja, do extremo norte ao extremo sul. Eles herdarão o território que foi prometido pelo *pacto abraâmico* (ver Gên. 15.18) e voltarão em números tão grandes que a Terra Prometida não será capaz de contê-los (uma hipérbole oriental). Ver Isa. 11.11-16. A restauração será completa e gloriosa, e todo o mundo se admirará diante dela.

O cetro do Egito. O primeiro aparecimento da palavra "Egito" no versículo é uma emenda. Egito (*miçrayim)* substitui a palavra hebraica *çara,* "aflição", que parece não fazer muito sentido. Muitas traduções modernas seguem essa emenda.

O cetro do *Egito* (segunda ocorrência dessa palavra no vs. 11) se afastará de Israel. Não haverá mais dominação estrangeira. O Nilo secar-se-á (figuradamente). Essa era a origem de toda a vida e existência no Egito, símbolo da vitalidade e poder daquele país. Havia uma dispersão de judeus no Egito, nos tempos ptolemaicos, e isso, pelo menos em parte, pode estar em vista aqui, mas a referência principal é ao êxodo original que deve ser reproduzido, mas em termos maiores, em preparação à era futura do reino de Deus. Historicamente falando, os impérios ptolemaico (do Egito) e selêucida (da Síria) tiveram de ser derrubados para que a restauração do povo de Israel fosse bem-sucedida. Historicamente, porém, temos de pensar também no êxodo original do Egito e no cativeiro assírio do reino do norte. Profeticamente, porém, devemos compreender que *quaisquer* e *todos* os cativeiros serão revertidos por ocasião do recolhimento final de Israel.

10.12

Eu os fortalecerei no Senhor. Tal como no vs. 6, temos aqui o *fortalecimento divino* mencionado como a causa real da reversão dos infortúnios de Israel. Os filhos de Israel serão fortes em Yahweh e assim tornar-se-ão o Seu povo na Terra Prometida, restaurados e remidos, abençoados e exaltados. Eles se "gloriarão" em Seu nome, como seu grande Benfeitor. Israel andará como um povo remido (e não mais apóstata). Em sua obediência, eles serão abençoados. Quanto à metáfora do andar, ver no *Dicionário* o verbete chamado *Andar.* "Fortalecerei o meu povo. E eles viverão conforme tenho dito, diz o Senhor" (NCV). O *Nome* do Senhor governará seus pensamentos e ações e lhes dará sucesso em tudo quanto fizerem. Ver sobre *Nome* em Sal. 31.3 e sobre *Nome Santo,* em Sal. 30.4 e 33.21. Ver também sobre *Nome,* no *Dicionário.*

Capítulo Onze

A Queda dos Tiranos (11.1-3)

Este pequeno oráculo provavelmente é paralelo a Zac. 10.3-12. Antecipando a queda dos tiranos, o profeta proferiu uma lamentação zombeteira por causa deles. Ele emprega uma figura antiquíssima, pintando-os como os grandes cedros do Líbano, a mais colossal árvore que os hebreus conheciam. Cf. Isa. 2.13 e Eze. 31.1-18. A ingrata nação de Israel foi adiando sua restauração por seus horrendos atos de iniqüidade, e o oráculo seguinte (vss. 4-14) toma esse tema a peito. Assim sendo, Yahweh é visto ocupado a punir os culpados pelas infrações morais contra a Sua lei.

11.1

Abre, ó Líbano, as tuas portas para que o fogo consuma os teus cedros. *"A Queda dos Tiranos.* As palavras cedros, pastores e leões referem-se aos governantes. Os cedros do Líbano eram símbolos proverbiais de força (ver Eze. 31.2-9), tal como o eram os carvalhos de Basã (ver Isa. 21.13 e Eze. 27.6; cf. Sal. 22.12 e Amós 4.1)" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre os vss. 1-2 deste capítulo). Por conseguinte, temos aqui várias figuras simbólicas: os tiranos são como os cedros, os pastores etc., e quando as árvores são destruídas pelo fogo, finalmente elas caem nas cinzas e no nada. Alguns intérpretes fazem os vss. 1-3 conter o oráculo que se segue concernente a Israel, e todos os versículos aplicar-se a Israel, adiando a restauração final. Todas essas três áreas geográficas, o Líbano, Basã e o Jordão, foram trazidas para o quadro, porquanto a queda de Israel seria universal. Mas o julgamento eventualmente traria uma restauração igualmente universal.

11.2

Geme, ó cipreste, porque os cedros caíram. Os poderosos cedros seriam queimados até o rés do chão, e os nobres pinheiros, embora de menor prestígio, observaria a queda das árvores mais importantes, pois em breve teriam sorte similar. Os carvalhos de Basã logo também seriam aniquilados. Em lugar de *cipreste,* algumas traduções dizem *pinheiro* e outras dizem *abeto.* Há dúvidas

sobre a espécie vegetal, mas a lição é clara. Basã é a região que faz fronteira com o Líbano, ao sudeste, e era famosa tanto por seus carvalhos como por seu gado. Ver todos os nomes próprios no *Dicionário,* quanto aos detalhes. É de presumir-se que as diferentes espécies de árvores, algumas mais nobres e mais fortes do que outras, falam de gradações de tiranos, os grandes e os pequenos, mas estavam todos ocupados na questão da opressão.

O denso bosque. Todos os tiranos, de qualquer qualificação, tiveram a mesma sorte. A floresta inteira foi cortada sem que houvesse respeito a pessoas. Quanto aos *carvalhos de Basã,* cf. Isa. 2.13 e Eze. 27.6.

11.3

Eis o uivo dos pastores, porque a sua glória é destruída! Agora *duas novas figuras simbólicas* são introduzidas, para dizer a mesma coisa que a *metáfora da árvore,* dos vss. 1 e 2. Aqueles tiranos eram *pastores forçados* do povo de Deus, assumindo responsabilidade onde não lhes era devido e oprimindo sem misericórdia. *Reis estrangeiros* entraram em Israel e, tomando do rebanho do Senhor, abusaram dele por interesse próprio. *Pastor* é uma figura comum para indicar um *governante.* Ver as notas expositivas em Zac. 10.2. Os intérpretes que aplicam os vss. 1-3 a Israel, como se este oráculo fosse uma introdução ao que se segue (vss. 4-14), vêem os pastores deste versículo como *nativos* israelitas, governantes que abusaram do próprio povo, pelo que se arruinaram.

Então, os líderes furiosos que tinham obtido o que queriam por meio de crimes de sangue são agora chamados de *leões.* O leão não tem misericórdia de sua presa e a devora para matar a fome. Assim o autor sacro se referiu a uma opressão radical. Havia leões ocultos nas fronteiras da nação de Judá onde existiam florestas ou savanas, e eram uma ameaça constante contra os seres humanos. Mas os piores "leões" eram os das cidades. Esses, porém, haveriam de perder o seu hábitat, seriam deixados sem lar, e assim sofreriam a retaliação por causa de seus crimes. Os piores leões eram os que vinham de outros territórios e assediavam o que não lhes pertencia. O rebanho de Judá era impotente contra qualquer tipo de leão, doméstico ou estrangeiro. O *motivo do leão* é comum no Antigo Testamento. Ver no *Dicionário* o detalhado artigo chamado *Leão,* especialmente a quinta seção, *Usos Figurados.*

Juízo de Deus contra um Povo Ingrato (11.4-14)

11.4

Assim diz o Senhor meu Deus: Apascenta as ovelhas destinadas para a matança. Alguns intérpretes tomam os vss. 1-14 como se eles abordassem as maldades de Israel, de seus líderes e da população em geral, que requeriam severo julgamento da parte de Yahweh. Mas outros pensam que os vss. 1-3 formam um oráculo diferente, o qual denuncia os tiranos *estrangeiros,* formando um paralelo com Zac. 10.3-12. Existe uma controvérsia idêntica em torno dos vss. 4-14. O vs. 6 pinta os habitantes da Terra Prometida como oprimidos por forças armadas estrangeiras. O vs. 10 deste capítulo tem, definitivamente, a nação de *Israel* em mente. Portanto, aqui estamos, por assim dizer, em "território pátrio". Ou seja, estamos tratando de Israel e seus problemas internos.

Esta passagem é admitidamente difícil e tem provocado intensos debates. Nos vss. 4-14 surge em cena o Verdadeiro Pastor, pelo que a seção é tanto escatológica quanto messiânica. Alguns intérpretes, contudo, negam ambas as idéias e encontram aqui somente fatos históricos. Os vss. 15-17 retratam um pastor iníquo (um contrapastor), que alguns eruditos pensam referir-se ao anticristo. Isto posto, temos um bom pastor, rejeitado por Suas ovelhas, e temos também um pastor iníquo, que é inteiramente indigno e explora suas ovelhas (ver Eze. 34.2-10; Miq. 3.1-7 e João 10.1,8-13).

Yahweh-Elohim (o Deus Eterno e Todo-poderoso) baixa ordem a um dos pastores do rebanho, rebanho destinado à execução. Essa ordem foi dada ao Bom Pastor. Ele fará o que estiver a Seu alcance, mas o povo se afastara demasiado e caíra vitimado sob o poder dos tiranos e exploradores. Zacarias, como profeta que era, naturalmente tinha responsabilidade típica de pastor e devia fazer o que pudesse, antecipando o Bom Pastor que surgiria em cena. "Zacarias representa aqui o Messias, em sua própria pessoa e como tipo, e realiza deveres próprios de um pastor. Portanto, a linguagem é em parte apropriada a ele, mas aplica-se principalmente a seu antítipo, o Messias" (Fausset, *in loc.*). Estava chegando a destruição do povo judeu. Alguns estudiosos vêem aqui especificamente os romanos e a destruição de Jerusalém-Judá, no ano de 70 D. C., mas isso é específico demais.

11.5

Aqueles que as compram matam-nas, e não são punidos. "Os governantes estrangeiros são aqui representados como proprietários ausentes (compradores e vendedores), ao passo que os governantes nativos são os pastores. Eles são tanto duros quanto egoístas" (D. Winton Thomas, *in loc.*). Os falsos pastores estavam enriquecendo porque exploravam as ovelhas, e até agradeciam a Yahweh pelas vantagens obtidas. Cf. Zac. 10.3. "Seus assassinos matavam-nos e não eram punidos. Os que os vendiam diziam: 'Louvado seja o Senhor, pois estou rico'. Os próprios pastores não se entristeciam por causa das ovelhas" (NCV). Este versículo fala de opressão "externa" e "interna" e faz do negócio inteiro um esquema para arranjar dinheiro. As ovelhas só tinham valor como produtoras do ganho que se podia obter de seu corpo. Para aqueles réprobos, elas não tinham valor algum.

11.6

Certamente já não terei piedade dos moradores desta terra, diz o Senhor. Este versículo diz que as ovelhas sofredoras estavam recebendo o que mereciam e, quando o juízo divino terminasse seu curso, os governantes também receberiam o justo pagamento. O povo de Israel cairia nas mãos de pastores violentos e reis estrangeiros. Todos seriam esmagados, e não haveria libertador para salvá-los. Provavelmente, o autor antecipa os vss. 8-13, onde vemos a rejeição do Verdadeiro e Bom Pastor, por parte de Israel em geral, tanto cidadãos comuns quanto governantes. Alguns estudiosos fazem o "rei" aqui mencionado ser um rei particular, isto é, o governo romano, mas isso é específico demais. Eles disseram: "Não temos rei, senão César!" (João 19.15). Portanto, "Deus não os livraria do poder dos romanos" (F. Duane Lindsey, *in loc.*). Alguns intérpretes fazem este versículo proferir julgamento contra os reis, poderes e terras estrangeiros, por meio de guerras civis e externas, além de intermináveis tumultos. Mas é o julgamento de Israel que está em pauta.

11.7

Apascentai, pois, as ovelhas destinadas para a matança, as pobres ovelhas do rebanho. O Bom Pastor teve misericórdia dos rebanhos, que estavam destinados à matança (vs. 4), revertendo a obra má dos estrangeiros e dos criminosos do próprio povo de Israel, que os compravam, vendiam e matavam; e, assim sendo, o Senhor estendeu aos judeus Sua proteção e bênção. Ele cuidará deles com duas *varas.* Uma é chamada *Graça,* e a outra é chamada *União.* Essas varas simbolizavam a natureza do governo divino sobre o Seu povo. Ele os guia e consola com Sua graça e os unifica, harmonizando todo o povo de Israel sob o Seu poder e servindo de Pai para eles. Dessarte, Israel tornar-se-á uma família divina, unida pelo amor de Deus. Esse uso alegórico foi tomado por empréstimo de Eze. 37.16. Trata-se de um uso antiquíssimo, também encontrado na literatura cananéia referente a Baal. Desse modo, é deveras antigo o motivo das *duas varas,* mas sua atração manteve-o em uso. Cf. este versículo com Zac. 9.14-17 e Osé. 1.11. Ver também Eze. 34.25-28.

11.8

Dei cabo dos três pastores num mês. Em um único mês, o Bom Pastor aniquilou três pastores inconvenientes, a quem Ele odiava e os quais O odiavam. Este versículo é enigmático, mas provavelmente se refere a personagens em Israel (ou opressores estrangeiros) conhecidas dos leitores do período dos macabeus, mas desconhecidos para nós agora. Na literatura evangélica existem *40* tentativas de identificar esses três pastores, mas todas inúteis. Seria ridículo forçar o leitor a ouvir a lista de todas as opções provavelmente incorretas. A lição dada por este versículo é clara, mesmo sem especulações inúteis: O Bom Pastor venceu toda a oposição a Seu rebanho, e, pelo lado positivo, supriu Seu povo com todas as coisas necessárias. Ele anulou tanto indivíduos quanto impérios inteiros em Seu labor, pois ambas as coisas poderiam prejudicar o Seu rebanho.

11.9

Então disse eu: Não vos apascentarei. O texto sagrado dá uma guinada radical e volta-se da obra protetora e benéfica do Pastor para mostrar agora o Senhor a renegar Seu rebanho, por causa das suas corrupções. Aos moribundos, Ele não mais salvaria; aos sofredores, não mais aliviaria; aos apóstatas, não mais restauraria; e aos desviados, não mais chamaria de volta. Israel degenerara tanto que passara a praticar o canibalismo, que se tornou realidade no tempo do cerco babilônico de Jerusalém, e depois, novamente, quando os romanos isolaram Jerusalém, em 70 D. C. Cf. este versículo com Jer. 15.1,2 e Isa. 9.20. Em vez de alimentar o rebanho, o Pastor divino permitiu que os judeus se comessem mutuamente.

11.10

Tomei a minha vara Graça e a quebrei, para anular a minha aliança. Deus, que tinha firmado Sua aliança com o povo de Israel, quebrou essa aliança. Ele tomou Sua vara chamada *Graça* e propositadamente a quebrou em dois pedaços, simbolizando o fato de que Ele tinha quebrado Seu pacto com o povo apostatado. O pacto mosaico fora miseravelmente violado pelos israelitas. Ver sobre

isso na introdução a Êxo. 19. Sendo esse o caso, o povo passou a sofrer a maldição de Deus. A lei de Moisés tinha por propósito transmitir vida (ver Deu. 4.1; 5.33; Eze. 20.11), mas tornou-se agente de morte para os desobedientes. Ver Deu. 28.15; 29.20,21,27. O *pacto abraâmico* era a aliança fundamental da qual todos os outros pactos dependiam. Ver Gên. 15.18. Aqueles réprobos israelitas perderam sua posição como filhos de Abraão. Este versículo diz o contrário do que estipula Eze. 34.25-28.

11.11

Foi, pois, anulada naquele dia. O ato radical de Yahweh foi tão óbvio e radical que até os que traficavam com as ovelhas (vs. 5) souberam que se tratava de um ato divino que levara Israel ao desfavor e à destruição. Tanto os falsos pastores estrangeiros quanto os falsos pastores israelitas reconheceram que a palavra de Yahweh, que tinha proferido julgamento, havia prevalecido. Os traficantes (Revised Standard Version) aparecem como "fracos" em várias traduções. Se essa é a tradução correta, então temos a idéia de que os mansos e humildes receberam os julgamentos de Yahweh em submissão e paciência, porque eles sabem que o Decreto divino tinha causado o desastre. A referência aparece como messiânica na opinião de alguns: "Somente o remanescente crente (os aflitos do rebanho), que reconheceu Jesus como o verdadeiro Messias, compreendeu que Sua verdadeira origem era Deus" (F. Duane Lindsey, *in loc.*). "Os piedosos, que estão obedecendo a meu ensino, viram que essa era a *palavra,* o *designio* de Deus" (Adam Clarke, *in loc.*). Cf. o vs. 7.

11.12

Este versículo tem sido interpretado de duas maneiras radicalmente diferentes: 1. O pano de fundo histórico requer que o Bom Pastor venda Suas ovelhas mortas, que Ele mesmo havia sacrificado aos seus alegados proprietários, que os exploravam. O Pastor mostrou-se bastante indiferente quanto a receber qualquer importância em dinheiro da parte deles, pois, afinal de contas, eles se haviam degradado de tal maneira que valiam pouquíssimo. Mas os "proprietários" lhe deram 30 miseráveis moedas de prata, a quantia em dinheiro pela qual se costumava comprar um escravo hebreu (ver Êxo. 21.32). "Tendo desistido de seu trabalho desesperançado e ingrato de exercer soberania em favor de Deus, o pastor perguntou dos proprietários qual o seu salário e recebeu o pagamento de 30 siclos de prata. A ironia subjacente da situação ficou demonstrada pelo fato de que o salário, embora não inteiramente desprezível, era igual ao valor de um escravo hebreu (ver Êxo. 21.32). 2. Este versículo torna-se messiânico, primeiramente por ter sido citado em Mat. 26.15 e 27.9, onde Jesus aparece como vendido por Judas Iscariotes por essa quantia, e então por seu uso na igreja cristã com esse significado. Mas essa é uma clara *acomodação* (ver a respeito no *Dicionário*), e não uma interpretação primária das palavras.

11.13

Arroja isso ao oleiro, esse magnífico preço em que fui avaliado por eles. O preço desprezível foi um insulto para Yahweh, pelo que Ele ordenou que o dinheiro fosse lançado no *tesouro* do templo. A palavra "oleiro", usada em algumas traduções (como a nossa versão portuguesa), segue uma antiga corrupção da palavra original, que significa *tesouro.* No hebraico, os dois vocábulos são bastante similares. "O preço era tão desprezível que foi lançado para o mais humilde de todos os artífices" (Ellicott, *in loc.*). Mas a Septuaginta, ao trocar uma única letra da palavra, dá preferência à palavra *tesouro,* que muitos eruditos pensam representar o termo hebraico original, que teria sido corrigido ao longo do caminho. Que o leitor observe aqui a ironia. O dinheiro é chamado por "magnífico preço"!

Os intérpretes têm agonizado desnecessariamente sobre a óbvia mudança de significado do original dentro da interpretação messiânica. Mas todo esse esforço é desnecessário. A *acomodação* é um acontecimento comum, no Novo Testamento, quando se abordam textos do Antigo Testamento. As *palavras* se ajustam muito bem ao que é dito, mas os *significados* originais são ignorados.

11.14

Então quebrei a minha segunda vara União para romper a irmandade entre Judá e Israel. A vara *Graça* já havia sido quebrada (ver o vs. 10). Agora a outra vara — chamada *União* — também foi quebrada. Não havia mais *união* entre homem e homem, e entre o povo e Deus Pai. Judá (a nação do sul) e Israel (a nação do norte) foram rasgadas uma da outra por sua idolatria-adultério-apostasia, e os homens, na terra, foram alienados do reino de Deus, acima. O povo de Israel se mostrara infiel a si mesmo e a outros povos, e assim invalidou os pactos. A deslealdade resultou em todas as dificuldades que eles tiveram de enfrentar internamente e também pelo assédio estrangeiro. Os julgamentos cairiam como a chuva e irromperiam como um vulcão. A expressão "Judá e Israel" provavelmente refere-se a "Israel unida", não aludindo, literalmente, às duas nações unidas em uma. Mas a rebeldia e intermináveis iniqüidades tinham rompido a união do povo um com o outro, e de ambos com Deus.

Condenação de um Governante Iníquo (11.15-17)

11.15

Toma ainda os petrechos de um pastor insensato. Este minúsculo oráculo provavelmente é um apêndice do oráculo que acaba de ser dado. Provavelmente reflete uma situação posterior, quando o país estava sendo explorado por um governador especialmente iníquo e ávido de ganho, que não se detinha diante de nada para conseguir o que queria. Ele era o contrário do Bom Pastor, que acabara de ser rejeitado. Portanto, o povo de Israel obteve o que merecia. "O profeta retrata um pastor indigno, que explorava as ovelhas (ver Eze. 34.2-10; Miq. 3.1-7; João 10.1,8-13)" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 15).

Yahweh baixara a ordem, dada ao profeta Zacarias, no sentido de que ele agisse como um pastor inútil. Ele deveria levar um bornal sem provisões alimentares; seu cajado fora quebrado na parte curva; ele não possuía armas para o rebanho dos ataques; e esquecera do chifre que servia de trombeta, com o qual ele chamava as ovelhas em ocasiões de emergência e à noite. Em todas as coisas, esse pastor se mostrava negligente, o que garantia seu fracasso como pastor. Ademais, ele se voltaria contra as próprias ovelhas e as abateria, usando-as em benefício próprio, e não em benefício do Proprietário delas.

11.16

Porque, eis que suscitarei um pastor na terra, o qual não cuidará das que estão perecendo. Yahweh, a fim de punir Seu povo desviado, que tinha rejeitado o Bom Pastor, dará a eles esse pastor negligente e violento. Tal pastor se tornaria um látego na mão do Senhor, para punir os apostatados. Ele não cuidaria das ovelhas enfermas e moribundas; não tentaria reencontrar as que se desviassem; não aplicaria bálsamo às feridas das ovelhas injuriadas; pelo contrário, faminto, ele executaria as melhores ovelhas para alimentar-se. Ele deceparia as ovelhas em pedaços, chegando a cortar desnecessariamente suas patas, um ato totalmente inútil. Ele seria um governante irracional e violento. "A palavra hebraica aqui traduzida por 'insensato' (no hebraico, *'ewil*) sugere um insensato endurecido e áspero, um pastor sem nenhuma preocupação com o rebanho e as suas necessidades" (F. Duane Lindsey, *in loc.*).

11.17

Ai do pastor inútil, que abandona o rebanho. Embora o pastor inútil tivesse sido levantado para cumprir uma missão destruidora, Yahweh proferiu sobre ele uma maldição. Além de todos os seus atos violentos, no fim ele adicionará aos seus insultos o *abandono* do rebanho. Os intérpretes têm rebuscado a história em vão, para encontrar esse pastor especificamente horrendo, embora existam muitos candidatos. Os estudiosos dispensacionalistas encontram esse pastor réprobo no futuro: o *anticristo.* Visto que ele não usará seus braços para defender o rebanho, esses braços serão cortados. Visto que ele não usará seus olhos para cuidar do bem-estar do rebanho, uma flecha furará seu olho direito! Seus braços ficarão pendurados aos lados do corpo, ressecados e inúteis. Seu olho direito ficará completamente cego. Os *olhos* desse pastor falam de sua inteligência abusada depois de iluminada. Desse modo, será mostrado o que ele sempre foi, inútil e insensato. Dessa maneira, ele sofrerá justa retribuição da parte de Yahweh, que controla as atividades humanas tanto no nível individual quanto no nível dos estados. Porém, quando o Verdadeiro Pastor chegar, o pastor inútil será anulado (ver Zac. 12.10 e Apo. 19.19,20). Alguns estudiosos vêem esse pastor inútil como representante da *classe governante apóstata,* e não como um indivíduo que serve de legítima *aplicação* do texto, mesmo que não sirva a uma interpretação do texto.

Capítulo Doze

Vitória do Povo de Deus sobre os Pagãos (12.1-13.6)

Chegamos agora aos *últimos dias,* o que inclui as mensagens do capítulo 14, onde domina forte espírito apocalíptico. Já vimos o bastante do passado sangrento e tempestuoso do povo de Israel. Agora queremos saber sobre o futuro. Duas coisas serão realizadas a fim de que Israel seja estabelecida no futuro como a sede da capital do reino messiânico: 1. as potências gentílicas serão derrubadas; 2. deverá haver a regeneração dos judeus, como indivíduos, e de sua nação, coletivamente falando. Então as alianças voltarão a vigorar. Israel será libertado de seus inimigos (ver Zac. 12.1-9); e obterá libertação libertado espiritual (ver Zac. 12.10-13.9).

12.1

Sentença pronunciada pelo Senhor contra Israel. "Zac. 12.1-14.21. Está em vista o vindouro grande dia do Senhor, quando ele limpará Jerusalém do pecado, estabelecerá a aliança e reinará sobre toda a terra" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre o vs. 1).

Comparar o vs. 1 com Isa. 42.5. Este versículo parece-se com Zac. 9.1 — voltamos à doutrina da *sentença pesada*, a mensagem ameaçadora. À sentença repetida é adicionado um hino breve, tipo litúrgico, similar a Isa. 42.5 e Amós 4.13. O Deus da Criação, que estendeu os céus e lançou os fundamentos da terra, é também o Governante de toda a terra e os eventos aqui ocorridos seguem os Seus decretos. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Soberania de Deus* e *Teísmo*. O Criador intervém em Sua criação. Ele não abandonou Sua criação às leis naturais, conforme afirma o *Deísmo* (ver também no *Dicionário*). O poder de Deus será utilizado para cumprir as tarefas futuras: a anulação das potências gentílicas; a restauração do povo de Israel; e a inauguração da era do reino de Deus.

Os céus salpicados de estrelas,
E o sol incansável, no dia a dia,
Exibe o poder de Deus,
E publica para todas as terras
As obras da mão do Todo-poderoso.

(Joseph Addison)

Formou o espírito do homem dentro nele. A alusão é a Gên. 2.7, a respiração divina que animou o homem. Na passagem de Gênesis não há referência a uma parte separada e imaterial do homem, mas aqui, com quase absoluta certeza, está em vista a alma imaterial. Essa é a mais nobre das poderosas obras de Deus, pois perdurará para sempre, tal como Deus é eterno. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Alma*; e na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete denominado *Imortalidade*, onde apresento vários artigos que examinam esse importante tema de vários pontos de vista.

12.2

Eis que eu farei de Jerusalém um cálice de tontear para todos os povos em redor. "O oráculo começa com a asserção da inviolabilidade de Jerusalém. Utilizando uma imagem simbólica familiar (ver Jer. 25.15; 51.7; Sal. 75.8), o profeta Zacarias retratou todas as nações que atacarem Jerusalém como tontas de bêbadas" (D. Winton Thomas, *in loc.*). Os estudiosos dispensacionalistas vêem aqui a batalha do Armagedom, mas provavelmente isso é específico demais. O texto sagrado está falando sobre quaisquer e todos os ataques contra o povo de Deus como ataques necessariamente baldados. Todos os inimigos serão forçados a recuar, a fim de que Israel se erga como cabeça das nações. "Farei de Jerusalém como um cálice de veneno para as nações ao seu derredor. Elas virão e atacarão a Jerusalém e a Judá" (NCV).

12.3

Naquele dia farei de Jerusalém uma pedra pesada para todos os povos. A expressão "naquele dia" ocorre *seis* vezes neste capítulo (vss. 3,4,6,8,9 e 11); então *três* vezes no capítulo 13 (vss. 1,2 e 4); e, finalmente, *sete* vezes no capítulo 14 (vss. 4,6,8,9,13,20 e 21). Contudo, alguns limitam a referência à batalha do Armagedom e comparam esse uso com Apo. 16.16 e 19.19. Pelo contrário, temos aqui uma alusão ao *dia escatológico*, quando Yahweh levar à conclusão toda a história anterior e estabelecer o Novo Dia da era do reino de Deus. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Dia do Senhor*. Os julgamentos divinos desempenharão importante papel nessas operações finais.

Uma pedra pesada. Israel tornar-se-á uma pedra pesada para qualquer um que tente manipulá-la. Essa pedra cairá sobre os tais e os esmagará. "Qualquer um que tentar movê-la, sairá ferido" (NCV).

A despeito do fato de que essa pedra será inarredável e ferirá a todos quantos dela se aproximarem, as nações ignorarão o perigo e desfecharão seus ataques. Isso elas farão para seu próprio prejuízo. Yahweh estará ao lado da pedra e contra as nações. Os exércitos pagãos se unirão para destruir a nação de Israel, mas seus planos terão de enfrentar poderes destruidores sobrenaturais. Será o dia de Israel. O dia dos pagãos terá terminado.

12.4

Naquele dia, diz o Senhor, ferirei de espanto a todos os cavalos, e de loucura os que os montam. "Naquele dia" é expressão usada *16* vezes nos capítulos 12-14 (ver as notas expositivas sobre o versículo anterior). Yahweh tornar-se-á o Deus do pânico; os cavalos fugirão de terror do golpe divino, e os cavaleiros cairão em insanidade imediata. Em contraste, os *olhos de Deus* favorecerão Judá, enquanto todos os cavalos serão cegados, perdendo a visão. Será um dia de reversões, decisivo para o rearranjo das potências da terra, formando-se assim uma nova hierarquia. Está em vista o grande dia escatológico, porquanto os "termos que foram usados são fortes demais para as vitórias débeis e evanescentes como as alcançadas pelos macabeus" (Adam Clarke, *in loc.*, com uma observação perceptiva). Cf. Zac. 14.12,13.

12.5

Os habitantes de Jerusalém são a minha força no Senhor dos Exércitos. Os *clãs* de Judá deixarão de lado suas indiferenças, ao observar o que Yahweh estará fazendo em Jerusalém. Eles reconhecerão que as vitórias ali obtidas são suas próprias, e não meramente da capital. Em lugar de *clãs* (Revised Standard Version), a maioria das versões diz "chefes" (como é o caso da nossa versão portuguesa). A variante usada pela Revised Standard Version requer a emenda da palavra hebraica *'alluph* (capitães) para *'eleph* (clãs). O sentido natural do próprio versículo sugere que a emenda está correta. É difícil imaginar os líderes de Jerusalém sentados comodamente a observar os habitantes de Jerusalém obtendo vitórias. Seja como for, a força de *Yahweh dos Exércitos*, que também é *Elohim*, o *Poder*, será a *causa* das vitórias. O profeta Zacarias antecipa uma *intervenção divina* na história da humanidade para produzir os eventos momentosos descritos nos capítulos 12-14. Observar o poder divino em operação fará Israel não retroceder diante da luta.

12.6

Naquele dia porei os chefes de Judá como um braseiro ardente debaixo da lenha. "Naquele dia" é uma expressão usada *16* vezes nos capítulos 12-14 (ver as notas expositivas sobre o vs. 3). Os *clãs* (ou "chefes", conforme dizem algumas versões; ver as notas sobre o vs. 5) tornar-se-ão um grande e consumidor fogo (uma fogueira de lenha ou palha requeimante, NCV). Qualquer um que se aproximar será queimado. Em contraste, Jerusalém permanecerá intocada. Este versículo diz a mesma coisa que o vs. 5, mas usando uma figura de linguagem diferente. Que o leitor preste atenção aos seguintes pontos:

1. O povo do interior de Judá, uma vez despertado, avançará no ataque com o máximo de ferocidade, desempenhando papel mais importante na derrota dos pagãos do que os habitantes de Jerusalém. Isso é apresentado como algo em concordância com a vontade divina, a fim de repreender a arrogância dos habitantes de Jerusalém, bem como os membros da antiga família real, os quais, como é evidente, continuariam ocupando posições importantes (D. Winton Thomas, *in loc.*). Em outras passagens, os inimigos de Judá aparecem como que consumidos como o restolho, queimados pelo fogo. Ver Isa. 47.14; Oba. 18; Mal. 4.1. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Fogo*, que inclui os usos metafóricos do termo.
2. Em vez de o povo do interior de Judá ser despertado para a luta, enquanto os habitantes de Jerusalém ficam a observar, alguns intérpretes entendem este versículo como se as forças de Jerusalém, em geral, ficassem observando, enquanto julgamentos sobrenaturais espalham a destruição. A batalha, pois, seria como uma daquelas antigas batalhas. O poder sobrenatural aniquilará o inimigo, enquanto os soldados de Jerusalém se manterão em relativo lazer. Cf. II Reis 19.35 ss.

12.7

O Senhor salvará primeiramente as tendas de Judá. A vitória será dada primeiramente aos judaítas que moram fora da capital, àqueles que habitam em *tendas* (casas pobres), em comparação com as casas relativamente luxuosas da capital. Por esse motivo, Jerusalém foi repreendida. Os arrogantes habitantes de Jerusalém terão de elogiar o povo rústico do interior de Israel, quando virem que Yahweh estava com eles, usando-os em primeiro lugar, antes de usar os habitantes de Jerusalém. Em outras palavras, os judeus do interior darão ao povo da capital uma lição de humildade e obediência à vontade de Yahweh. O versículo mais ou menos diz: "Muitos primeiros serão últimos; e os últimos, primeiros" (Mat. 19.30). "Deus escolheu os fracos para confundir os fortes, a fim de que fosse eliminada toda a glória humana" (Fausset, *in loc.*).

12.8

Naquele dia o Senhor protegerá os habitantes de Jerusalém. "Naquele dia" é uma expressão usada *16* vezes nos capítulos 12-14 deste livro (ver as notas expositivas sobre o vs. 3). Haverá *fortalecimento divino* do povo de Israel, de forma tão extraordinária que os mais fracos dentre os judeus tornar-se-ão, de um momento para outro, fortes como o guerreiro Davi, que matou os seus dez mil, ao passo que Saul matou apenas os seus milhares (ver I Sam. 18.7). Esse fortalecimento sobre-humano será para Jerusalém como um escudo impenetrável, oferecendo à cidade proteção absoluta. A *casa* coletiva de Davi (os líderes) será como o próprio Elohim, ou seja, um *poder sobre-humano* — eles serão como o anjo do Senhor, liderando as forças de Israel na bata-

PROFESSIAS MESSIÂNICAS CUMPRIDAS EM JESUS

Trecho Bíblico	*Teor da Profecia*	*Cumprimento*
Gên. 3:15	Seria o "descendente da mulher"	Luc. 2:7; Gál. 4:4 e Apo. 12:5
Gên. 12:3; 18:18	Seria o "descendente de Abraão"	Mat. 1:1; Luc. 3:34 e Atos 3:25
Gên. 17:19	Seria o "descendente de Isaque"	Mat. 1:2; Luc. 3:34
Gên. 28:14 e Núm. 25:17	Seria o "descendente de Jacó"	Mat. 1:2,3; Luc. 3:33
Gên. 49:10	Descenderia de Judá	Mat. 1:2,3; Luc. 3:33
II Sam. 7:13; Isa. 9:7; 11:1-5	Herdaria o trono de Davi	Mat. 1:1,6
Miq. 5:2	Nasceria em Belém de Judá	Mat. 2:1; Luc. 2:4-7
Dan. 9.25	Tempo de seu nascimento	Luc. 2:1, 2 a 3-7
Isa. 7:14	Nasceria de uma viagem	Mat. 1:18; Luc. 1:26-35
Jer. 31:15	O massacre dos infantes	Mat. 2:16-18
Osé. 11:1	Fuga para o Egito	Mat. 2:14,15
Isa. 9:1,2	Seu ministério na Galiléia	Mat. 4:12-16
Deut. 18:15	Seria Profeta	João 6:14; Atos 3:19-26
Sal. 110:4	Seria Sacerdote da ordem de Melquisedeque	Heb. 5:5,6; 6:20 e 7:15-17
Sal. 2:2; Isa. 53:3	Seria rejeitado pelos judeus	Luc. 4:29; 17:25; 23:18; João 1:11
Sal. 45:7; Isa. 11:2-4	Algumas de Suas características	Luc. 2:52, 4:18
Isa. 62:11; Zac. 9:9	Sua entrada triunfal	Mat. 21:1-11; João 12:12,13,14
Sal. 41:9	Seria traído por um amigo	Mat. 26:14-16; Mar. 14:10, 43-45
Zac. 11:12,13	Seria vendido por trinta moedas	Mat. 26:15
Zac. 11:13	Tal dinheiro seria devolvido	Mat. 27:3-10
Sal. 109:7,8	Judas seria substituído	Atos 1:16-20
Sal. 27:12; 35:11	Testemunhas falsas O acusariam	Mat. 26:60,61
Sal. 38:13, 14; Isa. 53:7	Calar-se-ia ao ser acusado	Mat. 26:62, 63; 27:12-14
Isa. 50:6	Seria ferido e cuspido	Mar. 14:65; 15:17; João 18:22; 19:1-3
Sal. 69:4; 109:3-5	Seria odiado sem causa	João 15:23-25
Isa. 53:4, 12	Sofreria vicariamente	Mat. 8:16,17; Rom. 4:25; I Cor. 15:3
Isa. 53:12	Seria crucificado com criminosos	Mat. 27:38; Mar. 15:27,28; Luc. 23:33
Sal. 22:16; Zac. 12:10	Teria mãos e péis traspassados	João 19:37; 20:25-27
Sal. 22:6-8	Seria zombado e insultado	Mat. 27:39-44; Mar. 15:29-32
Sal. 69:21	Dar-lhe-iam fel e vinagre	Mat. 27:34, 48; João 19:29
Sal. 22:8	Ouviria palavras proféticas repetidas com zombaria	Mat. 27:43
Sal. 109:4; Isa. 53:12	Oraria pelos Seus inimigos	Luc. 23:34
Zac. 12:10	Teria o lado traspassado	João 19:34
Sal. 22:18	Soldados lançariam sortes quanto à Sua túnica	Mar. 15:24; João 19:24
Êxo. 13:46; Sal. 34:20	Nenhum de Seus ossos seria quebrado	João 19:23
Isa. 53:9	Seria sepultado com os ricos	Mat. 27:57-60
Sal. 16:10; Mat. 16:21	Ressuscitaria dentre os mortos	Mat. 28:9; Luc. 24:36-48
Sal. 68:18	Ascenderia aos lugares celestiais	Luc. 24:50,51; Atos 1:9

E sobre a casa de Davi, e sobre os habitantes de Jerusalém, derramarei o espírito de graça e de súplicas; olharão para mim, a quem traspassaram pranteá-lo-ão com quem pranteia por um unigênito, e chorarão por ele, como se chora amargamente pelo primogênito.

(Zacarias 12.10)

Há, porém, ainda muitas outras cousas que Jesus fez. Se todas elas fossem relatadas uma por uma, creio eu que nem no mundo inteiro caberiam os livros que seriam escritos.

(João 21.25)

lha e obtendo vitória esmagadora. Alguns estudiosos vêem aqui Cristo, em Seu segundo advento, aludido como "a casa de Davi", mas isso é por demais específico para o versículo. Temos aqui uma referência ao poder humano que se transformará em poder divino. Cristo liderará o exército sobre-humano dos últimos dias, garantindo o sucesso redundante de Israel contra as nações pagãs.

12.9

Naquele dia procurarei destruir todas as nações que vierem contra Jerusalém. *Conclusão.* Jerusalém-Judá será tanto inexpugnável quanto invencível, por causa do poder divino que lhe será conferido e também porque será chegado o seu dia. O dia dos gentios terá terminado. Cf. Ageu 2.22. Ver também Eze. 38.29. O modelo sobre o qual está baseado Zac. 12.1-13.6 é Eze. 38 e 39.

12.10

E sobre a casa de Davi... derramarei o espírito de graça e de súplicas. Yahweh derramará Seu Espírito de compaixão e súplicas sobre a casa de Davi, e isso provocará nos seus membros profundo arrependimento, diante de um feito ousado que tão estupidamente eles realizaram. A lamentação será sincera e profunda, como alguém que chorasse a morte de seu filho único. De fato, eles chorarão amargamente, com coração quebrantado, como se tivessem perdido seu primogênito. Zacarias usou a *figura simbólica máxima* da tragédia, e assim ilustrou tristeza extrema por um ato extremamente mau que fora cometido. Este versículo tem atraído diversas interpretações, conforme se vê nos três pontos seguintes:

1. *Uma situação histórica.* Uma pessoa de grande dignidade e piedade teve morte de mártir pela conivência das autoridades da cidade. Mas, após uma série de vitórias, os assassinos foram atingidos pelo remorso, o que terminou em confissão pública e arrependimento. As tentativas para identificar alguma figura histórica, como aquelas dos dias dos macabeus, têm fracassado.
2. Por causa desse fracasso histórico, alguns intérpretes têm falado sobre uma lenda messiânica escatológica, uma espécie de drama literário inventado, ou um tema potencial para esse tipo de literatura.
3. Pelo contrário, temos aqui uma notável *profecia messiânica*, e Jesus, Filho de Davi, está em pauta. Ver João 19.34,37 e Apo. 1.7. Essa profecia é tão clara que não há espaço para falar em *acomodação*. Ver as notas expositivas sobre Zac. 11.12. Essa profecia se refere ao futuro Segundo Advento do Messias, quando Israel se converterá. O Espírito de Deus se moverá sobre os corações dos judeus e espantará as trevas. Haverá arrependimento nacional. Antigos obstáculos e barreiras serão removidos, e Israel estará preparado para enfrentar a era do reino. Sem seu Filho Maior, o Messias, Israel tem estado espiritualmente destituído de *filhos*. Não ter filhos era algo muito temido pela mente hebraica e considerado uma maldição de Yahweh, uma tragédia significativa. Quanto mais o tipo de falta de filhos referido neste texto! Eles mataram o Filho de Deus!

12.11

Naquele dia será grande o pranto em Jerusalém. "Os judeus se lamentarão tão profundamente pelo Cristo crucificado como seus antepassados se lamentaram diante da morte de Josias, o qual foi morto em Hadadrimom, no vale de Megido. Ver II Crô. 35.24,25" (Adam Clarke, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Hadadrimom,* quanto a detalhes. Lamentar por Josias virtualmente se tornara ordenança nacional em Israel (ver II Crô. 35.25). A morte do Messias (Ele foi assassinado!) facilmente ultrapassa em paixão qualquer outra morte trágica na história de Israel, e será amargamente lamentada pelos judeus, quando o Espírito de Deus os iluminar.

12.12-13

A família da casa de Levi à parte, e suas mulheres à parte. A lamentação será nacional, e, contudo, será individual, afetando todas as pessoas, famílias e clãs. Toda a Terra Prometida será consumida pela tristeza. A *natureza radical* do crime que eles têm negado por tantos séculos finalmente raiará em sua mente esclarecida pelo Espírito Santo. Portanto, cada família, cada tribo, cada clã terá sua própria lamentação. A casa de Davi chorará com um pranto patético, porquanto foi o líder que carregou a maior culpa.

Natã, uma subordem da linhagem de Davi (II Sam. 5.14), através do clã de seu nome, chorará de dar dó. Natã, neste caso, é um dos filhos de Davi, e não o profeta que atuou no tempo de Davi. A casa de Levi, uma tribo sacerdotal, também tinha uma culpa especial naquilo que foi feito. Essa casa sentir-se-á inconsolável. *Simei,* uma subordem de Levi (ver Núm. 3.18), se lamentará como uma classe, com amargura de alma.

Os dois clãs que acabamos de mencionar (com suas subordens) representam uma nação inteira que se lamentará: aristocracia, líderes civis, clero e o povo em geral. Em cada caso, as mulheres lamentarão separadamente dos homens, o que era apropriado para a mentalidade dos hebreus. Na adoração, a lamentação era feita separadamente pelas mulheres (ver Êxo. 15.1,20). A poesia hebraica tem aqui uma métrica acompanhada por declarações monótonas, que tentam produzir a idéia de lamentação constante, aparentemente interminável e repetitiva, que envolverá um povo inteiro.

12.14

Todas as mais famílias, cada família à parte, e suas mulheres à parte. Todo o povo comum, com todas as suas tribos e os seus clãs, estará envolvido na mesma lamentação, separadamente ou em grupos. E, tal como no caso dos clãs mencionados no vs. 13, as mulheres se lamentarão separadamente. A lamentação feita por indivíduos pode ser considerada mais sincera que a "lamentação em grupo", pois o espírito de multidão pode influenciar o indivíduo. Entretanto, não há que duvidar da sinceridade dessa lamentação, seja ela feita individual ou coletivamente. A lamentação nacional acompanhará um nascimento nacional. Israel tornar-se-á uma nação cristã convertida. E todo o povo de Israel será salvo (ver Rom. 11.26).

> *Quem jamais ouviu tal cousa? quem viu cousa semelhante? Pode, acaso, nascer uma terra num só dia? ou nasce uma nação de uma só vez?*
>
> (Isaías 66.8)

Capítulo Treze

Encontramos aqui, nos vss. 1-6, a purificação da nação de Israel e as provisões para essa operação divina. A frase-chave, "naquele dia", é repetida três vezes. Ela aparece 16 vezes nos capítulos 12-14, o que comento em Zac. 12.3. "Esse uso vincula os capítulos, dizendo-nos o que fará Deus, no dia escatológico, para inaugurar a era do reino. A falsa adoração e as falsas profecias passarão, e o culto universal de Yahweh será estabelecido. Esta passagem depende de Eze. 36.17,25 e 47.1. Cf. também Núm. 19.9.

13.1

Naquele dia haverá uma fonte aberta para a casa de Davi e para os habitantes de Jerusalém. Cf. este versículo com o Salmo 46; Eze. 47.1-12; Joel 3.18; João 4.10-14; 7.38; Apo. 21.6; 22.1,2. Quanto à expressão "naquele dia", ver as notas expositivas anteriores. Está em pauta o temível *dia do Senhor* (ver a respeito no *Dicionário*). Haverá grande fonte de purificação aberta à casa de Davi (a liderança, que abusara de sua incumbência — Zac. 12.10), e aos habitantes de Jerusalém em geral (também culpados de muitos pecados e da rejeição ao Messias; Zac. 12.8,10). Ver sobre fonte de águas, em Eze. 47.1.

> *Bendita seja a Fonte de sangue*
> *A um mundo de pecadores revelada.*
> Bendito seja o querido Filho de Deus.
> Só por Suas pisaduras fomos curados.
>
> (E. R. Latta)

A purificação espiritual estará completa por ocasião do Segundo Advento de Cristo, quando Israel e as nações forem preparadas para o Novo Dia. Todos os tipos de *impureza* serão purificados, mas parece estar em vista, acima de tudo (vs. 2), a idolatria. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Idolatria.* Cf. Eze. 7.19,20. Ver também Núm. 8.7 ss.

13.2

Acontecerá, naquele dia, diz o Senhor dos Exércitos, que eliminarei da terra os nomes dos ídolos. Essa fonte de toda espécie de iniqüidade, a saber, a *idolatria,* será tratada, porquanto havia causado enorme confusão na nação de Israel. Em Seu poder soberano, *Yahweh dos Exércitos* fará intervenção e removerá as manchas. Os ídolos, separadamente e todos eles ao mesmo tempo, serão cortados, e seus nomes deixarão de ser pronunciados entre o povo. E, juntamente com os ídolos, ir-se-ão os falsos profetas que fomentavam o culto, bem como todos quantos promoviam espíritos imundos, que serão varridos pela mão divina. Nee. 6.12-14 ilustra os tipos de atividades que provocaram os pronunciamentos constantes neste versículo. Quanto à eliminação dos ídolos, cf. Miq. 5.13,14. Antes do segundo advento de Cristo, o anticristo e sua imagem serão adorados (ver Dan. 9.27; 11.21; Mat. 24.15; II Tes. 2.4; Apo. 13.4), e isso será um alvo especial da ira divina.

O espírito imundo. Esta é a única ocorrência no Velho Testamento da expressão tão comum no Novo Testamento. Pode significar aqui uma *disposição* do espírito, mas talvez estejam em vista espíritos malignos, que é o sentido da expressão no Novo Testamento. Pensava-se que tais espíritos promovessem cultos idólatras e todas as suas corrupções. Ver I Cor. 10.20.

13.3

Não viverás, porque tens falado mentiras em nome do Senhor. Os sentimentos se manifestarão tão fortemente contra a idolatria que um falso profeta qualquer será denunciado e executado por seus próprios pais! Dizer mentiras em nome de Yahweh não mais será tolerado, e por certo os cultos alicerçados sobre isso se desvanecerão. Note o leitor o modo de execução: o culpado será *traspassado,* exatamente o que aconteceu ao Messias nas mãos dos iníquos (ver Zac. 12.10). Por conseguinte, as mesas serão completamente invertidas contra a iniqüidade. Cf. Deu. 18.20. O que temos aqui é a *execução no seio da família,* método até hoje praticado por alguns árabes. Cf. também Deu. 13.6-11.

13.4

Naquele dia se sentirão envergonhados os profetas. Os profetas falsos se sentirão amedrontados, envergonhados e totalmente anulados pelas novas atitudes espirituais do povo. Muitos repudiarão as iniqüidades anteriores. O arrependimento representará um bom negócio e a salvação da vida. Eles se desfarão de seu "uniforme de profeta", a manta peluda como a que Elias usava (ver II Reis 1.8). Ver também Mat. 3.4, quanto ao caso de João Batista e suas vestes ásperas, que o distinguiam como profeta.

13.5-6

Não sou profeta, sou lavrador da terra. Haverá arrependimento genuíno, mas alguns profetas mentirosos continuarão mentindo, mas agora encobrindo seu passado como "profetas". Eles argumentarão: "Por toda a vida tenho sido um agricultor; portanto, como poderia chamar-me de profeta?". Mas as pessoas observarão profundos talhos em seu corpo (a automutilação tão comum entre os falsos cultos idólatras) e eles dirão que sofreram algum acidente na casa de um amigo! Cf. I Reis 18.28. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Mutilação,* quanto aos detalhes. A automutilação era estritamente proibida pela lei de Moisés. Ver Deu. 14.1. A mutilação era considerada uma degradação para os "filhos de Deus". Alguns eruditos conectam o vs. 6 ao vs. 7, tomando-o messiânico; mas certamente isso é um erro.

Purificação Nacional (13.7-9)

13.7

Desperta, ó espada, contra o meu pastor e contra o homem que é o meu companheiro. As feridas referidas no vs. 6 são as produzidas pelos que a si mesmo se mutilavam, e não as do Pastor messiânico. Além disso, este oráculo não deve ser vinculado a Zac. 11.15-17, que fala dos falsos pastores que deverão ser eliminados. Esse Pastor vive sempre próximo de Yahweh, Seu companheiro e Servo Sofredor. Não obstante, ele teria de ser abatido por homens violentos, que usavam da espada. Yahweh dos Exércitos tinha arranjado os acontecimentos visando o bem dos homens.

"Zac. 13.7-9: *O Bom Pastor, ferido por amor às Suas ovelhas.* Este é um oráculo messiânico separado (cf. Mat. 26.31; Mar. 14.27), intimamente vinculado aos capítulos 9-11. Após a morte do Pastor, um remanescente de Seu rebanho seria purificado e salvo" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo).

A cruel espada despertaria contra o Pastor, por parte de Yahweh, porque assim requeriam os misteriosos planos de Deus. A *espada,* neste caso, significa o instrumento de morte violenta, e devemos pensar na crucificação. O *homem* a ser atacado era o Messias-Pastor. Quanto a esse uso da palavra *homem,* cf. Dan. 8.16; 9.21, e, naturalmente, somos lembrados sobre o *Filho do Homem,* título messiânico comum. Ver as notas expositivas sobre isso na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.* As *ovelhas* são os crentes leais e piedosos que não se deixaram envolver pelos planos maldosos. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Pastor* e *Ovelha.* Esse Pastor é o Verdadeiro Pastor, o Messias (ver Zac. 11.4-14); o Bom Pastor (João 10.11,14); o Grande Pastor (Heb. 13.20) e o Pastor Principal (I Ped. 5.4). Uma vez morto o Pastor, as ovelhas fracas e humildes serão sujeitadas à matança (ver os vss. 8 e 9).

13.8

Em toda a terra, diz o Senhor, dois terços dela serão eliminados. Grandes perseguições e matanças dizimarão o rebanho, pelo que dois terços dele perecerão, e somente um terço permanecerá vivo para concretizar os propósitos divinos para o Novo Dia. Os estudiosos dispensacionalistas fazem dos vss. 8-9 uma profecia direta sobre a *Grande Tribulação* (ver a respeito na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia)* dos últimos dias. Cf. Apo. 12.6,13-17.

13.9

Farei passar a terceira parte pelo fogo, e a purificarei. A terceira parte restante não terá visto o fim das tribulações. De fato, ela continuará existindo para ser purificada pelo fogo, tal como a prata é purificada pelo fogo, sete vezes, até ser obtido notável grau de pureza. Ver Sal. 12.6. Eles serão a prata e o ouro deixado para a era do Reino, e deverão ser puros. Isso não poderá ser obtido exceto pelo fogo. A escória será queimada e consumida. O que restar será puro e utilizável no templo do Senhor. Em seus apertos, eles clamarão a Yahweh para que sejam salvos, e Ele ouvirá e lhes concederá o que solicitarem. E então se cumprirá a antiga declaração que diz: *Ele é o seu Deus, e eles serão o Seu povo.* Quanto a isso, ver Zac. 8.8; Osé. 2.21-23; Jer. 30.22; Eze. 6.20. Quanto às perseguições e tribulações, ver Eze. 20.33-38 e Mat. 25.1-30. Quanto ao fato de que eles clamarão pelo nome de Yahweh, ver Zac. 12.10-13.1; quanto ao fato de que eles serão salvos e restaurados, ver Rom. 11.26,27; quanto a seu relacionamento renovado com Yahweh, ver Osé. 1 e 2; Jer. 32.38-41 e Eze. 37.23-28. Os antigos pactos serão renovados, e todas as suas provisões se cumprirão. Quanto à prova de fogo, cf. Sal. 66.10; Amós 4.11; I Cor. 3.15 e I Ped. 1.6,7.

Capítulo Catorze

Os Últimos Dias (1.1-21)

"*Vss. 1-21.* A guerra final e a vitória final. Cf. Isa. 66.15-23; Eze. 38 e 39; Joel 3.9-21; Mar. 13.7-27; Apo. 20-22" (*Oxford Annotated Bible,* na introdução ao capítulo). "Naquele dia", ou seja, no último e escatológico dia, expressão que ocorre sete vezes neste capítulo, sendo usada num total de 16 vezes nos capítulos 12-14. Ver as notas expositivas sobre Zac. 1.3, que dão as agonias finais de Israel. Mas esse dia também trará a era do reino de Deus, o Novo Dia. Israel chegará lá através dos sofrimentos purificadores, conforme vemos em Zac. 13.8,9.

"Este capítulo contém outro relato sobre o último grande cerco de Jerusalém, pelas forças do paganismo. Trata-se de um trecho paralelo de Zac. 12.1-13.6, mas inteiramente diferente quanto aos detalhes, e muito mais saturado com a atmosfera sobrenatural dos acontecimentos apocalípticos" (D. Winton Thomas, *in loc.*). Cf. Sof. 1.14-18. O dia do Senhor também inclui a glória que se seguirá aos sofrimentos, e não meramente aos sofredores. II Ped. 3.10 inclui a era milenial nessa expressão.

14.1

Eis que vem o dia do Senhor. "O dia do julgamento do Senhor está se aproximando. As riquezas que tomaste serão divididas entre vós" (NCV). Os termos usados são próprios da linguagem da batalha, pelo que os "despojos" de guerra são as *riquezas materiais.* O que Israel ganhou ao despojar outras nações lhe será subitamente tirado pelos pagãos despojadores. Ou então os "teus despojos" significam as coisas valiosas de Jerusalém que são despojos potenciais para os pagãos e, de fato, tornar-se-ão tais. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Dia do Senhor.*

14.2

Porque eu ajuntarei todas as nações para a peleja contra Jerusalém. "Este cerco de Jerusalém, por parte de todas as nações (ou seja, seus exércitos representativos), será o estágio inicial do cerco lançado pelos exércitos gentílicos confederados, descritos em Zac. 12.2-9. Cf. Isa. 34.2; Oba. 15; Apo. 16.14,16. Esse cerco é conhecido como a batalha (ou campanha) de Armagedom. Antes que os povos de Judá e Jerusalém sejam dotados de poder para obter a vitória (ver Zac. 12.6-8; 14.14) e antes que o Senhor produza a destruição dos exércitos gentílicos (ver Zac. 12.9; 14.12-15), os pagãos, no começo da campanha, serão bafejados pela vitória em Jerusalém" (F. Duane Lindsey, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Armagedom,* quanto aos detalhes. As descrições dadas são típicas dos ataques desfechados pelos antigos exércitos — matança generalizada; saque de todos os bens em vista; violação das mulheres; cativeiro subseqüente. Quando Jerusalém tiver tocado no fundo do poço da tristeza, Yahweh intervirá e reverterá toda a triste confusão. As descrições são parecidas com as que relatam a invasão dos babilônios, com o cativeiro subseqüente, e também são similares ao que lemos nas obras de Josefo, sobre o ataque dos romanos e a deportação dos judeus. Aqui, entretanto, antes que todas as drásticas conseqüências possam cumprir-se, o povo será salvo mediante intervenção sobrenatural.

14.3

Então sairá o Senhor e pelejará contra essas nações, como pelejou no dia da batalha. Encontramos aqui a quintessência do Apocalipse: uma última

e tremenda batalha em torno de Jerusalém (vss. 1-2); a intervenção de Deus com Seus exércitos celestiais (vss. 3-5); a redenção da natureza (vss. 6-8); o reinado universal de Deus (vs. 9); o reavivamento da Palestina, estando Jerusalém em segurança (vss. 10-11); a punição dos adversários de Deus (vss. 12-15); a recriação de Jerusalém como uma cidade santa internacional (vss. 16-19); a transformação do que é secular em sagrado (vss. 20-21). Isso é uma formidável fotografia do que conduzirá a humanidade à Nova Terra" (James T. Cleland, *in loc.*).

Yahweh-Sabaote (o Deus Eterno, o General dos Exércitos) assumirá sobre Si mesmo a guerra final e assegurará a Israel a vitória cabal, esperada desde longo tempo. A descrição das dificuldades finais de Israel nos assegura que somente a intervenção divina será suficiente para que haja Livramento Final. Yahweh é o Guerreiro da hora (ver Êxo. 15.3; Isa. 42.13 e Apo. 19.11-21).

14.4

Naquele dia estarão os seus pés sobre o Monte das Oliveiras. Uma das *características especiais* da batalha final será a divisão do monte das Oliveiras em duas partes maciças, o que produzirá um grande vale entre as duas metades. Parte da colina mover-se-á para o norte, e outra parte se afastará para o sul. Presume-se que um imenso terremoto esteja em vista, provocado pela Palavra divina. A presença de Deus, ao aproximar-se da cidade (sendo Ele o Guerreiro), porá fim a toda a atividade guerreira e causará gigantesca divisão do monte. Alguns vêem aqui o Messias, aparecendo pessoalmente; e, quando Seus pés pisarem o monte das Oliveiras (de onde Ele partiu da terra, por ocasião de Sua ascensão; ver Atos 1.11,12), ocorrerá a grande divisão. Segundo a visão de Eze. 11.23, a glória de Deus afastou-se de Jerusalém, do monte a leste de Jerusalém. Talvez devamos pensar nesse vale como o vale de Josafá, referido por Joel como o lugar do julgamento das nações (ver Joel 3.2,12). Quanto dessas descrições devem ser consideradas como acontecimentos literais e quanto deve ser considerado metaforicamente, continua sendo uma questão duvidosa.

14.5

Fugireis pelo vale dos meus montes, porque o vale dos montes chegará até Azel. Em meio a tão grande destruição e terror sem precedente, o remanescente de Israel abandonará a área, tal como fez quando um grande terremoto atingiu Jerusalém, no tempo de Uzias. Ver Amós 1.1. O remanescente judeu escapará através do vale formado pelo abalo sísmico e chegará a Azel. Mas essa tradução, fazendo certo lugar ser chamado por um nome próprio, significa simplesmente "o outro lado" (NCV). "Correreis por este vale montanhoso até o *outro lado*", chegando assim à segurança. Quando isso acontecer, imediatamente Yahweh-Elohim (o Deus Eterno e Todo-poderoso) intervirá e salvará o dia. Com grandes manifestações divinas, os inimigos de Israel serão dominados. Elohim trará um grande exército celestial, as hostes de anjos que garantirão completa vitória, com o aniquilamento dos pagãos. Esse é o sentido das palavras "todos os santos". Cf. Deu. 33.2 e Sal. 89.5.

14.6

"*Vss. 6-7.* A vitória de Deus sobre os pagãos será o prelúdio de uma transformação geral da natureza. O inverno e a noite serão abolidos; o mundo nadará em meio à luz, em uma primavera perpétua, na luz diurna infalível (cf. Apo. 21.25)" (Robert C. Dentan, *in loc.*). Fenômenos naturais sem paralelo acompanharão os acontecimentos e também fenômenos sobrenaturais. Cf. Isa. 13.10; 34.4; Joel 2.10,30,31; 3.15; Mat. 24.29. Mas não fica claro o quanto disso deve ser entendido literalmente e o quanto é metafórico. "Metaforicamente... a misericórdia triunfará sobre o julgamento. Haverá trevas, ou seja, *aflição,* mas haverá mais *luz,* ou seja, alegria e prosperidade, em lugar de trevas" (Adam Clarke, *in loc.*).

O original hebraico do vs. 6 é incerto. A Septuaginta, o siríaco, a Vulgata Latina e o Targum dizem aqui: "Naquele dia não haverá nem frio nem geada", que é a tradução seguida pela Revised Standard Version e pela nossa versão portuguesa. Se as palavras "não haverá luz" estão corretas, devemos compreender que uma luz sobrenatural substituirá a antiga luz solar. Haverá uma luz ímpar, ou dia, sem o ciclo usual de noites e dias.

14.7

Nas será um dia singular conhecido do Senhor. Este versículo continua a descrição do novo tipo de dia. Será o dia do Senhor, algo sobrenatural, e não a sucessão de dias e noites, conforme conhecemos. No fim da tarde, a luz continuará brilhando, em vez de o dia esmaecer, até desaparecer quando sobrevém a noite. Será um *dia sem igual* (NIV), que somente Yahweh conhece, e que permanecerá um mistério para os homens. Essa poderia ser uma linguagem metafórica sobre o dia eterno, mas alguns intérpretes insistem na interpretação literal daquilo que nada conhecemos nem podemos interpretar. Alguns estudiosos pensam que isso se refere à luz do reino de Deus, o dia ímpar de Deus, que virá depois das trevas (noite) da terra, não se referindo à questão do sol ou do dia literal. A luz terá vencido as trevas. Será um Novo Dia.

"Assim como a hora mais escura precede a alvorada, também será a precursora do dia do poder salvador de Deus... A teofania expulsará as trevas do desespero" (Ellicott, *in loc.*).

14.8

Naquele dia também sucederá que correrão de Jerusalém águas vivas. Encontramos aqui a menção a uma fonte perpétua de águas vivas. Cf. Zac. 13.1, onde a função da fonte é a purificação. Tal como em Eze. 47.1, a fonte proverá suprimento adequado de água para a Terra Prometida, onde a água potável sempre constituiu um problema. A grande fonte de águas que sairá de Jerusalém, para ser entendida como uma espécie de provisão divina, dividir-se-á em dois braços. Um dos braços irá para o mar oriental (o mar Morto), e o outro dirigir-se-á para o mar ocidental (o mar Mediterrâneo). Esse grande fluxo de água prosseguirá durante todo o ano, tanto no verão como no inverno, e não se secará por uma parte do ano, como acontecia à maior parte dos rios da Palestina. Talvez a questão deva ser entendida literalmente: o fim do problema da água potável em Israel. Porém, perderemos de vista o ponto principal, se deixarmos de perceber aqui as águas vivas e espirituais de Deus como a provisão celeste para a alma. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Água*, que inclui os usos metafóricos da palavra. Da mesma maneira que a água literal promoverá fertilidade sem precedente na Terra Prometida, também proverá grande desenvolvimento e bem-estar espiritual para os homens. "Águas vivas, símbolos do conhecimento divino e da vitalidade espiritual (ver Joel 3.18; Eze. 47)" (Ellicott, *in loc.*). Cf. João 7.37. As águas espirituais jorrarão em todas as direções, atendendo às necessidades de todos os seres humanos.

14.9

O Senhor será rei sobre toda a terra. Yahweh tornar-se-á Rei de toda a terra; Seu nome será um só; Ele será reconhecido como o único Deus verdadeiro, porquanto a idolatria terá sido completamente obliterada, e a fé judaica triunfará, finalmente. Cf. Zac. 4.14; 6.5 e Miq. 4.13. Ver especialmente Deu. 6.4: "Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor".

Alguns eruditos aplicam este versículo ao Messias e apontam para Apo. 7.14 e 19.16. Mas Yahweh está em foco. Ver Isa. 37.16; 45.5,6,14,22; 46.9. A idolatria e o culto falso serão cortados da Terra Prometida (ver Zac. 13.1,2). Ver também Atos 4.12. Deus tornar-se-á tudo para todos (ver I Cor. 15.28). Cf. Col. 1.16. Todas as coisas foram criadas *Nele, por meio Dele* e *para Ele.*

14.10-11

Toda a terra se tornará como a planície de Geba à Rimom ao sul de Jerusalém. A Terra inteira de Judá, de Geba (na fronteira norte; ver Jos. 21.17) a Rimom (a suposta fronteira sul, cerca de 56 km ao sul de Jerusalém; ver Jos. 15.32), será nivelada miraculosamente, transformando-se em uma espécie de vale. Jerusalém, entretanto, permanecerá em um nível mais elevado, nas colinas. O vale proverá contraste com a capital, o que fomentará sua glória. Cf. Isa. 2.2. O profeta Zacarias, ao mencionar alguns poucos dos portões de Jerusalém, parece estar dizendo que "toda a cidade" será exaltada. Quanto à *porta de Benjamim,* ver Jer. 37.13 e 38.7. A *primeira porta* é desconhecida. A *porta da esquina* ficava na muralha ocidental. A torre de Hanel (ver Nee. 3.1) situava-se na muralha norte. Os lagares reais provavelmente ficavam na parte sul da cidade, e são aqui mencionados para assegurar-nos que essa parte da cidade também participaria da exaltação. Jerusalém terá numerosa população e será livre das maldições, tanto as domésticas quanto as estrangeiras. Ela estará em perfeita segurança, desfrutando as bênçãos de Yahweh na era do reino de Deus. Cf. Isa. 32.18; 33.20; Amós 9.15; Miq. 4.4 e Zac. 3.10.

"*De Geba a Rimom* representa os limites aproximados da tribo pré-exílica de Judá (II Reis 23.8)... A cidade será reconstruída segundo suas dimensões pré-exílicas (ver Jer. 31.28)" (Robert C. Dentan, *in loc.*). A *restauração* é o tema deste versículo. Todo o Israel será salvo (ver Rom. 11.26). As guerras e os agentes moralmente destruidores fracassarão. Haverá um Novo Dia com condições totalmente diferentes.

"A idéia da *elevação* de Jerusalém é sugerida por sua posição geográfica, situada, por assim dizer, em um ninho nas montanhas (ver Sal. 125.2). A linguagem, naturalmente, é figurada, denotando a importância religiosa da cidade" (Ellicott, *in loc.*).

14.12

Esta será a praga com que o Senhor ferirá a todos os povos que guerrearem contra Jerusalém. Yahweh não mais permitirá que o paganismo invada Sua Cidade Santa, o lugar de Sua habitação. Se algum indivíduo ou nação tentar tal coisa, sofrerá uma *praga especial,* desfechada pela mão divina. Essa terrível enfermidade será caracterizada pelo apodrecimento geral, tão rápido que tomará lugar quando o homem ainda estiver de pé. Não haverá período de incubação. A podridão se espalhará pelo corpo inteiro rapidamente. Os olhos apodrecerão em suas órbitas, e a língua apodrecerá dentro da boca quase imediatamente. O

indivíduo, pois, acabará em podridão maciça. Ficará de pé como uma coluna pútrida, e, quando cair, a podridão rasgará pelo meio o seu corpo e uma carne dotada de tremendo mau cheiro se espalhará pelo solo. Em seguida, a praga se espalhará igualmente entre os animais domesticados (vs. 15). Nem mesmo o Apocalipse do Novo Testamento contém algo tão temível e desgostoso quanto o que lemos aqui. Nem mesmo as Dez Pragas do Egito tiveram algo que se comparasse ao que lemos aqui. Sem dúvida alguma, este é o mais repelente de todos os versículos da Bíblia. Nunca o ouvi ser citado no seio da igreja.

14.13

Naquele dia também haverá da parte do Senhor grande confusão entre eles. O exército invasor será afetado pelo pânico, e eles se matarão mutuamente. Várias ocorrências históricas sem dúvida estavam na mente do profeta Zacarias, quando ele escreveu essas palavras. Cf. Êxo. 9.14; Sal. 37.36; I Sam. 5.9; 14.20; Isa. 22.5. Será um dia bom para morrer, e haverá várias maneiras de aniquilar exércitos inteiros. O salário do pecado é a morte (Rom. 6.23). Cf. também Zac. 11.17 e Apo. 11.13.

14.14

Também Judá pelejará em Jerusalém; e se ajuntarão as riquezas de todas as nações circunvizinhas. "Judá lutará *em* Jerusalém", ou "contra Jerusalém" (conforme diz a Revised Standard Version). Isso nos remete às idéias expressas em Zac. 1.6-7, ou seja, à iniciativa dos guerreiros de Judá, que no começo ultrapassarão em heroísmo aos soldados de Jerusalém. Se a tradução "contra" está correta, então deve significar, "contra os inimigos de Israel, em Jerusalém", porquanto não haverá oportunidade para uma guerra civil em Israel. Os soldados judeus recolherão as riquezas das nações, pois haverá ali grande saque. O "salário" recebido pelos exércitos antigos eram os despojos obtidos quando a vitória pendia para o seu lado. Cf. Eze. 39.10,17. "Os exércitos orientais sempre marchavam levando consigo ouro, prata e outros artigos valiosos (cf. II Crô. 20.25)" (Ellicott, *in loc.*).

14.15

Como esta praga, assim será a praga dos cavalos, dos mulos... Este versículo remete ao vs. 12, a estranha e temível praga que desempenhou seu papel para vencer os invasores. Agora, a mesma praga se espalhou entre os animais domesticados, limpos ou imundos. Estão em pauta os animais do acampamento inimigo, que os invasores trouxeram com eles como alimento e transporte, bem como os cavalos de guerra que ajudariam diretamente na batalha. Visto que esses animais fizeram parte da horda invasora, eles não foram poupados.

14.16

Todos os que restarem de todas as nações que vieram contra Jerusalém, subirão de ano em ano para adorar o Rei. *A misericórdia entrará em cena,* pois é assegurado que o remanescente do exército inimigo (e, presumivelmente, aqueles que permaneceram em suas terras) se converterão à fé dos hebreus e cumprirão seus deveres nas peregrinações. Eles adorarão Yahweh e Seu Messias. Entre as observâncias por eles guardadas estará a festa dos Tabernáculos, uma das três celebrações anuais obrigatórias. Provavelmente, essa festividade foi mencionada para representar a "adoração geral", a observância das três festas anuais e todos os outros ritos e leis pertencentes a Israel. O aspecto *judaizante* da era do Reino sempre está em vista nos escritos proféticos, mas não precisamos tomar literalmente essas descrições. Elas simbolizam a adoração do Novo Dia, e os profetas não possuíam luz suficiente para expressar a questão de outra maneira. Cf. Miq. 4.1,2 e isa. 11.9.

"O fato de que os gentios irão a Jerusalém (cf. Isa. 2.2; 4.1; 66.23; Zac. 8.23) para adorar não significa que eles se tornarão prosélitos do judaísmo, conforme acontecia nos tempos do Antigo Testamento. A adoração religiosa do milênio não será um judaísmo restaurado, e, sim, uma nova ordem religiosa mundial, que abarcará igualmente judeus e gentios. Contudo, ela se centralizará em Jerusalém e incorporará certos aspectos da adoração veterotestamentária" (F. Duane Lindsey, *in loc.*).

As três festas anuais dos israelitas eram a páscoa, o Pentecoste e os Tabernáculos. Talvez a última dessas três festas seja específica para fazer-nos lembrar de que as "perambulações do deserto" das nações (no pecado e na degradação) terminarão em Jerusalém. Todas as nações voltarão a Deus e à verdade. Cristo armou Seu tabernáculo entre nós, levou-nos a Deus e trouxe Deus até nós.

14.17

Se alguma das famílias da terra não subir a Jerusalém... não virá sobre ela a chuva. Se algum povo ignorar o culto em Jerusalém (isto é, não se converter e não prestar adoração devida ao Rei), então a punição divina de tais réprobos tornar-se-á realidade, sob a forma de seca. Com a agricultura em ruínas, eles repensarão a questão e farão o que outras nações também fizeram. Yahweh dos Exércitos, que estará exercendo poder soberano sobre todos os povos, não tolerará rebelião nem alienação de espécie algum. Nenhum povo terá permissão de deslizar de volta a seu estado anterior, dando assim mau exemplo a outros povos. A celebração das festividades tinha por propósito agradar a Yahweh e assim garantir Sua ajuda, quando Ele daria chuva suficiente para que a vida continuasse normalmente. A festa dos Tabernáculos fazia parte das celebrações do Novo Ano, e isso acontecia num tempo em que o povo de Israel esperava em Yahweh para conferir-lhes um ano apropriado, o que de maneira alguma podia ocorrer sem chuvas adequadas. Até mesmo em tempos posteriores, quando os aspetos originais do Tabernáculo não mais estavam sendo observados, a *libação de água* era um importante rito nessa festividade, pois então se ofereciam pedidos de água da parte do céu. Ver a Mishnah, *Sukkah,* 4.9. Metaforicamente, as *chuvas* falam de *todos os favores e bênçãos* de Deus.

14.18

Se a família dos egípcios não subir, nem vier, não cairá sobre eles a chuva. Se os *egípcios,* em particular, não participarem da adoração divina em Jerusalém (no mundo unificado de Deus), então retornarão as antigas pragas e ensinarão àquele povo uma lição. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Pragas do Egito.* Os egípcios, que contam com o poderoso rio Nilo e com seus métodos de irrigação, não dependem tanto da chuva quanto outros povos. Por conseguinte, a seca não seria uma punição tão eficaz contra eles. Mas as antigas pragas os levariam à Nova Realidade em que viviam.

14.19

Este será o castigo dos egípcios e o castigo de todas as nações. Diferentes nações que se rebelarem serão atingidas por diferentes tipos de julgamentos divinos, e nenhuma será isentada. Em outras palavras, a adoração que não for voluntária será forçada, porquanto as sementes do paganismo não terão permissão de germinar. As nações que não adorarem o Senhor estarão sujeitas à *maldição,* mas essa maldição será uma medida da graça, que assegurará o arrependimento e a restauração.

14.20

Naquele dia será gravado nas campainhas dos cavalos: Santo ao Senhor. A *santidade* será o principal atributo da fé restaurada de Israel. A santidade será obrigatória para os judeus e para os gentios, quando a Nova Ordem de coisas dominar o mundo. Até as campainhas dos cavalos terão uma inscrição gravada: "Santidade ao Senhor". E se os cavalos são tão dedicados a Yahweh, quanto mais os homens devem ser santos. Até mesmo os vasos, panelas e taças terão essa gravação. O profeta via um Novo Templo como o centro da nova adoração. Da mesma maneira que o crime e o deboche caracterizavam os homens do passado, agora a santidade será a principal característica durante a era do reino de Deus. Quanto ao templo ideal (milenial), ver Eze. 40-43. A antiga dicotomia que havia entre o secular e o espiritual será removida conforme os homens forem espiritualizados em todos os aspectos de sua vida e de seu ser. Na referência às *panelas,* alguns eruditos vêem esses instrumentos de cozinha trazidos a Jerusalém pelos adoradores. Naqueles dias, até as panelas comuns tornar-se-ão vasos sagrados. O que for secular será espiritualizado. "Os mais humildes utensílios da casa de Deus (ver Nee. 10.29) serão como os vasos de prata e ouro usados nos sacrifícios solenes. Serão como os vasos defronte do altar" (Adam Clarke, *in loc.*). "Os receptáculos usados para ferver, para receber cinzas etc., serão tão santos quanto os vasos usados para aparar o sangue dos sacrifícios (ver Zac. 9.15 e I Sam. 2.15)" (Fausset, *in loc.*). Devemos compreender que um ritual muito mais elevado, um sacerdócio e um culto mais elevado caracterizarão a era do reino de Deus.

14.21

Sim, todas as panelas em Jerusalém e Judá serão santas ao Senhor dos Exércitos. As *panelas comuns,* em todo Judá e Jerusalém, participarão da dedicação geral de todas as coisas a Yahweh. Mão mais haverá panelas profanas ou seculares. Yahweh dos Exércitos será honrado como o Soberano de todos, e a adoração a Ele e uma nova ordem santa permearão todos os aspectos da vida. Além disso, o comercialismo, que servia de praga nos templos antigos, será eliminado. O dinheiro não terá permissão de corromper a nova adoração. "O ponto central é que no mundo renovado, no reino de Deus, a distinção comumente feita entre o que é secular e o que é sagrado será abolida. *Todas as coisas serão sagradas"* (Robert C. Dentan, *in loc.*).

Algumas traduções dizem *cananeu,* em lugar de "mercador", ou seja, aquele que promovia o comércio no templo de Jerusalém. Isso transmite o sentido de que todas as manifestações do *paganismo* serão eliminadas no santo templo de Deus e na nova ordem do milênio. Embora essa idéia transmita uma verdade, sem dúvida o significado aqui é o comercialismo, aquilo que os cananeus representavam e que indicado pelo nome deles. Cf. este versículo com João 2.14. A espiritualidade, por conseguinte, finalmente ganhará a batalha contra o dinheiro, e essa não será uma pequena realização. "Se um homem precisar ter, agora mesmo, os primórdios do céu, deve tudo acontecer mediante a consagração absoluta

de todas as coisas a Deus sobre a terra. Que a vida de um homem seja uma liturgia e um ato santo de serviço a Deus" (Fausset, *in loc.*).

Rendo tudo a Jesus.
Tudo a Ele livremente dou.
Sempre O amarei e confiarei Nele,
E todos os dias viverei em Sua presença.

(J. W. Dan DeVenter)

Ver no *Dicionário* o detalhado artigo chamado *Consagrar, Consagração,* que pode ser usado para ilustrar este versículo final do livro de Zacarias.

Queres encontrar um lugar de descanso em Seu Reino,
Queres ser aprovado por Ele em um teste providencial?
Queres em Seu serviço trabalhar sempre o melhor possível?
Então deixa-O ter o Seu caminho contigo.

(Cyrus S. Nusbaum)